PUC
RIO

SÓCRATES ÁLVARES NOLASCO

IDENTIDADE MASCULINA
UM ESTUDO SOBRE O HOMEM DE CLASSE MÉDIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

RIO, 28 DE JANEIRO DE 1988.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
http://www.puc-rio.br

N.Cham. 150 N789 TESE UC
Título Identidade masculina
0037465
Ex.1 PUCB

SÓCRATES ALVARES NOLASCO

IDENTIDADE MASCULINA -
UM ESTUDO SOBRE O HOMEM DE CLASSE MÉDIA

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Orientação Inicial: Anamaria R. Coutinho
Orientação Final: Circe Navarro Vital Brasil

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PUC/RIO

Rio, 28 de janeiro de 1988

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
BIBLIOTECA
DO RIO DE JANEIRO
1562
26/09/89
BC-D 37465

VC22952-7

22764

150
N789
TESE/UC
ex 1

A Renata Braga e

Guitamar Nolasco

AGRADECIMENTOS

A Guitamar Nolasco e Iacy Alvares Nolasco, meu pai e minha mãe, amigos de caminhada.

Ao Sr. Jorge Paulo Lemann, pelo apoio e estimulação ao trabalho.

A Marília Sodré Teixeira, pela paciência, confiança, carinho e dedicação com que me acompanha no encontro da humanidade de meu desejo.

À professora Circe Navarro Vital Brasil, pela confiança depositada e valiosa contribuição dada a esse trabalho.

À professora Ester Arantes, pela cumplicidade na vida.

Ao Sr. Samuel Faro, pela disponibilidade e atenção com que se propôs a partilhar este momento.

Ao professor Luiz Fernando Dias Duarte, pela seriedade, atenção e apoio dados a este trabalho.

A Jussara de Carvalho Soares, Ricardo Vieiralves e Thereza Galvão, meus amigos das horas.

A Rita Calaça, Maria Nazaré Freire Nascimento, Eliane Celeste de Almeida Lima, pelo apoio e incentivo recebido.

A Monica Baram, Monica Flaks Shneider, Martha Coelho Pereira, Raquel Correia de Oliveira e Gisele de Almeida Vieira, pela colaboração dada ao texto.

A Marcelina Oliveira de Andrade e Luzia Rosa Angeli, pela dedicação e amizade.

À professora Ana Maria Ribeiro Coutinho, pela contribuição dada ao texto.

Â Vice-Reitoria Comunitária, ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ e ao Departamento de Antropologia do Museu Nacional da UFRJ, pela contribuição recebida.

Â CAPES, pelo apoio financeiro recebido.

A professora Célia Novaes, pelo estímulo e confiança depositados.

A Sílvio Pozzato, Ivo Tito, Isaac Bernart e João Avelino, pelo interesse e contribuições dadas a este texto.

RESUME

Le présent travail a pour but d'identifier et d'analyser les paramètres utilisès par un groupe de quinze hommes au sujet de leurs considérations concernant le travail, la foncion sexuelle et les précautions à l'égard de certaines émotions.

Par la suite seront présentées les visions manifestées par ces individus au sujet de la femme et de l'homosexualité.

L'intention de l'auter est de discuter sur les changements qui se produiraient actuellement dans le comportement de l'homme de la classe moyenne, afin d'identifier le niveau où ces changements s'opèrent.

Les travaux donnés se basent sur des témoignages cueuillis à travers d'interview personelle effectuée avec quinze hommes dans une période de novembre 1986 à avril 1987. Ces individus résident dans la zone sud de Rio de Janeiro et sent agés de vingt à trente ans.

Les points soulignés théoriques et de base utilisés comme instruments pour la compréhension du discours des individus proviennent de la théorie psycho-analytique et marxiste.

RESUMO

Este trabalho identifica e analisa os parâmetros utilizados por um grupo de quinze homens no que diz respeito a suas considerações acerca do trabalho, do desempenho sexual e do cuidado com certas emoções.

Posteriormente serão apresentadas as visões que estes indivíduos têm da mulher e da homossexualidade.

A intenção do autor é discutir as mudanças que estariam ocorrendo no comportamento do homem da classe média, a fim de identificar o nível em que se operam as mesmas.

Os dados trabalhados baseiam-se em depoimentos colhidos através de entrevista pessoal efetuada com 15 (quinze) homens no período de novembro/1986 à abril/1987. Estes indivíduos residem na zona sul do Rio de Janeiro e têm idade entre 20 a 30 anos.

Os enfoques teóricos básicos utilizados como instrumentos para compreensão do discurso dos indivíduos são oriundos das teorias psicanalítica e marxista.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. 1

CAPÍTULO I - CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO PARA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS 3

CAPÍTULO II - TRABALHO, DESEMPENHO SEXUAL E O CUIDADO COM AS EMOÇÕES: UMA INTRODUÇÃO À IDENTIDADE MASCULINA. 14

2.1 - Assertividade no Trabalho 22

2.2 - Preocupação com o Desempenho Sexual 51

2.3 - Expectativa, Seletividade e Controle das Emoções. 82

CAPÍTULO III - CONSIDERAÇÕES SOBRE A MULHER 106

3.1 - Mulher e Trabalho. 108

3.2 - Mulher, Sexo e Casamento 120

CAPÍTULO IV - A HOMOSSEXUALIDADE LATENTE. UMA DISCUSSÃO SOBRE A AFETIVIDADE MASCULINA. . . . 143

4.1 - Sobre a Homossexualidade 147

CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS 164

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. 169

ANEXO 1 (Roteiro utilizado nas entrevistas). 177

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apontar as questões em torno das quais se articula o discurso de quinze homens de classe média.

O fato que nos motivou a realizá-lo foi a constatação do "*silêncio crítico*" que existe ao redor do universo do homem. Como se trata de um estudo psicológico, vale apontar que no início do mesmo estivemos durante alguns meses estudando e analisando textos antropológicos por considerá-los pertinentes. Contudo procuramos conduzir nossa análise a partir das contribuições psicanalíticas.

A ausência de questionamentos sobre os problemas pertinentes ao homem foi o ponto de partida para desenvolvermos este trabalho. E então percebemos ser oportuno desenvolvê-lo na direção do campo psicanalítico, no qual a "falta" é tematizada. Lacan afirma que o objeto da psicanálise não é o homem, mas o que lhe falta. Mas o que lhe falta?

Nossa intenção é de, a partir do discurso dos homens, caracterizar quais são as categorias que organizam os seus discursos e daí então analisá-las através do referencial psicanalítico.

Nos capítulos que se seguem, os títulos se referem às categorias de análise utilizadas por nós, e presentes nos depoimentos dos indivíduos entrevistados, sendo que o conteúdo do trabalho busca caracterizar o universo destes homens, com base na entrevista realizada. Logo, será em torno do tra

balho, do desempenho sexual, da seletividade de certas emoções, da mulher e do fantasma da homossexualidade que os homens irão desenvolver as visões de si e do mundo.

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO PARA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

CAPÍTULO I - CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO PARA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Tratando-se de um estudo original e com precariedade de material bibliográfico específico, resolvemos desenvolver uma metodologia própria. Consideramos também relevante determinarmos um ponto de partida para iniciarmos nosso estudo.

Nosso ponto de partida foi uma questão - o que significa ser homem para o homem?, que foi transformada em uma entrevista composta de vinte e duas perguntas, que se encontra no Anexo 1 deste trabalho. Esta entrevista foi composta por questões extraídas das reflexões de Tolson e Lefaucheur & Falconnet[1]. Organizamos os depoimentos obtidos de modo que pudéssemos caracterizar o universo daqueles indivíduos.

Quando efetuamos a leitura de todos os depoimentos percebemos que o resultado se assemelhava a uma nuvem de pontos, ou seja, havia uma enorme diversidade nas opiniões, respostas e considerações sobre a maneira de viver do homem nas diferentes informações dadas pelos entrevistados.

A partir desta observação utilizamos, então, as reflexões de René Thon, presentes no texto *Parábolas e Catástrofes*. Comenta Thon: *"um problema de fundo da teoria dos sistemas e da teoria dos autômatos em geral é o seguinte: conhecendo as nuvens de pontos que se podem gerar deste modo, como re*

---

(1) TOLSON, A., Os Limites da Masculinidade. Assirio/Alvim. Lisboa, 1977.
FALCONNET, G., LEFAUCHEUR, N. A Fabricação dos Machos. Zahar, Rio, 1977.

construir o mecanismo intrínseco - ou o sistema de mecanismos internos - à caixa preta?" (p. 87). Em primeiro lugar nosso objetivo foi identificar os "*mecanismos*" que sustentam a fala dos sujeitos, buscando quantitativamente os elementos mais freqüentes em cada depoimento. Posteriormente analisamos o conteúdo da fala qualitativamente.

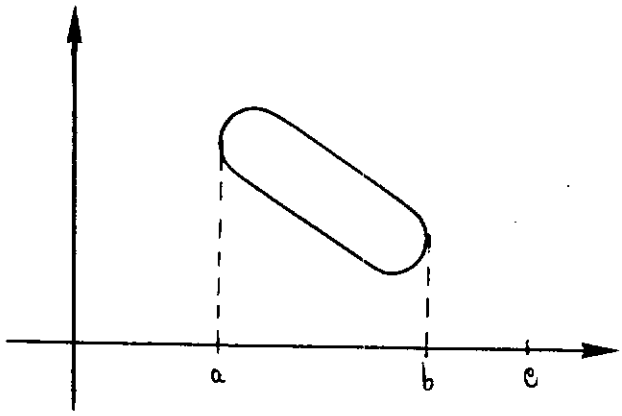
A nuvem de pontos é formada pelas diferentes respostas dos homens dadas às perguntas, sendo o nosso trabalho indicar os parâmetros utilizados por eles para respondê-las. Percebemos que deveríamos buscar o sentido, e por que não dizer a função que organiza o discurso. Deste modo, as reflexões de Thon nos serviram como suporte metodológico para encontrar o caminho para as categorias de análise. Nossa intenção foi buscar a função que poderia conferir sentido às opiniões emitidas pelos indivíduos. Neste momento percebemos que estávamos a caminho das categorias de análise do discurso. Assim, as categorias fazem parte do primeiro tratamento dado às diferentes respostas, de modo que aglutinam em torno de si, como catalizadores, a expressão e o conteúdo da fala dos indivíduos, apresentando o sentido imanente às mesmas.

Das categorias, passamos então à buscar de sistematização dos conteúdos para que pudéssemos processar as análise.

Thon nos oferece a possibilidade de aprofundarmos um pouco mais nossas reflexões a partir do que descreve como sendo os pontos de definição e destruição de um sistema (cf. pp. 88-9). Esta noção, explicitada no diagrama matemático, nos informa que existem pontos para um sistema que o definem, bem como existem outros nos quais o sistema não se define. Por

exemplo, no diagrama abaixo, "a" e "b" são considerados pontos de ruptura, e "c" um ponto em que o sistema não se define.

A curva, neste caso, passa a ser definida pelo conjunto de conceitos presentes na fala dos indivíduos, que determinam para eles o que é e o que não é ser homem.



Percebemos que, de forma análoga esta discussão pode ser transportada para a fala dos sujeitos. Quando perguntamos aos mesmos o que significa para eles ser homem, as respostas eram: ter um pau ou não ser viado. Se tomamos a curva (fotografia do discurso dos homens) como sendo a função que organiza as categorias do discurso, caracterizando assim o universo simbólico dos indivíduos, percebemos que os comentários "ser homem é não ser viado" determina um ponto limite para o sistema de comportamentos que convenciona o que é ser homem, na medida em que aponta o que é e o que não é um comportamento de homem[2].

---

(2) Notamos que a forma fluente com que vinham respondendo as outras perguntas se tornava lacônica e monossilábica. Adotamos esta observação como um fato que, ainda sem interpretação, se constituía em um traço característico do discurso dos homens.
A forma categórica com que respondiam a essa pergunta afastava de seu conteúdo considerações existenciais sobre o significado de ser homem.

Do mesmo modo, pela forma como os sujeitos tendem a conceber e articular o feminino e o masculino em seus discursos, percebemos que estes conceitos funcionam como pontos limites para o que tradicionalmente se define como comportamento do homem e da mulher.

Sobre as teses de Thon, queremos dizer que elas nos auxiliaram a compreender os contornos da subjetividade dos sujeitos por intermédio de suas falas, oferecendo-nos um suporte metodológico interessante. A partir destas discussões, desenvolvemos uma metodologia que tem como ponto de partida as descrições de Nogueira e Goffman sobre o homem conhecido tradicionalmente. Nogueira diz que o homem *é endinheirado, tem acesso a prazeres mais exóticos, está comprometido até os cabelos com o sistema político ocidental, concretiza fantasias de conquista, não tem problemas existenciais, não questiona a própria vida e sua posição no mundo, jamais sofreu, sofre ou sofrerá de angústias ou tristezas*".

Goffman, por sua vez, diz que só existe um homem que não tem nada do que se envergonhar: ele é jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do Norte, heterossexual, protestante, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto, bom peso, boa altura e com sucesso recente nos esportes. (conf. Estigma, p. 139).

Assim, quando construímos nossa questão e a apresentamos aos entrevistados, tínhamos em vista que iríamos encontrar um indivíduo que falaria enquadrando-se nos modelos descritos por Nogueira e Goffman (obviamente adaptando o padrão de Goffman às especificidades do caso brasileiro). Entretanto,

quando no campo, percebemos que o discurso dos sujeitos exibia uma postura crítica e reprovativa dessa concepção de homem, embora furtivamente demonstrasse estar comprometido com ela. Nas questões que diziam respeito ao casamento e relações sexuais, os parâmetros tendiam a oferecer mais privilégios ao homem do que à mulher. Devemos ressaltar que não seria correto afirmar que os indivíduos entrevistados correspondem ao modelo de sujeito citado nos parágrafos anteriores, porém não seria também correto dizer que os seus discursos são de homens que, na totalidade das respostas dadas, assumem uma posição igualitária diante da mulher.

Assim, para que pudéssemos desenvolver nosso estudo, optamos por elaborar nossa análise em dois planos: o social e o psicológico. No primeiro deles, estão articulados uma série de valores atribuídos às atitudes e comportamentos do homem. Neste sentido, o referencial para comportamentos e atitudes é o modelo descrito pelos referidos autores. Percebemos que há um investimento por parte dos sujeitos no sentido de negar este padrão, buscando identificar-se com um outro modelo de homem caracterizado, por exemplo, pela igualdade de direitos com a mulher, e que se expressa através de comportamentos não convencionais. Consideramos este fato não somente do ponto de vista do valor, mas do investimento feito pelos indivíduos, de modo que pudemos recorrer ao segundo plano de análise - que denominamos psicológico -, ou seja, o indivíduo investe em um ou em outro modelo. Este plano nos oferece a possibilidade de compreendermos um pouco mais como se constitui a dinâmica subjetiva dos indivíduos.

Os posicionamentos analisados nestes indivíduos se referem às atitudes diante do trabalho, do desempenho sexual, da mulher e da homossexualidade. Neste sentido, no plano social, identificamos no discurso dos homens comentários onde tendem a valorizar outros comportamentos, que são críticos aos comportamentos convencionais descritos no modelo de Nogueira e poderiam nos levar a pensar que está havendo uma mudança nas atitudes e valores do homem. Porém, estas opiniões referentes ao comportamento sexual, casamento e atitudes diante da mulher e da homossexualidade refletem um tom tradicional e inserido dentro dos padrões sociais desejados do homem. Neste sentido, percebemos um elevado grau de contradições nos comentários.

Estas contradições se explicitam na presença de opiniões igualitárias sobre a concepção da relação entre os gêneros e a descrição de como estão vivendo este *liberalismo* dentro de suas relações afetivas. Nossa intenção foi desenvolver um pouco mais a análise e destacá-la em um outro plano onde pudéssemos pensar esta contradição um pouco além da ótica do valor, buscando compreender o sentido que teria para os sujeitos, do ponto de vista psicológico. Foi então que lançamos mão do plano psicológico e tentamos, a partir do mesmo, prosseguir nosso estudo.

Assim, desenvolvemos uma estratégia para que pudéssemos organizar e dar sentido ao material de campo. Percebemos que os sujeitos investiam tanto em comportamentos convencionais quanto em não convencionais. Esse investimento está associado a uma tensão que, como comenta Tolson, busca reconhecimento e aceitação social. Interpretamos esta tensão como uma decorrência de contínuas idealizações do papel masculino, impostas e endossa-

das pelo homem durante seu processo de socialização. Esta idealização pode ser identificada quando os indivíduos falam sobre as expectativas sociais desejadas para o homem no que diz respeito basicamente ao trabalho e às relações afetivas.

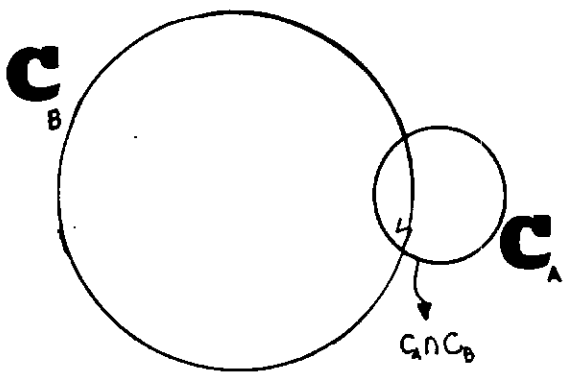
A forma que encontramos para ilustrar os pontos apresentados até o momento a fim de caracterizar a identidade dos sujeitos da pesquisa, foi de representá-los de forma gráfica. E o fizemos em duas etapas. Na primeira delas agrupamos os comentários dos indivíduos como se eles fizessem parte de um conjunto de comportamentos e sentimentos tradicionalmente masculinos. Este conjunto, mais comprometido com as descrições de Nogueira e de Goffmann, explicita o apelo de que o homem seja viril e conquistador, e o caracterizamos por CA.

Em outro conjunto, as considerações em que os sujeitos valorizaram outras atitudes, sentimentos e comportamentos para o homem onde virilidade, força e agressividade cedem lugar a sensibilidade, sensualidade e a uma concepção igualitária sobre os gêneros. Comprometido com um "novo" modo de ser, denominamos este grupo de impressões de CB.

Organizamos estes dois conjuntos tendo em vista as respostas dos sujeitos sobre determinados assuntos. Por exemplo, a base do discurso segue por uma vertente igualitária que busca romper com o machismo. Quando conversamos sobre os direitos no trabalho para o homem e a mulher, os papéis do casal, enfim quando a temática se situava sobre questões mais genéricas, os entrevistados em sua maioria defendiam uma ideologia igualitária, e não sexista. Contudo, quando falávamos sobre como viviam seus casamentos e como concebiam a liberdade sexual

para o homem e para a mulher, os entrevistados apontavem suas dificuldades de compor com a mulher um casal que assumisse como estilo de vida o liberalismo até então difundido. Ou seja, quando conversamos sobre como eles viviam o casamento (homem-mulher) os padrões de comportamentos utilizados pentenciam a concepções tradicionais sobre o que é um casal.

Identificamos, então, que as contradições de opiniões se acirravam, mostrando-se mais intensas quando pedíamos que eles relatassem suas experiências conjugais. Deste modo, caracterizamos o discurso da seguinte forma:

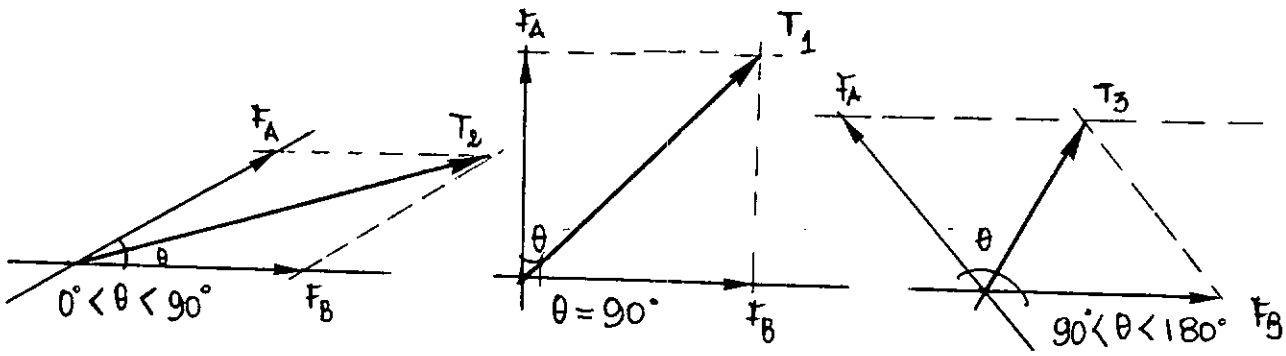


$C_A \cap C_B$
temas ligados às experiências conjugais

Em seguida, utilizamos uma segunda etapa gráfica para que pudéssemos caracterizar uma tensão presente no relato das entrevistas. Esta tensão pode ser observada através das contradições entre os dois conjuntos e também quando os indivíduos falam das grandes expectativas sociais, de sucesso, exigidas de um homem. Esta tensão, ou desconforto (mais ou menos consciente) com seu papel social, perpassa tanto a visão de mundo e de homem referentes a um conjunto quanto ao outro.

Queremos chamar a atenção não só para a contradição existente entre algumas opiniões, representada pela interseção dos dois conjuntos, mas tambem para o modo *tensionante* (ambivalente) com que o homem administra esta contradição. Para is

to, utilizamos um outro instrumento gráfico - vetores. Este gráfico caracteriza um aumento (ou diminuição) de tensão vivida pelos sujeitos, dependendo da forma como articulam diferentes concepções sobre si. Portanto, FA representa os conceitos e valores do CA, e FB os do conjunto CB.



O conceito de força nos é útil porque tem como premissa uma direção, que em nosso caso significa um referencial para adotar comportamentos. Os valores pertencentes tanto a um conjunto quanto a outro indicam que atitude o sujeito deve tomar. Assim sendo, pode existir, ou não, sintonia com a expectativa desejada. Esta expectativa pode ser interna ou externa ao indivíduo.

Por outro lado, a noção de força contribui também de outra forma para nosso problema quando lança mão do conceito de módulo (tamanho do vetor), para definir-se. Por analogia, temos o quanto de cada conjunto interfere nas ações e atitudes dos indivíduos.

Como terceiro elemento temos o ângulo formado entre as forças (θ). Como pode pode ser observado o vetor T aumenta ou diminui seu tamanho (intensidade) dependendo do valor atribuído a θ. Quanto menor θ, maior é a tensão gerada. Definimos

θ como sendo o ângulo correspondente à visão de mundo que tem o indivíduo, determinada pela combinação de diferentes concepções indicadas em CA e CB. Logo, quanto maior for θ, maior será a visão de mundo do indivíduo e, conseqüentemente, menor será a tensão experimentada por ele, e vice-versa.

Queremos chamar a atenção para o fato de que se as diferentes concepções e valores presentes no discurso dos entrevistados estiverem articuladas, de modo que sejam ampliadas as visões que eles têm de si e do mundo, menor será a tensão experimentada.

Consideramos a ampliação da visão de mundo como sendo da ordem das possibilidades e capacidades do indivíduo para integrar e operar com as diferentes concepções. Assim, para nosso estudo, analisamos a tensão (que é gerada por confrontos, divergências ou incompatibilidades entre diferentes valores) do ponto de vista psicológico. Porém, não perdemos de vista as correlações existentes entre o desempenho do papel social solicitado para o indivíduo e sua resposta às perguntas como fator gerador de tensão.

Deve-se considerar também que a tensão observada pode ser fruto do esforço feito pelo indivíduo para adequar suas necessidades e desejos às expectativas sociais que lhe são exigidas.

Portanto, encontramos no conteúdo das entrevistas algumas contradições referentes às diferentes concepções do que seja o papel do homem. Estas contradições refletem no indivíduo uma tensão decorrente dos esforços e das dificuldades que os mesmos estão encontrando para articular ambas.

Nos capítulos que se seguem, procuramos apresentar tre

chos das entrevistas onde aparecem as contradições mais freqüentes, procurando articulá-las às tensões vividas pelos indivíduos.

CAPÍTULO II

TRABALHO, DESEMPENHO SEXUAL E O CUIDADO COM AS EMOÇÕES: UMA INTRODUÇÃO À IDENTIDADE MASCULINA

CAPÍTULO II - TRABALHO, DESEMPENHO SEXUAL E O CUIDADO COM AS EMOÇÕES: UMA INTRODUÇÃO A IDENTIDADE MASCULINA

Quando em 1986 foi lançado pela L&PM o livro, *Macho Masculino homem - A sexualidade, o machismo e a crise de identidade do homem brasileiro*, algumas considerações nos chamaram atenção: será que a identidade do homem está em "*crise*"? Pode-se falar em "*crise*" de identidade do homem brasileiro de modo tão generalizado? Não seriam estas questões pertencentes a homens de classe média?

Ponderando sobre estas indagações foi que projetamos uma pesquisa para homens de classe média, residentes na zona sul do Rio de Janeiro. Foram utilizados os seguintes critérios para escolha dos sujeitos: idade, classe social, local de residência, profissão e nível de instrução (universitário).

Os indivíduos (15), têm entre 20 e 30 anos e são de classe média-alta. A profissão foi uma variável controlada, no sentido de se poder excluir os psicanalistas, psicólogos e psiquiatras. Esta exclusão foi considerada necessária para que pudéssemos evitar respostas muito específicas sobre o tema pesquisado.

Os indivíduos escolhidos moram com suas famílias (3); alguns dividem apartamento com amigos (5); outros moram sozinhos (2); ou estão casados (5). Vale considerar que cada um deles se encontra em diferentes momentos de vida.

Durante a entrevista, alguns pontos comuns foram notados: estão ou já estiveram em análise; têm como preferência as diretrizes políticas do Partido Verde ou dos Trabalhadores;

são indivíduos que valorizam a leitura, cinema e teatro.

O grupo entrevistado utiliza preferencialmente uma fala crítica com relação ao comportamento tradicionalmente desejado para o homem. Contudo, esta fala é ambivalente, permeada de dúvidas e incertezas. Apesar deles não fazerem parte de um grupo de trabalho ou de encontro social, têm pontos de vista e convicções bastante semelhantes.

Durante as entrevistas os indivíduos se mostraram, em sua maioria, tensos e fizeram uso de bebidas alcoólicas antes e durante a conversa. Alguns se queixavam de dor muscular, mas não atribuíam o fato ao que conversávamos.

A partir dos critérios de escolha dos sujeitos, mencionados no início deste item, solicitamos a pessoas conhecidas que indicassem outras que futuramente poderiam vir a ser convidadas a participar da entrevista. A partir daí, relacionamos 25 indivíduos. O primeiro contato que fizemos com os mesmos foi por telefone, sendo que nos apresentávamos explicando o motivo do telefonema e perguntando se existiria por parte deles interesse em participar de uma entrevista que duraria em média 90 a 120 minutos. Uma vez aceito o convite, os encontros foram sendo marcados na residência de cada um deles por conveniência dos mesmos. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, depois então analisadas e agrupadas em torno do que era comum a cada um dos sujeitos. Antes do início da entrevista era mencionado o sigilo do trabalho e o fato de que as informações não seriam utilizadas para outro fim. Assim sendo, os nomes foram todos alterados para que os sujeitos não possam ser identificados, bem como foram alterados os nomes de cidades e países.

Os capítulos deste trabalho foram montados a partir das áreas convergentes demarcadas através da fala dos indivíduos. Queremos relembrar que cada sujeito preserva sua singularidade, e que não é de nosso interesse padronizá-los, ou reduzi-los à discussão a que se propõe este estudo.

Para montagem das questões presentes, na entrevista consideramos o trabalho de Andrew Tolson (*Os Limites de Masculinidade, 1977*) e o de Georges Falconnet e Nadine Lefaucheur (*A Fabricação dos Machos, 1977*). As questões descritas e apontadas dentro dos dois estudos nos auxiliam a montar o roteiro empregado na entrevista semi-estruturada.

Para composição dos capítulos que se seguem utilizamos como recurso num primeiro momento o levantamento das categorias em torno do que se estrutura e organiza a fala dos indivíduos. Posteriormente, os escritos de Freud, Marx e Hegel foram os instrumentos utilizados em nossa análise.

O trabalho anteriormente mencionado (*Macho Masculino Homem*) conta com um número de conferências feitas por profissionais de diferentes áreas: jornalistas, psicanalistas, médicos e outros. Os textos do livro se preocupam com a "*quebra do mito masculino*". Mayrink, da revista *Afinal*, comenta sobre o simpósio que originou o livro, dizendo que "*os homens sequer se dão conta de seus problemas*".

Os anos de 86 e 87 são períodos em que jornais de grande circulação e revistas falam sobre a constatação da "*autoridade do macho*" (O Globo/JB) e na tentativa de "*mudança desta representação*" (Isto É/Claudia).

Em 87, a *Revista de Domingo*, do Jornal do Brasil, apre

sentou uma reportagem em que cita um grupo de homens que se reúnem em Santa Tereza para discutir a *maldita obrigação de ser macho*. O entrevistado, um homem de 31 anos, fala que: "*sofremos, mas poucos têm consciência disto. A obrigatoriedade do sucesso em todos os campos (no trabalho e na cama), a responsabilidade sobre a família e a cobrança de uma brutalidade que não mais interessa ao homem moderno. Reivindicamos o direito de se emocionar. Fora do escritório uso brinco e batom. A opressão das mulheres é mais visível, a dos homens é sutil. Nosso pênis, obrigatoriamente deve ter dimensões espetaculares*".

Em junho de 87, Moacir Costa, em entrevista à Isto É, o título "*Por um homem mais doce*", comenta que: "*na intimidade, o homem não é tão forte assim*". Dentro da entrevista, a tônica é a dificuldade do homem expressar e assumir suas emoções, bem como receber afeto de outras pessoas. Ele considera o ano de 85 como sendo marcado pelo aumento do número de homens que procuram tratamento médico, tratamento psicológico e que tomam tranqüilizantes. Chega a dizer que o homem morre mais cedo do que a mulher por causa de doenças cujo núcleo é a angústia, como a úlcera, a hipertensão e o enfarte. Comenta: "*a gente percebe como é forte seu conflito interno, o seu pânico, a sua crise de identidade. (...)*

O cara muitas vezes, vai para o casamento porque já está namorando há três anos, porque já terminou a faculdade, porque já está ganhando bem - mas raramente porque encontrou uma pessoa com quem possa compartilhar a vida, crescer juntos.

Em maio de 87, O Globo, em uma matéria intitulada "*O pai-mãe e a tarefa de participar das atividades domésticas*" tem

como intenção revelar que existe um número considerável de homens fazendo cursos de baby-sitter para cuidar dos filhos. Comenta que "a mesma sociedade que incentiva a mulher a ter multiplicidade de papéis dentro e fora do casamento não estimula o homem, como igual intensidade, a *assumir os tradicionais papéis femininos*".

No mesmo jornal, em abril de 87, uma outra matéria fala da *insegurança do sexo "forte"*. Nela, pontos como uma angústia *indefinida*, um aperto momentâneo, apontam para *problemas de insegurança*, em que o *amoroso* ocupa o primeiro plano: *o temor do desempenho sexual, o fantasma da traição que surge frente à "mulher crescida"*. Quando mencionam o desempenho sexual, comentam sobre a *falta de intimidade* presente nas relações masculinas, dizendo que a relação entre homens é muito menos íntima do que as amizades femininas. Atribuem este fato ao homen associar a fragilidade de sentimentos à fragilidade sexual, comprometendo com isto a representação viril. Comenta-se sobre um *novo homem* que emerge em meio a insegurança e que começa *timidamente a encontrar seu caminho*.

Fernando Serpa (psicoterapauta), comenta na revista *Isto É* (06/87) que: "*a maioria dos homens que conheço, de classe média, está sentindo é que o domínio que pretendem exercer sobre a mulher na verdade é opressor para eles*". Dentro desta perspectiva, o que se pode observar é que "*denúncias*" estão existindo sobre o papel tradicional desempenhado pelo homem, sendo o porta-voz para as mesmas a expressão das emoções; a necessidade de segurança, a preocupação com o desempenho no trabalho e na cama.

No Rio, nestes dois últimos anos, percebe-se um aumento de discussões em torno da relação entre os gêneros, e de um modo ou outro estas discussões passam pelo "*Desinteresse sexual dos anos 80*" (JB/86), "*Ausência de carinho*" na relação homem-mulher (*Revista de Domingo/87*). O fio condutor destas reportagens, tem sido o papel representado tradicionalmente pelo homem frente à mulher.

Se a identidade convencional aponta para o homem macho, viril e forte, um dos entrevistados neste estudo comenta que:

> O que é forte? É você por um lado entrar nas regras do jogo, ganhar dinheiro, ler um pouquinho de jornal, falar um monte de abobrinhas, assistir Cobra, assistir um monte de babaquice. Isso eu acho ridículo, isso eu acho fraqueza, acho que ser forte é ir atrás de seus ideais, entendeu? Por mais difícil que lhes sejam as coisas, entendeu? É encarar a loucura, encarar uma porrada de coisas. É ir à luta, é saber chorar, que é o que eu não sei... entendeu? Acho que quero aprender. É não parar. Acho que é forte no sentido de prosseguimento, ser homem no sentido de renovar, de aprender,. Assumir que quanto mais você sabe, você vê que não sabe um monte de coisas.

Tradicionalmente o homem é educado para ser forte e intelectualizado: o depoimento acima aponta a limitação deste papel, inferindo críticas sobre ele.

Falconnet e Lefaucheur, em sua obra já citada, desenvolvem um trabalho sobre o significado do ser homem hoje, levantando que "*idéia fazem os homens de seu papel, como adquiriram suas idéias pessoais a respeito das mulheres, do sexo, da família e da vida*". Comentam que "*os homens, atacados ao nível de comportamentos que consideram "naturalmente" masculinos, reagem*

de duas maneiras: endurecem e apegam-se ao seu papel dominador e autoritário de 'macho', ou admitem, em diversos graus, o bem fundado das reivindicações femininas... o que os leva a sentirem-se culpados de serem homens, vergados ao peso de todos os 'pecados' da masculinidade. Em ambos os casos, o mal-estar é profundo".

No livro, o tema libertação é utilizado não só como referência para falar sobre o que ocorre com as mulheres, como também para apontar a necessidade de uma *libertação da sociedade*. Sobre a *libertação da sociedade*, Tolson (1977), em seu livro *Os Limites da Masculinidade*, aponta "*a ideologia patriarcal, como sendo aquela que define a experiência de masculinidade. Diz que esta experiência é extremamente facetada e diversa (...).* Provavelmente, isso deve-se ao fato de o patriarcado, como linguagem inconsciente, penetrar todas as definições 'oficiais" das instituições do Estado.

É nesta linguagem que se assenta o poder dos homens. Linguagem social da qual o 'homem', enquanto portador dessas mesma qualidade, surge como sujeito: trata-se de uma linguagem autoritária da política e do mercado, uma linguagem racional, operando através de definições e conexões de toda espécie - e que é ao mesmo tempo uma linguagem de abstração. Igualmente, é nos silêncios desta linguagem que se encontra encarcerada uma masculinidade reprimida (cf. Tolson, pp. 21 a 25).

Tolson admite que *a masculinidade e as experiências pessoais dos homens* são necessariamente uma construção social. Essa construção tem como função atender às demandas do sistema capitalista. O desafio lançado pelo autor recai sobre *homens socialistas*, no sentido de que eles possam compreender a masculi

nidade como um problema social. Este desafio tem como intenção construir *uma sociedade socialista não-sexista.*

A distinção entre o trabalho de Falconnet & Lefaucheur e o de Tolson é que a análise dos dois primeiros segue uma vertente sociológica, percorrendo a representação social do homem francês, enquanto que o trabalho de Tolson, sobre a representação social do homem inglês, centraliza-se na crítica ao patriarcado.

Nos EUA, foram divuldados no jornal *Inthese Times* (1984/08) e no livro *Man and Masculinity* (1974) trabalhos que criticam a representação tradicional do homem. Esta crítica busca uma representação que siga a perspectiva de humanização do sujeito. No texto do *Inthese*, lê-se: "men want humanization... Men need have an emotional language so they can deal with their feelings".

A ótica *humanista* também é utilizada no livro *O Último Homem* (1977). Este trabalho trata do depoimento de quatro homens. Narra situações bastante diferentes e os autores têm entre 18 e 30 anos, pertencendo à esquerda revolucionária italiana. Os depoimentos seguem uma trajetória de denúncia a opressão vivida pelo homem que tem por padrão de comportamento e atitude o perfil do "*homem macho*". Um dos entrevistados comenta que:

> O modelo masculino tradicional está falido. Ele gera todas essas neuroses que a gente vê por aí, uma insatisfação muito grande. E o homem que carrega essa bigorna nas costas é uma máquina, um robô que responde prontamente a todas as situações que acontecem. E eu acho que a falência deste modelo começa pela classe média e vai se espalhando, porque é uma coisa

> completamente anti-humana. Só poderia falir mesmo, e a falha para o homem é uma coisa inaceitável. Nesta medida, o modelo é uma máquina de frustrações, é uma herança.
>
> Os homens são muito inseguros. A imagem do homem comum é uma imagem muito acuada, de uma pessoa muito infeliz. E este machista espalha essa intensidade por todos os lados e é uma coisa muito desagradável conviver com este tipo. É um tipo de ser indispensável nesta sociedade autoritária, é inerente a ela. O machista é um elemento a mais nesse bolo autoritário que a gente vive. Tá em decadência.

2.1 - A Assertividade no Trabalho

> ...o trabalhador relaciona-se com o produto do seu trabalho como um objeto estranho. A partir daqui, torna-se evidente que, quanto mais o trabalhador se consome a si próprio, mais forte se faz o mundo que lhe é estranho dos objetos que ele cria por cima de si e contra si, mais pobre se faz o seu próprio ser, o seu mundo interior, e menos o trabalhador pertence a si próprio"... (MARX, k970, p. 108).

O trabalho seria para o homem como o eixo por meio do qual se articula sua identidade. O indivíduo irá se organizar para responder ao apelo de trabalhar .Deste modo, o trabalho sustenta sua mobilidade social , bem como a possibilidade de se autogerir e realizar-se como aquele que planeja, decide e resolve problemas. Sem o trabalho são poucas as alternativas de conseguir reconhecimento, recompensa e se situar frente a si mesmo e à sociedade.

Desde cedo, ao menino é perguntado o que vai ser quando crescer. Os adultos com quem ele se encontra, se não lhe fazem a pergunta, tentam respondê-la eles mesmos, buscando

descobrir nele aptidões e interesses que futuramente poderão ser convertidos em dinheiro, status e prestígio. A preocupação é a de escolher bem para se *dar bem, ter sucesso*. Assim sendo, a escolha de uma profissão é relevante, e sendo estes indivíduos pertencentes à classe média, suas escolhas consideram a passagem pela universidade. Dentro dela há profissões em que prestígio, ascensão social e estabilidade financeira poderão ser garantidas. Todavia, algumas profissões serão bem aceitas e outras não.

> Vou falar na dificuldade, de repente, não de um homem e uma mulher, mas de um homem mais velho. Eu acho que eu enfrento muito isso como artista novo, que está optando por um caminho não tão ligado a regras e padrões.
>
> Acho que de repente bate, você esbarra com tudo isto.
>
> Em primeiro lugar com a família. Neste caso é tão direto e em relação ao homem, já que coloquei o trabalho, mas, sei lá, uma cobrança a estar dentro dos padrões, quer dizer, no Terceiro Mundo escolher artes plásticas não é mole. Tanto o homem quanto a mulher já iam dar de cara com o padrão já estabelecido, já formulado: fazer artes plásticas já entra como marginal. Eu acho engraçado esta profissão meio marginal. É que quando a sociedade, quer dizer, coloca o valor em cima da obra, as pessoas que te cobram essa profissão marginal, quando te olham uma obra que tem o álibi de uma sociedade, de um crítico, a pessoa que fez é um gênio, é fantástico. Mas alguém que tá começando, tentando, como eu já falei, a coisa do sucesso, alguém que tá tentando uma coisa quase que impossível, que não devia ser, é um burro. Isso eu acho doido.

Os sujeitos se mostram contrários ao encadeamento profissional do modo como tradicionalmente é estabelecido. Chamam-no de impositivo e empobrecedor. Contudo, atestam quão difícil

é se deslocar em direção a escolhas profissionais mais compatíveis com seus desejos. O deslocamento para fora do padrão estabelecido impõe um tributo maior para o sucesso: O indivíduo poderá escolher ser artista plástico porém deverá, com o reconhecimento do sucesso de seu trabalho, suprir a lacuna entre esta profissão e uma outra convencionalmente aceita (a de engenheiro ou médico, por exemplo). Do contrário, segundo o comentário dos indivíduos, há discriminação para quem fizer este tipo de "*escolha profissional alternativa*".

A complexidade que envolve a escolha de uma profissão está ligada à complexidade da subjetividade do homem, sendo que o modo como esta se constitui socialmente não favorece a expressão da sua própria dinâmica. Pelo contrário, a subjetividade do homem fica limitada a um papel social, sendo este papel em grande parte determinado pela profissão que o indivíduo escolhe.

Discutir a escolha profissional é iniciar uma discussão do homem poder ser outros que não o convencionalmente definido. O sujeito, que *a priori* se queixa da dificuldade em poder decidir-se por escolhas profissionais que não as tradicionais, não percebe que a exigência de sucesso se apresenta como uma derivação da escolha tradicional. Ou seja, corresponde à valorização do homem bem sucedido, só que de modo personalizado.

O que se pode observar é que sair do papel desejado pela classe social a que pertencem eleva o nível de exigência dos indivíduos em suas escolhas profissionais. O sujeito pode escolher profissões que não estejam predeterminadas para o ho

mem. Bruno, um universitário de Direito, fala que:

> Com a família a gente não pode ter problema nenhum, tem de se virar sozinho e quando você vai crescendo vai descobrindo os valores da sociedade, e a família se fecha a qualquer discussão neste sentido. Com relação à parte profissional eu estou tendo problemas neste sentido. Estou sendo cobrado, estou me formando. Já estagiei em dois lugares mas não ganhava. E eu preciso de grana prá me virar.
>
> Estudo à noite e por vezes estou com sono, sem tomar banho e com fome, aí, esta dificuldade fica maior, porque *chego pra namorada e digo que estou sem trabalho, sou homem. A família dela me cobra ter um trabalho.*
>
> Eu acho que na América Latina os temores dos jovens são diferentes dos jovens europeus. *Aqui nós temos dificuldades em saber como começar a vida.* Pô, meu Deus, estou a fim de sair de casa, ter minha vida, meu trabalho, de poder fazer minhas coisas, aí fico sem perspectivas e desanimado, malhando todo tempo em ferro frio.
>
> Tem muita gente sem perspectiva e sem chão, não sou só eu não. Nós estamos podendo ter uma perspectiva a curto prazo.
>
> A família não aceita qualquer trabalho, não sei até que ponto vale a pena deixar a família. Os empregos que aparecem são todos umas porcarias, é difícil... Por outro lado, se *eu consigo alguma coisa que me realize mas que pague mal e começo a batalhar minha independência, aí meu pai corta minha mesada* e eu não tenho como me manter(grifos do autor).
>
> Eu não tenho perspectiva de sair de casa, eu quero sair, mas sair numa boa.

No que Bruno diz, nota-se que seguir a trajetória determinada pelo pai é poder usufruir dos benefícios oferecidos pela família, sendo que o "*acolhimento*" que dela recebe, contribui na decisão de permanecer ou sair de casa. A questão é o rompimento com a família que não está podendo ser realiza

UNIVERSIDADE CATÓLICA

do pelo indivíduo.

Em outro depoimento percebe-se que a mesma questão se coloca, só que de outra maneira: o que está em discussão é a manutenção de um emprego e o risco é a perda do padrão dado pelo mesmo.

Tanto no comentário de Bruno quanto no de Geraldo vê-se que o homem é dependente do papel que ocupa na sociedade temendo distanciar-se dele, em função de sua identidade estar reduzida a ele. Percebemos que o sujeito compreende que afastar-se do padrão de comportamento tradicionalmente exigido dele implica uma mudança de identidade, sendo que neste nível o que se problematiza é a identidade sexual. O homem fica bastante mobilizado para evitar este processo. Caso o indivíduo esteja insatisfeito com o trabalho que vem desenvolvendo ou até com a profissão que escolheu para si, prefere manter o desconforto frente ao que já conhece, a eliminá-lo e arriscar-se a uma situação nova.

Assim é como os sujeitos vêem os outros homens, sendo esta maneira de ser criticada por eles por não ser autêntica, distanciando o trabalho do prazer. Citam passagens de suas vidas onde nos momentos em que abdicaram de antigos trabalhos foram considerados por suas equipes, como *indivíduos de coragem*. O que estaria sendo chamado de coragem é o ato de se dirigir para fora de um lugar estabelecido e reconhecido para o trabalho de homem em detrimento de outro que pouco se sabe onde as margens de risco seriam maiores. Os entrevistados chamam um "*espaço*" de obrigações e lamúrias. Eles buscam outras opções para trabalhar, como uma forma de encontrar o prazer. Sa

bem contudo que nem sempre isto é possível. Geraldo comenta que:

> Há muitos anos que eu vinha escondendo uma força muito grande de me realizar, de olhar para mim e ver qual é meu lugar neste mundo, do meu ponto de vista. Eu vejo trabalho e ao mesmo tempo a coisa social do trabalho. Pintou o Plano Cruzado, eu olhei para frente e vi que nada ia aumentar e assim como eu tenho certeza uma centena de outras pessoas crêem.
>
> Eu acho que o trabalho é que está impedindo mais as pessoas de serem felizes, de serem produtivas, das pessoas se encontrarem. Eu acho que o trabalho ajuda muito, porque é uma coisa muito adulta. Eu vejo a relação com o trabalho como sendo uma coisa muito adulta, porque esta má relação, gerada pela má relação com o trabalho, ela empurra tudo neste sujeito, ou seja, a infelicidade dela como sendo instrumento de outras pessoas e não instrumento dele mesmo. Quando ele está cumprindo papéis dele, seguindo carreira.
>
> Eu sei que há uma relação de sexualidade com o trabalho, eu trabalhei com publicidade, e de todos os meios que eu trabalhei o publictário é o mais neurótico dos sujeitos, e carente também.
>
> É um cara que em geral ganha muito, mas em geral não tem um que pergunta porque está mexendo com publicidade e ele lhe responde que é por dinheiro. Geralmente são artistas.
>
> Uma vez um amigo meu estava com um bamba de publicidade de 35 anos que é supersucesso, e este amigo lhe disse que estava tentando deixar a publicidade e ele respondeu que estava tentando isso há 17 anos.
>
> Que postura este indivíduo pode ter no mundo? O que ele pode questionar ? Se ele tenta uma coisa e não consegue há 17 anos. Esse cara não é feliz. Eu acho que há uma confusão entre emprego e trabalho, e eu acho que do que eu falava era de emprego, Os publicitários de uma maneira geral se drogam muito, comemoram tudo. E as festinhas são feitas pelas próprias associa

> ções, se você vai almoçar com um cara destes, o que bebe em um almoço é o troço que eu bebo em uma festa.
>
> Quando eu saí da agência as pessoas diziam para mim: puxa você é corajoso. Se eu estou com sede, eu vou ali e bebo água, é, eu me perdi...
>
> Ah, eu me lembrei. Outro dia eu vi um cara, ele é poeta. Escrevia coisas muito bonitas. Eu ouvi ele dizer que não havia encontrado emprego de poeta, e que pra ele se submeter a qualquer emprego só se fosse por um salário muito alto. Então resolveu ser poeta. A estória comigo é a mesma, só que eu vou ficar duro em breve, o dinheiro acumulado está acabando, por enquanto opto por estar duro.

Nas entrevistas, os sujeitos se referem ao trabalho-profissão, como uma possibilidade de se realizar enquanto indivíduos, argumentando contra o trabalho-obrigação. Estas duas referências para o trabalho, uma obrigação e a outra realização, surgem em decorrência da "*quebra*" com a concepção de trabalho que receberam quando crianças. Dentro deste modelo, o trabalho atende a trajetória de profissionalização e, conseqüentemente, de preparo para ocupação do lugar na vida profissional.

Os indivíduos pertencem ao grupo de homens que têm como traço característico o que foi anteriormente denominado de *quebra*, ou seja, uma oposição ao que tradicionalmente se encontraria para o homem.

Através do salário, fruto da relação de trabalho, o homem pode cumprir suas obrigações, responsabilidades e deveres. Deste modo o papel do homem está diretamente articulado com trabalhar, ele será reconhecido pela sociedade enquan

to trabalha: o homem trabalhador.

Dentro da classe social dos sujeitos da pesquisa, o critério será trabalhar, contudo valorizando a profissão universitária. Dentro desta profissionalização existirão alguns ramos de atividades que serão prioritariamente valorizadas como sendo de homem: engenharia, economia, direito, por exemplo.

A fala dos indivíduos incide sobre o modo como se desenvolve tradicionalmente o trabalho para o homem. Criticam a ausência de sabor e satisfação do mesmo. Trabalhar é cumprir uma tarefa e com isto ocupar o "*lugar do homem*". Nesta medida, o trabalho para o homem funciona não só como um objetivo a ser perseguido, mas como "*arremate*" do desenvolvimento de sua masculinidade.

Associados à assertividade no trabalho, estão dois outros aspectos que são referências com que os homens contam para assim denominar-se; são elas: o desempenho sexual e a seletividade das emoções.

A identidade dos indivíduos pesquisados se desenvolveram em torno destes pontos referidos anteriormente. Estes pontos produzem uma identidade onde trabalhar e produzir é uma etapa que gera condições para o desempenho do seu futuro papel social: o de marido.

Trabalhar é desempenhar um papel que existe posterior e exclusive ao indivíduo, e que nesta medida seria sufocante e alinante. Escolhas profisisonais ligadas a outros cam

pos que não os convencionais buscariam dissolver as tensões geradas dentro deste tipo de escolha.

A busca de realização no trabalho estaria sendo o representante do encontro com a sua própria presença na atividade profissional. Profissões não convencionais serviriam como sinal deste momento em que a tentativa de constituir uma outra identidade se coloca em questão.

As preocupações decorrentes da expectativa com o trabalho estão em torno do poder e da fama. A escolha profissional não se apresenta mais como relevante desde que o indivíduo *seja famoso*. As dificuldades de se articular o que se deseja com as possibilidades de, com esta escolha, produzir dinheiro, são maiores, na medida em que o contexto econômico do país apresenta-se desgastado e desarticulado.

Diogo inicia seu discurso comentando:

> As dificuldades num país como o Brasil são muitas, a vida é muito difícil, do homem é cobrado a vida profissional, o matrimônio. Tudo isto contribui para prejudicar a vida e trazer mil dificuldades no trabalho e na escolha profissional, as famílias ficam mal formadas devido às cobranças.
>
> É difícil escalonar os problemas, mas o trabalho é difícil de conseguir, você que tem que trabalhar, casar, passa a maior parte do tempo no trabalho, depois chega em casa e aí vem o problema das relações mal transadas, é um ciclo. Se coloca um impasse como conciliar o que quero fazer com a demanda de emprego reduzida e determinada. Se escolhe então qualquer coisa que dê dinheiro, ou se trabalha muito para ser famoso.

O que o sujeito tenta apontar é que a quantidade de dinheiro pode atenuar outros problemas ligados com o tipo de vida que ele, enquanto homem, realiza. Do modo como fala, o "*modus vivendi*" masculino é formado por um encadeamento de obrigações sociais em que inexiste a participação do indivíduo: trabalhar é uma necessidade e portanto deve ser feito qualquer trabalho independentemente do desejo do sujeito.

A valorização do trabalho, e mais ainda, de se ter um trabalho, se tornou a tônica nos últimos anos. As dificuldades constantes em conseguí-lo, fizeram com que os indivíduos deixassem de considerar suas preferências, e passassem a aceitar qualquer oferta de emprego. O grupo entrevistado não está tendo problemas de sobrevivência material, porém,existe sobre ele uma exigência profissional que se alimenta de prestígio e status, em função da classe social da qual fazem parte.Esta expectativa social o coloca como pertencente a um ciclo onde há valorização do prestígio, notado na forma de inserção como profissional-liberal. Nesta medida, o que se altera não é o significado do trabalho para homem, mas a maneira individualizada de fazê-lo. A identidade do homem e sua relação com o trabalho se conserva, só que tendo como parâmetro fama e sucesso, diferente do que acontecia com as gerações anteriores em que para o homem trabalhar significava sustentar uma família. Como foi comentado por um dos entrevistados, ele tenta estabelecer uma relação entre trabalho, sexualidade e a omissão das emoções dos homens. "*Eu sei que há uma relação de sexualidade com o trabalho, (...) ele não mostra o que sente*".

O aprendizado social é de que o homem deve estar preferencialmente disponível para o trabalho, reduzir sua sexualidade[3] à genitalidade, comprometendo a expressão das emoções que não são valorizadas socialmente. A redução da sexualidade à genitalidade e o comprometimento das emoções, somados, geram e reforçam as idéias de poder e conquistas "*herdadas*" historicamente. Emerge uma crença na onipotência masculina, que o "*super-homem*" ilustra como exemplo, e que se vê materializar na constituição da ordem social binária e polarizada. O que queremos dizer é que o processo de construção da identidade do sujeito fica comprometido, tendo em vista a ideologia assumida pelas diferentes instituições sociais no que diz respeito à sexualidade (Foucault, 1980; Ussel, 1970), bem como à importância dada à mesma na construção do sujeito (Freud, 1907-8, 1917-1925). Logo, dos efeitos provocados sobre o indivíduo, um deles pode ser encontrado na intensificação do "*desejo de poder*", como conseqüência do deslocamento de algo que "*insiste*" na consciência do sujeito e busca compensar o maus trato recebido da ordem. Este desejo que busca satisfação remete o sujeito ao tempo em que ocorreu a dossolução do comple

---

[3] Tomamos por sexualidade a definição de Laplache/Pontalis, em que se lê: "na experiência e na teoria psicanalítica, 'sexualidade' não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância, que proporcionam um prazer irredutível e satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual" (V. *Vocabulário da Psicanálise*, p. 619).

xo de Edipo (Freud, 1924). Por não poder fazer frente ao pai a injúria narcísica se coloca. Neste momento com a "*morte*" do prazer incestuoso instala-se uma angústia: a de castração. Para dissolvê-la é necessário que o indivíduo sinta prazer em ser um e ser só, estabelecendo com a ordem social uma relação de cumplicidade. As diferenças emergem e a partir delas os indivíduos tecem suas relações sociais. No lugar da angústia que se desfaz, surge o sentimento amoroso como possibilidade de construção da ordem.

Mas se observarmos o que acontece com a mulher e com o homem socialmente, veremos que a "*sociedade impõe sanções menos severas às transgressões masculinas, tornando mesmo necessário admitir uma dupla moral. Contudo, uma sociedade que aceita essa moral ambígua não pode levar muito longe o 'amor à verdade, à honestidade e à humanidade' (Von Threnfels, Ibid., p. 32 e segs.) e deverá induzir seus membros à ocultação da verdade, e a enganarem a si próprios e aos demais*" (*Freud, 1908, p. 187-8*).

Considerando o que viemos discutindo até o momento, não nos é difícil compreender que o processo de construção da identidade diz respeito à própria condição humana do sujeito, juntamente à maneira pela qual esta condição se realiza no mundo.

Freud (1924), no artigo "*Sobre o Narcisismo*" apresenta uma qualidade do prazer do indivíduo quando fala do tipo de investimento feito pela libido no ego e em objetos ex

ternos a ele. Concebe realidades como onipotência de pensamentos e sentimentos de hostilidade como aspectos decorrentes do modo que o indivíduo investe sua libido.

Lacan (1966) apresenta o estágio especular como etapa mediadora existente entre o estado de indiferenciação (simbiose) e o momento em que se materializa a estrutura ternária onde se apresenta a injúria narcísica. Mostra quão agressivo é o processo de construção da alteridade.

Se para o indivíduo se constituir um experimenta tensões intensas do ponto de vista psicológico, podemos inferir que sua hostilidade para com o mundo se elevará na medida em que quando se diz Um contempla um outro que é não só um fantasma, mas uma realidade social analisada e discutida por Marx. O que queremos dizer é que se o processo de construção da identidade do sujeito se produz por sobre uma tensão ambivalente onde há momentos violentos a serem experimentados pelo sujeito, de que maneira seria avariada sua capacidade de amar e trabalhar se a realidade social na qual se inscreve organiza-se tendo por base a relação dominador-dominado?

Nas relações de trabalho existe um tipo de indivíduo denominado "*homem esperto*" ou "*homem safo*" que é valorizado e aceito socialmente, sendo a agilidade e presteza com que desempenha seu papel uma tônica para o mesmo. Em última instância, o êxito obtido no trabalho favorece o seu sucesso. Este adjetivo, "*esperto*", é referencial para o reconhecimento da maturidade do indivíduo, tendo uma grande amplitude na vi

da do sujeito. A amplitude vai desde administrar questões utilitárias pertencentes ao dia-a-dia - como escolha do mecânico para conserto do automóvel, consertos e reparos dentro de casa -, até operações complexas como aplicação do dinheiro. A lei que "*organiza*" a identidade do sujeito não é senão a que o incita à transgressão, proveniente do desejo de manutenção da cena edipiana, em que o indivíduo ocupa o "*lugar de filho*", o filho que não "*dirigiu*" a raiva que precipita da exclusão do terceiro.

Da maneira como se põe frente ao trabalho, segundo uma perspectiva psicanalítica, percebe-se que o que faz e como faz está diretamente referido a uma ação para outrem. Trabalha para outrem: filho, esposa, patrão, pais. Neste sentido, está esvaziado de si, em um *estado de alienação* de seu desejo, alienação social - enquanto trabalhador (Cf. Marx, 1970, p. 108), corresponde a uma alienação de sua subjetividade na permanência do papel do filho: aquele que é falado, ou que fala a fala de um certo outro-autoridade. Para que esta alienação se mantenha, do ponto de vista econômico (freudiano), ascende o vetor da transgressão. O indivíduo alienado (esvaziado de si) e o transgressor (cheio de si, onipotente) são decorrências de uma subjetividade fixada na infância sob o papel do filho.

Nesta perspectiva, a aproximação do homem com o trabalho não segue o vertice da alteridade do sujeito, mas a negação da mesma. Trabalha para se manter no papel referido no parágrafo anterior. Assim, a distância do papel de filho

não se estabelece. O sujeito nasce e cresce numa ilusão de onipotência, acreditando que o seu desejo é ato sem frustração, sendo que a posse e a conquista são indicadores desta dinâmica.

Na relação do homem com o trabalho se mantém a onipotência de pensamento - o poder e o desejo de dominação podem ser um exemplo disto -, acirra a competividade e a necessidade de ser bem sucedido. Em nossa leitura, a compreensão da identidade do homem se funda na dupla alienação do sujeito: uma alienação social (discutida por Marx[4]) e uma outra

---

4 Mészáros discute a respeito do conceito de alienação de Marx, denominando-o como um conceito-chave. Estabelece para o mesmo quatro aspectos principais: a) o homem está alienado da natureza; b) está alienado de si mesmo (de sua própria atividade); c) de seu *ser genérico* (de seu ser como membro da espécia humana); d) o homem está alienado do homem (dos outros homens). Empregamos em nosso trabalho a concepção de alienação de Marx, que corresponde às manifestações do *estranhamento do homem em relação à natureza e a si mesmo*. Mészáros, a respeito dos quatro aspectos, comenta que: "a primeira dessas quatro características do *trabalho alienado* expressa a relação do trabalhador com o produto de seu trabalho, que é ao mesmo tempo, segundo Marx, sua relação com o mundo exterior dos sentidos, os objetos da natureza.

A segunda, por sua vez, é a expressão da relação do trabalho com o ato de produção dentro do processo de trabalho, isto é, a relação do trabalhador com sua própria atividade como uma atividade alheia, que não lhe oferece satisfação em si mesma, mas apenas o ato de vendê-la a alguém. (Isso significa que não é a atividade em si que lhe proporciona satisfação, mas uma propriedade abstrata dela: a possibilidade de vendê-la em certas condições). Marx também chama à primeira característica *alienação da coisa*, e à segunda, *auto-alienação*.

O terceiro aspecto - a alienação do homem em relação ao seu ser genérico - está relacionado com a concepção segundo a qual o objeto do trabalho é a objetivação da vida da espécie humana, pois o homem *se desdobra não só, como na consciência, intelectualmente, mas também ativamente, na realidade*, e portanto se situa num mundo que ele criou. O trabalho alienado, porém, transforma *o ser genérico* do Homem, tanto a sua natureza como as suas faculdades espirituais específicas, num ser alheio a ele, num meio para a sua existência individual. Ele aliena o próprio corpo do homem

psicanalítica. Estas considerações sobre sua subjetividade sustentam a crença da onipotência e/ou impotência masculina a nível profissional, afetivo e sexual.

Os sujeitos falam de uma dificuldade do homem romper com determinados padrões relacionados ao trabalho, interagindo com este como sendo a representação de um *chão*, de segurança e estabilidade. Talvez esta dificuldade nos aponte para uma outra, que é a do homem não se saber (ou desejar) fora deste *lugar de filho*, revelado na relação com o trabalho. Trabalhar não tem o significado de prazer ou criação, mas passa a ser a reprodução do que foi internalizado durante os primeiros anos de vida: obediência e servidão, na medida em que ele atenda à demanda de prazer.

---

em relação a si mesmo, como faz com a natureza exterior e sua existência espiritual, seu ser humano

A terceira característica está implícita nas duas primeiras, sendo expressão delas em termos de relações humanas, como também o é a quarta característica anteriormente mencionada. Mas, enquanto ao formular a terceira característica Marx levou em conta os efeitos da alienação do trabalho - tanto como uma *alienação da coisa* e como *auto-alienação* - com respeito à relação do homem com a humanidade em geral (isto é, a alienação da *condição humana* no curso de seu avilta mento, através de processos capitalistas), na quarta ele as está considerando tendo em vista a relação do homem com outros homens. Como disse Marx sobre esta última: *Uma consequência imediata do fato de que o homem está alienado do produto de seu trabalho, da atividade de toda a sua vida, de sua espécie, é a alienação do homem em relação ao homem. Quando um homem se vê em face de si mesmo, ele se defronta com outro homem."* O que se aplica à relação do homem com seu trabalho, com o produto de seu trabalho e consigo mesmo também é válido para a relação do homem com outro homem e com o trabalho de outro homem e o objeto de seu trabalho. Na realidade, a proposição de que a natureza da espécie do homem está alienada dela singifica que um homem está alienado do outro, significa que todos eles estão alienados da essência humana.

Assim, o conceito de alienação de Marx compreende as manifestações do "*estranhamento do homem em relação à natureza e a si mesmo*", de um lado, e as expressões desse processo na relação entre homem-humanidade e homem e homem, de outro" (Mészáros, s/d, pp. 107-108).

A inscrição do homem no universo do trabalho é a materialização da construção de sua identidade (ela, que tem por gênese a negação do sujeito), que resulta na confirmação da alienação social do indivíduo. Um sujeito comenta que:

> Se estou no trabalho tenho vontade de estar fazendo outra coisa, estar em casa, por exemplo. Mas se estou em casa, me sinto mal e preciso trabalhar.

O *lugar* que o sujeito ocupa no trabalho não lhe pertence, sendo sua força utilizada para a produção de bens. Como trababalhador, a relação que o indivíduo mantém com o trabalho é a mesma que a do inquilino com a casa em que mora. Ambas identidades (inquilino e trabalhador) se fundam no conceito ser por não ser de si, do ser que é de outro, sendo a captura do ser por outro realizada através do trabalho. Estas considerações partiram das reflexões sobre o conceito de alienação de Marx, contudo se nos deslocarmos para um outro nível de análise - o psicanalítico - veremos que a percepção do sujeito a respeito de seu desejo é de que ele não lhe pertence-trabalhar passa a ser uma ação que utiliza a negação do sujeito enquanto "Je", afirmando-o como "Moi". Deste modo, se considerarmos "Je" como uma referência ao Senhor, o desejo está referido a ele e não ao indivíduo que está identificado com "Moi". Enquanto esta dinâmica se articular desta forma, perceberemos que o que a viabiliza é a incorporação de uma identidade construída prevalentemente sobre a alienação de si, que denominamos virtual. Contudo, o indivíduo pode intervir neste processo por intermédio da consciência e jogar o *jogo da*

alienação sem com isto lançar mão do mesmo para dizer-se um. A este movimento de reconhecer-se um (JE) e a representar o papel de "Moi" na relação com o outro (senhor) denominamos dialético, sendo o mesmo uma qualidade da consciência e um aspecto provável para se estabelecer e reconhecer pontos de ruptura da relação patrão-empregado.

O *desejo*, assim como o *próduto do trabalho* são decorrentes de um determinado tipo de relação que opera em níveis distintos: o primeiro no psicológico e o segundo no econômico, porém ambos tangenciam na alienação. Contudo fazem parte da identidade daquele que é alineado de si, sendo que o estado de alienação psicológica a que nos referimos corresponde à *cegueira* de Édipo. Ou seja, é na alienação do desejo incestuoso que o indivíduo pode se constituir um, rompendo com a trama edipiana por meio da dissolução do complexo. Este desenvolvimento pode ocorrer, mas o indivíduo pode sustentar em si o desejo de permanecer nesta cena, atribuindo sua saída da mesma ao desejo de outro (pai).

Neste momento, nos é possível compreender que assim como o *produto do trabalho* pertence a outrem (patrão), o desejo de saída da relação incestuosa fica atribuído ao pai. Desta forma o homem vive o desejo de trabalhar e de amar como não sendo seus, sentindo-se às vezes identificado com o patrão ou com o pai, ou ainda em um papel no qual está submetido a ambos.

Uma questão se coloca na medida em que o indivíduo não tem mais a idade de 4 ou 5 anos, quando a cena edipiana

se desfaz. Entretanto ela continua existindo para ele, em sua fantasia. Esta fantasia visa justamente preservar o prazer proporcionado pela dita cena, evitando que o indivíduo viva o desprazer de sua dissolução. Estas reflexões nos levam a crer no quanto o processo de construção da identidade do homem favorece a *infantilização* do indivíduo, na medida em que favorece a fixação de seu prazer ao desejo de possuir a *mãe* na ordem social, quando o define como aquele que é forte, viril, competente etc.

Dentro desta perspectiva, o sujeito está investido de uma onipotência que o faz representante da verdade (lembrando Fernando Pessoa no trecho em que diz que os *deuses só são deuses porque não se pensam*), este indivíduo é senão aquele que Hegel apresenta como sendo MOI = MOI. No trecho de La Phenoménologie de L'Esprit diz ele:

> "Avec la conscience de soi alors nous sommes entrés dans la terre natale de la vérité. Il faut voir comment surgit d'abord cette figure de la conscience de soi. Si nous considérons cette nouvelle figure du savoir, le savoir de soi-même, dans sa relation avec les figures précédentes, c'est-à-dire avec le savoir d'un autre, nous voyons alors que ce denier savoir a bien disparu; cependant ses moments se sont en même temps conservés, et la parte consiste en ceci qu'ils sont ici présents comme ils sont en soi. L'être visé, la sangularité et l'universalité opposée à elle de la perception, aussi bien que l'Intérieur vide de l'entendement, ne sont plus comme des essences, mais comme des moments de la conscience de soi, c'est-à-dire comme des abstractions ou des différences, qui pour la conscience sont en même temps néant ne sont aucunement des différences et sont des essences purement disparaissantes. Ce

qui semble donc seulement perdu c'est le moment principal, à savoir la subsistance simple et indépendente pour la conscience. Mais en fait la conscience de soi est la réflexion sortant de l'être dumonde sensible et du monde perçu; la conscience de soi est-es-sentiellement ce retour en soi-même à partir de l'ête-autre. Comme conscience de soi, elle est mouvement. Mais quand elle se distingue seulement soi-mame, comme soi-même, de soi, pour elle alors la différence, comme être-autre est immédiatement supprimée; la difference n'est pas; et la conscience de soi n'est que la taulogie sans mouvement du Moi=Moi. Puisque pour elle la différence n'a pas aussi la figure de l'être, elle n'est pas conscience de soi. Donc pour elle l'être-autre est comme un être, ou comme un moment distinct. Mais l'unité de la conscience de soi avec cette différence est aussi pour elle, comme second moment distinct. Dans le premier moment, la conscience de soi est comme conscience, et l'extension intégrale du monde sensible est maintenue pour elle, mais elle est maintenue en même temps seulement comme rapportée au second moment, à l'unité de la conscience de soi avec soi même. En conséquence, la monde sensible est pour elle une subsistance, mais qui est seulement phénomène, ou une différence, qui en soi n'a aucun être.Cette opposition de son phénomène et de sa vérité a pour son essence seulement la vérite, c'est-à-dire l'unité de la conscience de soi avec soi-même. Cette unité doit devenir essentielle à la conscience de soi, c'est-à-dire que la conscience de soi est désir en général. Désormais, la conscience comme conscience de oi, a un double object, l'immédiat, l'objet de la certitude sensible et de la perception, mais qui pour elle est marqué du caractère du négatif, et le second, elle même précisément, objet qui est l'essence vraie et qui, initialement, est présent seulement dans son opposition au premier object. La conscience de soi se présente ici comme le mouvement au cours duquel cette opposition est suprimée, mouvement par lequel son égalité avec soi même vient a l'être" (Hegel, La Phenoménologie de L' Esprit p. 146-147).

As relações sociais se valem da negação do sujeito para que na apropriação do mesmo enquanto, um possa constituí-lo um outro ausente de si. O aluguel e o salário, por exemplo, confirmam a materialidade desta relação onde o indivíduo se inscreve na ordem social segundo a noção de não pertencer a si, ou depender de um outro-autoridade: patrão-proprietário do lugar que ocupa ou reside, respectivamente.

A identidade do filho, empregado, inquilino, são virtualidades sobrepostas ao sujeito tutelado pelo outro-autoridade. Assim construído, o indivíduo existe somente se em estado de alienação de si, que em última instância significa *ser de outro*. Neste caso, o que socialmente se impõe ao sujeito é uma determinada virtualidade em ser. A legitimidade das relações sociais farão valer que o real do indivíduo é a virtualidade da identidade que a ordem social delimita para ele.

Os mecanismos pelos quais se articulam ordem social e indivíduo são complexos, no sentido de se compreender por onde passa o compromisso do sujeito na manutenção da ordem em questão. Todavia, percebe-se que aspectos desta complexidade se explicitam, se tomarmos para análise o ponto de vista da constituição de alteridade do indivíduo. Nota-se, nos papéis sociais representados pelo sujeito, uma semelhança com o modelo freudiano. Repetem-se na cena social considerações a respeito da relação primeira que inaugura a gênese da alteridade. Uma certa relação, inicialmente binária (mãe-filho), mas que necessita fracassar e transformar-se em ternária (mãe-pai-filho), para que o indivíduo fale, em vez de ser falado.

Observa-se que, no que diz respeito ao trabalho, os sujeitos da pesquisa comentam da exigente necessidade de sucesso que se coloca frente ao homem. Em uma atitude de queixa e valorização dirigem-se ao sucesso. A necessidade de sucesso profissional indica mais do que ascensão profissional. Enquanto necessidade aponta para um certo fracasso na dissolução do complexo edipiano, do qual a economia capitalista se vale (e até certo ponto se alimenta).

Elementos do papel masculino, valorizados socialmente, podem nos auxiliar a compreender e confirmar este argumento. O primeiro deles é considerar a agressividade - traço genérico do papel -, seguida de competência e competitividade. Visivelmente, é qualidade do indivíduo do sexo masculino manifestar comportamentos agressivos ou até violentos, estes adjetivos são valorizados e considerados dentro do perfil profissional do sujeito . Como comportamento, a agressão aparece frente a situações de frustração, sendo uma tentativa de evitá-la, e a consideramos como a *raiva atuada*. Sentir raiva se diferencia de ser agressivo. Agressivo é o que realiza a raiva, diferente daquele que sente-se com raiva, e suporta com isso frustrar-se. Se remetemos à situação de separação (reconhecimento de diferenças), que o homem experimenta no casamento, por exemplo, percebemos que o modo como o homem reage está relacionado com a maneira com que ele experimenta sua raiva.

5. Segundo o depoimento de um entrevistado, "quando ela me deixou, tomei um porre e fui parar no hospital, (...)fiquei arrasado".

Prosseguindo, nota-se que quando o homem pode reconhecer o outro como *não-eu* é que ele experimenta o prazer dado pela diferença. Porém, este prazer é posterior ao exercício do desprazer vivido através da experiência de reconhecimento de que o *não-eu* (um outro *eu*), não faz parte de seu *eu*. O *não-eu* só é considerado parte do *eu* enquanto desejo, e portanto passível de frustração (que está fora do controle do *eu*). Este desprazer inicialmente conduz ao prazer de que entre *eu* e *não-eu* não há distinção. O momento na vida do sujeito em que há primazia desta dinâmica é a infância: ter por prazer a não diferença.

Agredir é evitar o sentimento de raiva, que aflora no momento em que se experimenta a frustração do desejo da não-diferença, representado em relação simbólica mãe e filho. É continuamente insistir na cena edipiana, como realidade possível a ser realizada.

O *sucesso* da relação edipiana é confirmado por sua dissolução, e não pela manutenção. Esta dissolução ocorre quando o sujeito se assume autor da frustração do desejo de permanência na mesma. O fracasso, contudo, se verifica quando o sujeito atribui a outrem a autoria da frustração de seu desejo: *foram os pais que o abandonaram, que rejeitaram seu amor.* Até o momento em que assim equaciona a relação, o desejo de sair pertence aos pais e não a ele mesmo. Pôr os olhos sobre a relação desta maneira é encobrir seu desejo de permanecer dentro da mesma.

Se observarmos as características do papel masculino, veremos o quanto suas atribuições têm referência com o que viemos apontando. Referir-se ao homem genericamente como agressivo, competitivo, competente, é olhá-lo como motivado pelo desejo de retornar à cena primeira, é assistí-lo continuamente preterido e infantilizado. O indivíduo visto sob este olhar reage lutando contra a excusa do *lugar* de terceiro. Pela competência tenta desfazer este *lugar*, acreditando ser a eficiência o modo pelo qual irá conseguí-lo. Evita com isto o sofrimento da exclusão, porém cria sobre si a exigência freqüente em superar-se, como comenta um entrevistado: *o homem vive num esforço contínuo em ser o melhor*. A competição explicita a disputa pelo *lugar*, usa abusivamente a agressividade como linguagem da intolerância produzida pelo não ao desejo incestuoso.

No trabalho, busca reconhecimento e recompensa pelo esforço feito, sendo ambos sinais dados por *terceiros*. Quando o indivíduo se permite fora deste *lugar*, pode falar sobre uma identidade em que o desejo de trabalhar corresponde à escolha feita pelo desejo de prazer. De outro modo, o trabalho é tido como imposição, resultado da construção de uma identidade erguida sobre a alienação. Enquanto o homem resistir à sedução do encanto deste *lugar*, lhe faltará possibilidade para refletir sobre sua real condição de sujeito- sua identidade fica reduzida à virtualidade do desejo incestuoso, reforçado e incitado pela ordem social.

A solidariedade masculina brota sob a ótica da excusa e da competição, sendo que o homem admite ser preterido por

outro, mas resiste em sê-lo por uma mulher. Esta concepção de valorização do homem perpassa todas as instituições sociais, tendo como centro a família. Tanto na família quanto no universo do trabalho a fala é masculina, podendo a mulher ter acesso a este universos se falar a mesma linguagem. A masculinização é uma ideologia que atravessa todo o espaço social, endossado tanto por homens quanto por mulheres.

O patriarcado é uma 'ideologia global', veiculada essencialmente por códigos próprios da linguagem - 'espera até que seu pai chegue em casa, - e por rituais e costumes herdados - como os rituais de iniciação ao mundo do trabalho. Através da linguagem, continua a ser um poderoso agente de definição social, mesmo quando a instituição primária, onde a sua origem se localiza - a família - perdeu já a maior parte das suas funções aos olhos do Estado capitalista. A linguagem do patriarcado comunica-se na sua maior parte, inconscientemente, durante a infância mais precoce, antes do indivíduo ter aprendido a falar segundo as formas de linguagem mais diretamente ligadas ao campo de significação onde o 'aparelho do Estado' surge enquanto tal." (Tolson, p. 50).

A ambivalência a que nos referíamos anteriormente, neste momento, se revela na relação existente entre indivíduo e grupo social. Sob a forma de *pressão* para o trabalho, o sujeito experimenta o desejo pelo trabalho como sendo o desejo do outro. É o grupo que deseja que ele trabalhe, sendo o indivíduo aquele que se recusa. Cede à *pressão*, temendo ser marginalizado e discriminado, submetendo-se obedientemente à ordem social.

Toda esta dinâmica se realiza na valorização da autoridade como figura representativa da subjetividade masculina. São perceptíveis as semelhanças existentes entre as figuras do patrão e do pai, bem como a do empregado com o filho. A concepção do gênero, segundo esta perspectiva, segue a mesma direção no que diz respeito ao homem e à mulher. Do ponto de vista econômico e político, é importante ter representações dos sexos úteis e dóceis[6] à manutenção do Estado burguês. A relação patrão-empregado infantiliza o empregado, tanto quanto a relação familiar infantilizada o filho, sendo que estas relações se alimentam da crença de que os segundos dependem, para existir, dos primeiros. Esta ideologia se vale da agressividade, competitividade e competência como elementos a serem valorizados na subjetividade dos indivíduos. Para o homem, em especial, se traduz em ser o melhor.

A ausência de discussão a respeito das crises e dos conflitos que vivem os homens, bem como o silêncio crítico existente em torno de sua identidade, geram dificuldades para os sujeitos, no sentido de poderem entender e falar mais livremente sobre os pontos levantados na entrevista. Faltam referências à história dos indivíduos sobre como encaminhar e articular seus conflitos, sendo o processo de construção da identidade do homem regido pela deificação da mesma, e neste sentido, evita que o homem partilhe com seu grupo social angústias e confidências.

---

[6] Foucault - História da Sexualidade, 1980.

As modificações ocorridas no papel da mulher de certo modo criaram uma outra demanda para comportamentos masculinos, sendo que, da maneira como é construída a identidade do homem não os auxilia a absorver e digerir as alterações da identidade da mulher. Estas demandas se explicitam mais no campo afetivo, e serão melhor discutidas no capítulo seguinte.

O fato é que inexiste na experiência masculina a valorização do engano, do erro e da dúvida como indicadores de direção para o encaminhamento das questões do homem. A identidade do homem, pelo contrário, é construída sob a ótica da certeza e da coerência, que no trabalho, por exemplo, aparecem segundo a noção de segurança, estabilidade de um emprego: o *logos da permanência*. Deste modo, a sua possibilidade de elaborar mudanças e alterar seu papel fica comprometida.

O trabalho compõe a cena masculina como um roteiro a ser seguido durante seu processo de socialização, sendo personagem central a autoridade que irá futuramente representar.O trabalho se alimenta de grande parte de tempo, de disciplina e obediência servil. A crítica que os sujeitos fazem diz respeito a este lugar, a esta forma de construção da identidade. Por outro lado, não percebem a complexidade da questão e conseqüentemente os diferentes tipos de participação no processo de construção da mesma. Uma identidade construída dentro desta ótica tem o sexo como um dispositivo com a função de diluir a tensão gerada pelo seu processo de formação. A identidade do homem fica reduzida a uma possibilidade onde todas as outras são tomadas como não masculinas, como por exemplo os afetos ternos, e o amor gratuito pelo trabalho e pelo outro. Trabalhar fica sendo poder realizar o *estranho sonho* de dominação,

comentado pelo sujeito:

> Trabalho para ter dinheiro, e comer todas as mulheres.

O que percebemos é que o homem caminha em função da necessidade de adaptar-se às mudanças sociais, que aconteceram de forma rápida e acelerada. Até que ponto dizer que está havendo mudanças no comportamento do homem não é uma tentativa de garantir certos espaços conquistados pelo mesmo, sendo as mudanças não os frutos do seu desconforto, mas da necessidade de desempenhar um outro comportamento solicitado pelas mulheres, e adequado à ideologia capitalista burguesa?

Com o aumento crescente da mulher no mercado de trabalho, a *des-importância* da família e da crença religiosa, fica o homem exposto a uma outra realidade, a uma possibilidade de aproximação consigo mesmo. Se hoje se lê em jornais (*O Globo, 1987*) e revistas (*Isto É, 1987*) temas sobre as alterações do papel masculino (sendo o feminismo um ponto de explicitação da discussão do masculino), isto só poderia denunciar a proximidade entre as identidades do homem e da mulher. Como os sujeitos afirmaram, *são aspectos distintos do mesmo ser humano*. Porém, a história social dos gêneros não se mostra complacente no que diz respeito a esta questão. Os sujeitos entrevistados reconhecem quão difícil é no trabalho aceitar uma chefia de mulher.

Na medida em que o papel social da mulher passa a ser discutido pelo feminismo, recebendo com isto uma outra dimensão, o homem experimenta as conseqüências desta alteração. E da forma como sua identidade se constitui (dicotomia masculino-feminino, definição de homem como oposição à definição de mulher) brota uma desorientação como reação à possibilidade de perda da

ilusão de si mesmo, do contato com sua relativa potência. O trabalho atende a intenção de manutenção desta ilusão, situando-se dentro do esquema ao qual foi dimensionada sua identidade: forte-fraco, dominador-dominado.

Este prefácio à identidade do homem situa o trabalho não como uma possibilidade de locomoção e alargamento da identidade, mas como fortalecimento da ideologia patriarcal de rígidos contornos. Trabalhar tem o sentido de opor reprodução a realização, alteração ou mudança. As instituições sociais, em sua maioria, por sua vez se mantêm conservadoras dificultando ao indivíduo realizar mudanças de comportamento.

Se na *vida pública* o desempenho no trabalho funciona como feedback sobre si, na *vida privada*, o desempenho sexual e o cuidado com as emoções irão garantir a realização do que imagina ser sua identidade. Do modo como ele se coloca frente ao trabalho, vive uma cisão notada na dimensão casa-trabalho.

> Trabalhar é uma obrigação que dá dinheiro e por isso vale a pena, eu acho - comenta um sujeito.

Geraldo diz que:

> Eu quero é me dar bem, e acho que até onde cheguei não me satisfaz. Eu preferiria hoje estar em uma situação melhor.

Tolson comenta que: *para todos os homens, o desfecho do respectivo processo de socialização é a entrada no mundo do trabalho. O primeiro dia de trabalho é uma 'iniciação' no reino da solidariedade secreta e conspirativa dos homens (...)*

É através do trabalho que o homem passa a ser considerado um '*homem*': que ganha dinheiro, ascende ao poder e à in

dependência pessoal em relação à família. O dinheiro na algibeira simboliza a liberdade - a capacidade de *negociar* e de consumir - e o respeito de que o pai aparentemente desfruta. Em termos mais gerais, através do trabalho o homem expande-se para além dos seus horizontes limitados, tornando-se parte de uma organização econômica mais ampla. Na qualidade de trabalhador, o rapaz entra no mercado da negociação e da troca. Torna-se parte de uma história masculina coletiva, feita de desafios e alianças (Tolson, 1977, p. 45).

2.2 - A Preocupação com o Desempenho Sexual

> Eu acho que o homem tem uma coisa sexual forte, o homem é mais bandeira, mais explosivo, ele é mais ansioso. O tesão por mulheres é uma coisa gostosa, eu sinto isso em amigo meus e em mim.

A questão sexual, para os entrevistados, aparece segundo a perspectiva do desempenho. Os comentários são formados a partir da idéia de que o *homem tem forte em si o sexo.*

Existem indivíduos que afirmam a não relevância em ser homem ou mulher para se ter prazer sexual. Mas existem aqueles que consideram o desempenho como um ponto de referência. Neste sentido, o que está sendo considerado é o aspecto de que a uma *boa* ou *má* performance sexual corresponde um tipo de homem.

A confirmação do universo masculino tem como *carro-chefe* a primeira relação sexual, sendo ela um marco para pensar as questões do desempenho sexual. Para o homem, ela acontece fora da família, com a prostituta. Este aspecto sustenta a imagem de *sacralização* da família, que está envolvida por uma

moral sexual contraditória e geradora desta atitude: a iniciação sexual se realiza no silêncio do conhecimento da família, mas fora de seus limites - na rua. (Freud, 1908).

Leva-os a pensar que a maioria destes ritos, cujo caráter propriamente sexual não poderia ser negado, dos quais diz que tornam o indivíduo homem ou mulher, ou aptos a sê-lo, incluem-se na mesma categoria que alguns ritos de corte de cordão umbilical da infância e da adolescência, sendo ritos de separação do mundo assexuado, seguidos de ritos de agregação ao mundo sexual, à sociedade restrita constituída no seio de todas as outras sociedades gerais ou especiais pelos indivíduos de um outro sexo. Isto é dito sobretudo a propósito das moças, uma vez que a atividade social da mulher é muito mais simples que a do homem. Van Gennep, 1978, pp. 71-72).

A família segundo o modelo patriarcal age no prazer operando sobre o desejo. Surge o sujeito moral firmado na negação de sua experiência sexual como o fio condutor de seu desenvolvimento. A família, em uma atitude ambivalente de aprovação e reprovação ao sexo, faculta e induz o homem, que experimenta e se inicia na vida sexual fora de suas fronteiras visíveis, salvaguardando a moral, através da captura do desejo e do prazer da mulher, sob o pretexto de valorização da virgindade. (Conf. Freud, 1917/18).

Sob este ponto de vista, o que é permitido ao homem é o exercício de seu genital, exercício de uma experiência de prazer, contudo o objeto de seu desejo se constitui partido, como ele mesmo. A experiência do amor e do casamento se desenvolve com a mulher que foi capturada segundo a representação virginal,

e seu prazer sexual é tido com a outra que não tem *pudor*. Bruñel discute este ponto no filme *Este obscuro objeto do desejo*, em que a mulher imaginada por ele tem *alguma coisa* que não lhe dá: sexo ou amor.

O olhar da família assume a forma de vigilância, punição ou castigo. Desejo e prazer devem desenvolver-se segundo a orientação moral da mesma, produzindo uma prole inicialmente reconhecida e posteriormente negada: as crianças assexuadas e cuidadas pela escola. Uma crueldade que se desenvolve pedagogicamente e que as perversões e a marginalidade irão denunciar.

A família como uma instituição é reconhecida e endossada pelo Estado moderno. Sobre as distinções existentes nos séculos XV ao XVIII, Ariès comenta: *mas onde está o individualismo das vidas modernas, em que toda energia do casal é orientada para servir aos interessados de uma posteridade deliberadamente reduzida? (...) A família tornou-se uma sociedade fechada onde seus membros gostam de permanecer, e que é evocada com prazer, como fazia o General de Martangue em suas cartas no final do século XVIII. Toda evolução de nossos costumes contemporâneos torna-se incompreensível se desprezarmos esse prodigioso crescimento do sentimento da família. Não foi o individualismo que triunfou, foi a família."* (Ariès, 1975, p. 231).

Outro aspecto é a valorização da família como autoridade. Na perspectiva do sujeito, é a primeira fala de autoridade que será ouvida por ele, e durante toda sua socialização será reconhecida. O poder da lei e o poder do pai - um legislador distante.

Estes pontos apresentados anteriormente situam o homem na representação de um papel que Ariès denomina de *solidão moral*. Este sentimento *abafa* a atividade das relações existentes entre as pessoas, separando-as pelos critérios de vida profissional e vida familiar. Comenta:

A *solidão moral* tenta dar conta da ordem social imprimindo sobre ela a preocupação com problemas físicos, morais e sexuais. (Conf. Ussel, 1980; Ariès, 1975; Goffman, 1975). O homem irá erigir a construção de sua fala, falará e será ouvido deste *lugar*. No silêncio de si, o homem assume o papel de uma determinada identidade, que é apontada pelos sujeiros. Ele é representado pela imagem da virilidade em oposição a feminilidade. Ao viril estão associados adjetivos como: duro, frio, intelectual, forte, autoritário e independente. E ao feminino: doce, afetivo, frágil, dependente e protegida (Conf. Misse, 1981, pp. 15-16).

Assim como reconhece a incompatibilidade entre feminino e masculino, reconhece-a também entre a família e a sociedade. Neste papel, é o legislador que sustenta a dicotomia e fomenta a preocupação de demarcar nitidamente estes territórios: como foi construído seu próprio corpo - dissociado do genital. Dentro deste ponto de vista, a preocupação com o desempenho sexual será uma redundância do desempenho do seu sexo.

Os sujeitos responderam a questão sobre o que para eles significava ser homem, em sua maioria, dizendo que "*é ter um pau*".

Um deles faz o seguinte comentário:

> Eu posso, se eu quiser, ir até ali no puteiro e trepar com uma daquelas mulheres. Posso ligar para uma destas pessoas doentes e convidar para ela venha trepar comigo. *Mas é meu vazio, quem é que vai preencher?*

O homem como representante do casal - o *cabeça* - sustenta-o não só materialmente, como também mantém dentro da relação a linguagem da incompatibilidade considerada entre os sexos. A fala masculina busca uma coerência que justifica os *porquês*, a priori definidos sobre o que é tradicional para os gêneros. Todavia, sua fala não comporta o *por que não*, não inscreve-se em seu discurso uma possibilidade de compor uma outra identidade. Deste modo, ela persiste sob o silêncio da permanência (temporal) ao longo dos anos. O homem é, segundo o olhar dos indivíduos, o que se mantém, o que se conserva, o que reproduz.

Neste momento, não falamos de homens e mulheres, mas sobre uma concepção de masculino e feminino que, legitimada por ambos os sexos, sustenta o modelo de uma sociedade incestuosa, cuidadosa com suas fronteiras de inteligibilidade e consciência, uma sociedade associal, onde o *inferno são os outros*.

O que nos chama atenção é que, em uma perspectiva psicológica , a confusão existente entre afetividade e genitalidade produz um efeito sobre a identidade do sujeito, pelo fato de refletir a dinâmica de um indivíduo que se sabe e não se pensa, sendo o comportamento agressivo e violento sinal desta confusão.

Para o homem, a *falta* simbolizada na castração é negada sob a forma de fantasia. Sua negação se expressa enquanto uma catarse que tem a função de manter permanente a identidade

aprendida durante os primeiros anos de vida, da qual o encanto e o poder são parâmetros para o *lugar* que ocupa socialmente. A violência e a agressão expressam a não aceitação desta *falta*. Reage, assim, como se não suportasse perder a ilusão de que não é o absoluto que imaginou ser - direito que a ordem social lhe concedeu acreditar.

O homem lê as relações sociais e compreende os seus comportamentos e os das outras pessoas a partir de um referencial sexista. A honra, como uma lembrança encobridora, alimenta uma ilusão de controle, e posse sobre a mulher, por exemplo. As reações do indivíduo frente à situação de ser desonrado revelam o quanto a ausência e o abandono são fantasmas masculinos. Estes fantasmas apontam para uma afetividade que se articula em torno de uma sexualidade infantil, onde a frustração é experimentada com extremo furor: agressão e violência.

> "Quando Lacan aponta para o estágio especular, entre a fase simbiótica do autoerotismo e a fase edipiana, identifica-se como condição da história humana um momento em que se inicia a função do eu marcada pela tensão da primeira diferenciação é posto violentamente pelo surgimento da subjetividade cenestésica, precedida pela apreensão do eu fragmentado em confronto com a imagem totalizada no espelho. A desorganização do eu imaginário não unificado e a unidade ideal com a qual se instaura a matriz simbólica e o sujeito mediado em relação ao próprio corpo. A estrutura narcísica é determinativa de alienação básica, fonte de toda alienação fugura. O Phallus é o significante de interseção de duas ordens, símbolo de reunião, ponto de encontro de dois desejos: o desejo da mãe e seu produto, o sujeito narcísico, que se acredite acima de injúria narcísica, que é um momento de negação. Essa é a dialética do desejo que põe o sujeito numa mútua determinação, entre não ser sendo no outro, ou sendo para si, entre a indiferenciação primária e a sua diferenciação." (Navarro Vital : Brazil, 1983, pp. 103-104 - Tese)

A preocupação com o desempenho sexual assume o papel de dificultar o encontro entre o homem e uma mulher. O indivíduo percebe que desejar o outro pode significar não realizar, ou seja, insistir sobre a discussão do valor do desempenho sexual para o homem é sustentar a ilusão de que seus desejos não são *frustráveis*. Este aspecto nos coloca frente à questão que Freud discute em 1905 (*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*) no referente à sexualidade infantil e às transformações da puberdade.

O prazer do homem adulto se combina com a primazia da infantilização de sua sexualidade, que reporta à cena edipiana (promotora da organização da sexualidade). Preocupar-se com o desempenho sexual é sustentar-se dentro desta cena. Nesta perspectiva, coabitaria no homem adulto o modelo que, à guisa de sustentar o prazer dado pela crença na onipotência, compromete sua afetividade. Para o sujeito, não lhe pertence o desejo de sair da mesma. Vive a exclusão do terceiro como sendo referente aos pais e esta estratégia oculta seu desejo de permanecer dentro do complexo edípico. *Resolve* desta maneira o impasse de não ser autor da frustração do desejo incestuoso, que ele atribui a outrem.

Esta dinâmica pode ser percebida na escolha do objeto de amor do homem. A identidade da esposa e da prostituta é que irão socialmente acolhê-lo. A esposa passa a ser uma escolha que a sociedade indica para o indivíduo - o *logos do dever* - e a prostituta aquela com quem ele se satisfaz - o *logos do querer*. Se está com a prostituta, em culpa se lembra da esposa; e com a esposa (*herdeira da mãe*) experimenta a angústia de ser o objeto de outrem. O beijo, assim como o desejo, é partido. É importante que se sinta transgressor para que satisfaça o desejo de es

tar em meio à cena edipiana, realizando e enfraquecendo este desejo com as identidades da santa e da puta, mencionadas anteriormente.

O homem é socializado no sentido de que o que ele faz pertence a outro (o seu trabalho), e o mesmo corre com relação a seus sentimentos (ele é objeto de amor de mãe - e da esposa).

> "A estrutura narcísica associada à repressão primária cria, pois, outra determinação básica que é a relação dominador-dominado. A entrada na ordem do simbólico se realiza em termos de desigualdade. A consciência do eu que a fala revela se constitui na relação de alteridade,mas ligada à linguagem. Enquanto tal, apresenta se limitado pela determinação das regras, produto social, que em termos da situação social mais imediata vai determinar a ação de enunciar. Embora o sujeito se humanize ao dar entrada na ordem, vai confrontar-se com as regras do sistema. O sujeito sem realizar a descoberta da organização do sistema com seus valores e produzir novas significações para transformá-lo, estará na condição de dominado. Ele terá de produzir o próprio texto" (Navarro Vital Brasil, 1983, p. 105).

Como uma criança que se coloca frente aos pais em busca de reconhecimento e recompensa pelo que faz, está submetido aos olhos da autoridade do outro. Tem para si que o que realiza não satisfaz a este outro-autoridade, pois se assim não fosse não teria sido o terceiro excluído. Surge a exigência, como conseqüência da tensão gerada por este processo, que tenta atender à restauração do desejo frustrado e à tentativa em realizá-lo. Esta dinâmica também será explicitada pela afeti-

vidade, que privilegia somente seus aspectos como a agressividade, a violência.

O real do homem sucumbe à virtualidade e à limitação desta dinâmica, afetiva, e sua identidade tende a ser o resultado do que é virtual. A identidade convencional do homem, assume esta complexidade, realizando-a socialmente e favorecendo que as relações sociais assim se formem (valorização da agressão e da violência como traços masculinos). Neste modelo, a *falta* inscrita no sujeito pela frustração do desejo incestuoso é negada, cedendo lugar às fantasias de onipotência, sendo a valorização do encanto deste *lugar* propriedade do patriarcado.

É necessário, contudo, que este *lugar* seja desmascarado, que possa emergir o *real masculino*. Todavia o que é o real? É *tudo aquilo que resiste, insiste, existe irredutivelmente e se dá, enquanto se furta, como gozo, angústia ou castração*. (Leclaire, 1971, p. 9).

Marcos fala que:

> O que move muita coisa é a sexualidade... o desejo sexual. A pessoa às vezes trabalha para se dar bem, pra enriquecer e comer todas as mulheres, ter uma mulher chocante.
>
> Geralmente o principal objetivo é esse, fora a comodidade pessoal.
>
> O sucesso, o sucesso para atrair todas as mulheres, este seria o desejo primordial do homem.

Existem alguns fatores que serão mediadores da rea

lização da identidade masculina, como por exemplo a *competência* e a *agressividade* (que no caso fica às vezes confundida com atitude, vontade ou ainda iniciativa). No trabalho ou na vida sexual, o modo como o homem irá desempenhar um ou outro fator lhe servirá de *feedback* para reconhecer-se e dizer-se homem. A correspondência que um dos entrevistados faz do trabalho com a vida sexual é pertinente, na medida em que é como sujeito-objeto que o homem se articula com o trabalho e com a mulher. A questão da honra e da fidelidade, enquanto uma preocupação, é não só uma consideração do código patricial como também aponta para o jogo existente entre sujeito-objeto.

O homem enquanto objeto, *coisa do outro*, se vê frente à possibilidade de rejeição e abandono de maneira constrastante com a idealização que faz de si mesmo. A correspondência do sucesso no trabalho se soma ao sucesso na cama, e os conceitos de produção e competência estarão sendo empregados do mesmo modo. Contando estórias sobre si e sobre outros a respeito do desempenho sexual, cuidam das palavras de modo que a integridade de sua identidade seja mantida.

> Os homens só falam de si pra gente muito conhecida, tipo só bebo entre amigos ... pra ter certeza de que aquilo que eu disser ou fizer, não será usado contra mim.

O que este sujeito comenta é que entre os homens existe uma preocupação de que sua fala comunique a identidade masculina socialmente aceita. Reconhece em si aspectos que, se comunicados, podem depor contra sua imagem. *Os alicerces*

desta imagem são lançados na infância de um rapaz, assentam na sua experiência familiar, escolar, e de convívio com os companheiros da mesma idade." (Tolson, 1977)

Os comandos segundo os quais o masculino se desenvolveria seriam provenientes das primeiras experiências sexuais, da distância que se deve ter da homossexualidade e do número de relações com mulheres. A orientação para estes comandos é dada pelo *porta-te como um rapaz.*

No que diz respeito às primeiras relações sexuais, os sujeitos a consideram como centro constitutivo de virilidade. Consideram concretamente o pênis como parte que distingue o homem da mulher, atribuindo *ser homem* àquele que é portador de um pênis.

> A primeira vez que tive relações sexuais, foi quando me senti homem. Foi com uma puta lá no colégio, foi ruim. Foi ruim mas foi uma coisa marcante. Marcante também foi uma relação que eu tive com uma menina durante muito tempo, quer dizer, eu tinha 19 anos e foi um relacionamento de muita paixão. Foi a pessoa que eu mais amei em toda minha vida, quer dizer, sexualmente foi marcante, apesar de eu já ter transado, mas pelo fato de ter sido uma coisa de paixão avassaladora, entendeu?
>
> E foi uma coisa complicada porque éramos garotos, muito garotos e muito inseguros. Mas foi neste relacionamento que eu percebi o que é ser homem com uma mulher. Eu estava envolvido e queria aquela pessoa muito, queria viver com ela, entendeu? Eu queria ela para mim. foram duas experiências marcantes, uma sexualidade ruim e a outra, emocionalmente, sexualmente e em termos de maturidade, foi esta transação.

Da maneira como a iniciação sexual do homem é fei

ta, retrata que os valores recebidos na infância, no que diz respeito à manutenção de concepção virginal para o casamento e à utilização da prostituta para o sexo, compõem a representação do objeto de amor (Conf. Freud, 1927). Há que considerar que os indivíduos dizem ter *alterado* suas concepções a respeito do modo como vêem e se relacionam com a mulher e os códigos de composição da aliança do casal.

No entanto, dizer que os homens seguem o percurso do encontro com a mulher de forma tranqüila não seria correto. A exigência do desempenho sexual provoca tensões nos sujeitos, bem como toda expectativa social que se coloca sobre o momento do encontro com a mulher. É o que atesta o comentário de Jeremias:

> Na minha adolescência eu sempre fui muito confuso com relação a esta coisa de namorar. Eu tive uma educação muito esquisita. Então acho muito difícil a transa do homem mesmo, sexualmente e até masculinidade. Não sei explicar. Até dúvida sobre a própria masculinidade ou do meu desejo, talvez por aí. Isto é uma coisa que as pessoas não vão comentar por aí, são muito reprimidas, eu só estou falando aqui porque é o seu trabalho. você até pode pressentir coisas semelhantes em outras pessoas ou amigos seus, mas você não confirma e não fala. Esta dúvida, ao mesmo tempo que eu sentia, eu percebia e tentava dar um jeito. Uma pauleira na minha cabeça.
>
> Aí eu fiz análise um bom tempo. Foi bom, bom prá caralho. Durante um tempo foi ótimo, depois enchi o saco e parei. Acho que prá mim esgotou mas para o analista não. Aí foi uma mudança e, de certa forma, tem coisas que não ficam muito bem resolvidas, mas eu não me preocupo mais tanto com isso. A partir do momento que você começa a viver a coisa do jeito que é. Eu sou assim com meus defeitos e com minhas

> qualidades e vou levando. O que eu achava é que de repente eu não cheguei ao ajuste ideal, que seria não ter analista. Agora, tudo bem, eu já estou viajando em outra. Então acho que eu consegui afirmar minha masculinidade e até consegui me afirmar como pessoa.

As dificuldades que o sujeito aponta têm relação com o modo como se constitui socialmente sua identidade. Se observarmos o modo como isto ocorre, desde pequeno até a idade adulta, não será difícil compreendermos que o relato é em parte fruto desta organização e da complexidade da formação do seu desejo.

Quando pequenos os garotos crescem entre si, separados das meninas. Suas brincadeiras e os jogos são mais valorizados, sendo que quando um quer ridicularizar outro usa comumente *mulherzinha* para fazê-lo. As conversas de meninos é um contar de estórias. Na narrativa das aventuras, o que passa a ser importante é comentar o sucesso com que as realizou.

Quando finda esta primeira etapa, partem para uma *aventura* em direção a um *outro* chamado mulher.Percebe-se que o número de namorados e a eficiência com o sexo são valorizados pelo grupo de amigos. Já neste momento há um cuidado para garantir quem é a namorada e quem é a *garota de programa*.

Tendo em vista que os primeiros dez anos de vida dos sujeitos transcorreram na década de 60, pode-se considerar que os parâmetros utilizados por seus pais no que diz respeito aos gêneros receberam fortes crtiicas e questionamentos nos anos 60 e 70. Se no interior de suas famílias os parâmetros

indicadores produzem um sujeito cuja identidade é a que encontramos representada no sistema $\theta < 90^{o}$, as críticas pertencem a um outro modelo que emerge, podendo ser localizado em $90^{o} < \theta < 180^{o}$. Em um confronto de opiniões, indivíduos e sociedade irão comungar e rebater concepções tradicionais sobre a mulher, especificamente. O homem pouco refletiu ou questionou sobre a base de seu papel e qual o conteúdo de sua identidade, mentendo a mesma guardada por um silêncio crítico.

Os sujeitos da pesquisa são simpáticos às críticas ao machismo, e alternam suas opiniões entre a existência da *performance* na conquista e o modo como ela era até então executada. Desejam uma mulher, mas tendem não produzir com ela uma relação de uso. Tentam ser coerentes com seus *novos* conceitos e ao mesmo tempo não ser discriminados pelo grupo a que pertencem. Mas em função do silêncio crítico que percorre as relações masculinas, no que diz respeito a suas questões, evitam que a partilha e a solidariedade frente a esta mudança possa existir publicamente e abrandar a tensão do encontro com a mulher gerada pela dinâmica e pelo processo de construção de sua identidade. Aprenderam que a relação homem-mulher é uma relação de uso, em que o homem deve fazer a fêmea *enlouquecer no gozo*, sendo as conquistas de mulheres alimento para estórias a serem contadas entre homens. Deste modo, nota-se que alguns parâmetros referentes ao $90^{o} > \theta$ ainda são utilizados por eles para definir a relação com uma mulher, como por exemplo fidelidade, e o binômio atividade-passividade.

> Antigamente eu pensava nisto: eu seria sexualmente feliz se fosse superpotente e transasse com milhões de mulheres... eu até fiz certas tentativas neste sentido, mas vi que não era a minha.

A noção do sexo como traço constitutivo da identidade masculina é presente e relevante no discurso dos sujeitos. Suas posições variam de indivíduo para indivíduo, porém as interseções entre as falas dizem respeito à valorização ou crítica ao sexo. Há aqueles que, quando conversávamos a respeito das semelhanças e diferenças entre homens e mulheres, comentavam que:

> Eu acho que o homem tem uma coisa sexual forte, o que é mais bandeira, mais explosivo, ele é mais ansioso, o tesão por mulheres é uma coisa gostosa, eu sinto isso em amigos meus e mesmo em mim.
>
> Experiências que marcaram minha masculinidade foi a ida à zona com meu pai. Eu na época fiquei deslumbrado, mas foi muito cedo. Foi uma coisa que marcou. Acho que outra coisa que marcou minha masculinidade foi um porre que eu tomei e acabei entrando em coma alcoólica, por causa de uma menina que me largou.

A respeito do depoimento acima, o sujeito utiliza a experiência do bordel juntamente com a da separação, como sendo as que evidenciaram a confirmação de seu papel de homem.

Gostaríamos de considerar a experiência do encontro com a prostituta, a separação do namoro adolescente, e por fim a *coisa sexual que move o homem*, como o sujeito diz, e desenvolver algumas considerações.

Nossa intenção não é a de descaracterizar as individualidades de cada informante, mas fortalecer, a partir dos pontos de interseção de suas falas, o esboço da identidade que lhes é peculiar. Depois da primeira experiência sexual, os homens utilizam o sexo como sendo uma resposta para as exigências que lhes são impostas, sendo que diante da mulher devem sempre estar disponíveis para relações sexuais. Esta maneira de situar-se frente à mulher é uma atitude tradicional que se realiza na primeira experiência sexual. Para estes sujeitos, a casa de prostituição foi, ou é, um lugar comum por onde a busca de reconhecimento de sua identidade passou. Geralmente a iniciação é feita pelo pai ou parente próximo. Como comentou um sujeito: *o homem tem essa coisa sexual forte.*

Não serão consideradas neste primeiro encontro sexual quaisquer dificuldades ou questões do iniciante. Em uma perspectiva de que os homens não têm problemas ou dificuldades, o indivíduo precisa reconhecer a importância deste momento para sua vida, temendo que qualquer oscilação, impasse ou ansiedade em seu comportamento seja uma possibilidade de problemas que se coloca sobre sua virilidade e, conseqüentemente, para sua identidade .

Segundo este referencial, os homens tendem a separar suas experiências sexuais das experiências de amor. O objeto de amor é dividio. Se amam não desejam, se desejam não amam[7]. Amar fica associado à esposa e o desejo reduz-se a *sexo*,

---

[7] Cf. Freud, 1910, S.E. Vol. XI, pp. 149-151.

mesmo que vivam experiências que demonstrem o contrário. Sobre este argumento surgem duas figuras: primeiro a mulher-esposa e segundo a mulher-prostituta. Sustentarão uma atitude de virilidade e conhecimento do sexo frente às suas esposas, e no que diz respeito às prostitutas se colocarão como aquele que compra o outro, paga por seu corpo, evitando assim as armadilhas amorosas, e a ela se confessando frágil e inseguro (Conf. Duras, 1984). Neste segundo caso, o desempenho sexual traz também a questão de um indivíduo que ama mas que não se entrega.

Preocupar-se com o desempenho é preocupar-se com a sustentação de uma estrutura narcísica e deificada. Dentro deste enfoque é comum fantasias masculinas com *grandes mulheres*" (*Playboy*, 1985). Para a fantasia de um grande homem, se corresponde ideativamente uma grande mulher.[8] Desta forma, as separações serão vividas como experiências aflitivas e tensas, por remeterem o sujeito as sucessivas rupturas pertencentes aos diferentes momentos de construção de sua alteridade. O indivíduo necessita continuamente provar que é homem, e nos falseios da identidade exigida se colocam as dúvidas sobre a masculinidade, talvez uma dúvida que marca na ilusão da onipotência de pensamentos a tensão da formação de sua identidade e sustenta com isso a possibilidade de encontrar o objeto perdido.

Hoje, com maior liberdade para criticar e avaliar

---

[8] Uma alusão à mãe como objeto de desejo.

pontos de sua identidade, os homens conseguem produzir comentários como:

> No filme "Eu sei que vou te amar", de Arnaldo Jabour, tem um trecho em que ele, o personagem, diz para ele que a Marilin Monroe, um travesti, o comeu. O homem, o machão, o filho da puta, morria enquanto a Marilyn o comia. Isto é genial. É o mito do machão que mata o machão e sobra o ser.
> A minha dificuldade hoje está sendo poder observar este macho que tinha dentro de mim, eu não sei se um dia vou poder matá-lo, mas é justamente isto, é a primeira vez que eu estou me vendo como um ser e não como um machão liberal. Eu tinha uma coisa de quando estava transando com uma mulher eu jamais gozava antes dela. A mulher, esta mulher tem de gozar antes de mim. Depois que eu der prazer a ela, aí então eu gozo. Quer dizer, eu não trepava com ela, eu trepava com a minha função de fazê-la ter prazer. E já tem uns dois meses que eu e minha namorada, que eu estou sexualmente superinativo, não é passivo, por uma série de fatores. Quando a gente conversa sobre a minha pouca vontade de transar, não que a gente não tenha transado, a gente tem transado mas eu estou curtindo o barato de ser comido. Graças a Deus alguém me come. Cara, isto é muito bom.

Os sujeitos não se identificam com a identidade convencional do homem, especificamente no que diz respeito ao desempenho sexual. Tendem a conceber homem e mulher pela ótica de seres humanos, onde o caráter autoritário e opressor masculino não se coloca. A procura e o reconhecimento do gozo enquanto fonte de prazer cabe tanto para um quanto para outro. Nota-se contudo que o reconhecimento da virilidade passa, em um primeiro momento, pela necessidade do homem saber da satisfação da parceira, e em segundo, pelo número de mulheres com

que mantêm relações sexuais. Como em uma reação circular, ser homem significa realizar estes dois momentos, e no que os realiza atesta sua identidade. A parte do corpo com a qual acionará esta função em *loop* é seu pênis.

Entre os homens entrevistados, dozes deles responderam que *ser homem é ter um pau*. Este efeito da linguagem não provoca surpresa na medida em que o sexo masculino é valorizado e simbolizado socialmente, sendo a ordem social estruturada em torno daquilo que o representa - *Phallus* (Conf. Freud, 1927; Laclaire, 1977).

Objetividade e subjetividade, concretude e mistério são conceitos que podem servir para representar homem e mulher, respectivamente. O conhecimento científico há muito valoriza um e critica fortemente o outro (Conf, Bachelard,1970). Nesta perspectiva, não só os sujeitos trazem em si traços machistas como, em um outro recorte, a própria ciência, quando se utiliza dos mesmos critérios para se fazer valer (Conf. Japiassu, 1983); enquanto produção social da classe dominante, é bastante coerente tê-los em tal discurso.Tolson comenta que o patriarcado é uma ideologia global que perpassa toda sociedade (pp. 31-93).

Algumas pistas, dentro de um outro nível de análise, podem ser lançadas através de Freud, por exemplo, no sentido de podermos compreender à guisa de quê a ordem social resolveu a questão das diferenças *driblando* no seu reconhecimento a valorização de um dos gêneros em detrimento do outro. Não

simplesmente valorizar um dos sexos, mas necessariamente desvalorizar o outro.

A sexualidade, enquanto lugar de expressão da organização e registro das diferenças da identidade do sujeito, de acordo com os mecanismos anteriormente mencionados, favorecem que o homem socialmente sofra menos sanções que as mulheres, o que lhe confere, como diz um sujeito, maior liberdade sexual. Uma liberdade sexual firmada na ilusão da sua própria onipotência. Constrói deste modo um código de amor preocupado com a traição e a fidelidade na medida em que trair é injuriar a ilusão da identidade tradicionalmente firmada, é ser infiel a ela. A iniciação no mundo masculino é feita pelo representante do pai, sendo que o filho recebe como herança a possibilidade de ocupar o lugar do pai. A exigência que se coloca sobre a identidade do homem existe para atender este desejo, como comentou um sujeito: *no mínimo o homem tem que ser melhor que seu pai.*

(...)"A posição política e econômica do pai reflete-se na sua relação patriarcal com o resto da família. Através da figura do pai, o Estado autoritário tem o seu representante no interior da família, a tal ponto que a família acaba por tornar-se o mais importante dos instrumentos de poder.

A posição autoritária do pai reflete o seu papel político e resume a relação entre a família e o Estado autoritário. No interior da família, o pai desempenha a mesma posição que o chefe desempenha perante o pai ao longo do processo produtivo. Ao mesmo tempo, o pai reproduz sua atitude subserviente perante a autoridade na relação que mantém com as crianças

e em especial com os filhos." (Reich, 1972).

As dificuldades que os sujeitos estão tendo são frutos de busca de coerência entre os princípios que escolhem para compor sua identidade e o prazer que essa possa lhes oferecer.

Por seus comentários, percebe-se que evitam desprender-se de aspectos da identidade tradicional onde o caráter de obrigatoriedade está presente. Sentem-se no entanto pressionados pelo grupo de amigos, ou grupo social do qual fazem parte, a manterem-se disponíveis para as relações sexuais com as mulheres. Contudo, quando buscam *destensionar* seu papel social no sentido de evitar o desprazer, falam do modelo $90^{o} < \theta$ como recurso para encontrar o prazer. Neste sentido, não só o depoimento de Geraldo é ambivalente, mas também os dos outros homens.

> Hoje, por exemplo, vamos eu e uns amigos jogar sinuca e depois viremos aqui para casa assistir um filme pornô. Que programão! É um programa machista prá caralho, todos nós sem as mulheres vamos jogar sinuca e depois ver um filme de sacanagem. É uma situação nova. Rio de Janeiro, quinta a noite, a cidade cheia de bares, e nós cinco amigos homens vamos jogar sinuca.
>
> Uma vez resolvemos contratar uma agência de massagens, umas massagistas. Eu nunca havia feito isso, bem, no final contratamos uma e foi do caralho. Eu me lembrei da primeira vez que fui à zona, só que agora quem me levou fui eu. A primeira vez que transei eu estava no Nordeste com meus primos, na casa deles, e foram eles que me levaram. Agora, hoje, eu acho que o momento é outro. Sou eu me buscando para fazer as coisas. Eu me levei à zona.

As mudanças que estão acontecendo com relação à atitude dos sujeitos, no que dizem respeito ao desempenho sexual,

têm relação com o modo como enfocam o prazer. A mulher anteriormente deveria dar prazer ao homem, hoje os indivíduos reconhecem que tanto o homem quanto a mulher estão em busca do prazer. A existência de casas de prostituição feminina é um exemplo de que somente o homem tem necessidade de sexo. As mulheres que assim se dizem são vistas como *mulheres fáceis* ou *prostitutas*.

Comenta um sujeito:

> Se eu quizer trepar eu posso ir ali em cima na rua Alice e pagar. Se eu quiser pagar, eu também posso ligar para um monte de pessoas doentias, entendeu, e falar vem trepar comigo e vem. Agora, quem vai preencher meu vazio? Mas tem horas que eu não quero só trepar e foder.

O sentido que tento apontar é de que o prazer sexual é um prazer só masculino, na concepção tradicional dos gêneros, onde o gozo feminino não é a revelação do prazer da mulher, mas o atestado do prazer e da virilidade do homem. Dependendo do modo como os indivíduos foram *alterando* suas concepções sobre os papéis, iremos podendo acompanhar em suas falas uma presença maior ou menor dos problemas levantados anteriormente.

Diogo fala que:

> Na cama os papéis se confundem e depende muito das cabeças. Quando eu estou na cama com uma mulher, por exemplo, eu nunca me sinto no papel, que eu estou ali por ser homem. Eu estou ali porque estou satisfazendo a alguém, e estou buscando satisfazer-me. Eu não me preocupo com isso, inclusive já me senti no papel de mulher (fisicamente). Assim, é uma coisa de buscar quais prazeres que a mulher sentiria. É uma viagem.

Os indivíduos têm no prazer o ponto de referência pa

ra suas ações, tentam mostrar que o seu desejo é de abrir mão de um prazer egoísta, em que o homem é o centro.

> Você cresce e desenvolve uma maneira não egoísta de tirar prazer, mas também de dar prazer.

Observando o que os homens conversam, o modo como apresentam seus pontos de vista e em torno do que assentam suas preocupações, pode-se notar que os homens evitam problematizar suas identidades, possíveis pontos de tensão, ou ainda alterar seus papéis. Um dos entrevistados comentou que *é mais fácil ser homem do que mulher, em nossa sociedade*".

Percebe-se, no entanto, que por meio da experiência, os informantes procuram falar de uma outra identidade. Não nos foi possível precisar a que nível se processa esta mudança na identidade do sujeito, ou ainda qual é o seu compromisso com ela pelo fato de que se implicita uma distância entre o que diz respeito e o que faz. No entanto, o receio da marginalização funciona como uma justificativa para manter a identidade *solicitada* socialmente. As preocupações masculinas da perda de ereção, na ejaculação precoce e de aumento do apetite sexual são manifestações do caráter autoritário que se mantém vigente na identidade do homem.

Costa, em uma entrevista dada à revista *Isto É*, em junho de 87, comenta que: *com toda repressão que tem, a mulher lida melhor com a intimidade do que o homem. Mesmo quanto enfrenta dificuldade de orgasmo, ela tem menos ansiedade sexual. Já o homem entra sempre em ansiedade quando lhe falta o orgasmo. Porque ele é mais cobrado a ter um comportamento - esta questão do desempenho, do macho se provar alguma coi-*

sa. Ele tem que fazer as coisas meio por decreto e, com isso, o seu processo de amadurecimento das emoções fica meio atropelado.

Os indivíduos consideram válidas as relações abertas, ou seja, relações em que tanto o homem quanto a mulher *podem* ter vários parceiros. Contudo, não tomam para si este parâmetro, considerando a fidelidade e a exclusividade como referências para se compor o casal (monogâmico).

O aspecto unilateral com que fidelidade, honra e exclusividade se colocam dentro do casal, no sentido de ser uma condição a ser cumprida pela mulher, justifica o porquê de comportamentos masculinos, por vezes, agressivos e controladores. Mesmo que os indivíduos digam que suas posições e pontos de vista estão prevalentemente referidos ao modelo em que o $180^{o} > \theta > 90^{o}$, percebe-se que, no que diz respeito às regras para compor o casal, estas são prevalentemente as convencionais, podendo ser representadas pelo sistema em que $0^{o} < \theta < 90^{o}$.

Tem-se, no plano das atitudes, comportamentos e linguagem, o contato com a identidade de um homem que busca quebrar o que há de tradicional e rígido em seu comportamento. No entanto, a nível de suas relações íntimas, eles assumem posições tradicionais, onde a existência do sujeito está limitada a reproduzir a ordem social ($\theta < 90^{o}$)

Para Marcos:

> Eu acho ótimo relações abertas para quem quer tê-las, agora, depende da pessoa com quem você vive. Tem uma pessoa com quem eu vivo que não transaria este tipo de coisa. Se você não tem nenhum envolvimento com a pessoas, não há nenhum problema em se ter um relacionamento aberto. Você não tem nenhum envolvimento. É claro

> que o envolvimento acarreta também um certo dispêndio de energia.

Na perspectiva da fidelidade, sabe-se que é aceito o homem que tenha outras mulheres, além da que escolheu para companheira. Num jogo entre o lícito e o ilícito,o homem participa no papel daquele que observa e indaga a outro (*mulher*) a título de controle dos valores tradicionais (*fidelidade e honra*). É lícito ao homem ser ilícito com a mulher, seu papel lhe foncere esta autoridade. Não é lícito à mulher ter envolvimentos extraconjugais, aquela que assim faz é considerada infiel e traidora. O modo como o homem contorna essa situação é transformando a mulher em sua posse, como um objeto conquistado,submetido e tutelado pela força.

A força aliada, a posse da mulher, protegem o homem da possibilidade de traição e infidelidade que o ameaça , sendo o temor à traição diretamente proporcional à sua capacidade de poder trair. Age com a mulher tentando evitar que ela faça o que a ela é permitido fazer. Sua garantia aumenta se a imagem sem desejo, corpo ou prazer: esta é a esposa. A *outra* é senhora de si, possui corpo, sexo e desejo: denomina-se prostituta. *O relacionamento entre homem e mulher é permeado por motivos de posse. Para evitar mal-entendidos, quero esclarecer que o impulso de posse que domina nas relações sexuais e familiares não deve ser confundido com a aspiração que prevalece toda relação amorosa, de que a pessoa que eu amo, que eu desejo, deve ser minha .*

(...) *O homem vinga a mulher "culpada"* de adultério e seu culpada de adulterio e seu sedutor, mesmo que jamais a tenha amado ou desejado, simplesmente porque ela é 'sua', Faz

parte de sua '*honra*' não ser despojado de algo que lhe pertence, não importando se alguém necessita dele ou não." (Heller, 1971, p. 79).

Durante vários momentos os entrevistados se puseram contra o machismo. A exemplo disto, Lauro comenta que: *eu mudaria o papel masculino pela posse*. Porém, faz o seguinte comentário sobre uma relação em que o homem está envolvido por uma mulher e ela em determinado momento da relação passa a desejar outro homem:

> Acho impossível que eu suporte isto, pelo menos atualmente, não sei o dia de amanhã. Mas atualmente, neste sentido de machismo, de posse, de possessão, eu acho impossível. Acho extremamente difícil, e complicado demais.

É claro que a moral desempenha um papel excepcionalmente importante, mesmo de forma alienada, na humanização da relação entre os sexos. (...) O desejo de posse, o ciúme e o egoísmo não são eliminados, mas simplesmente orientados para áreas onde não entram em conflito - ou só muito levemente - com as normas sociais. Por exemplo: um homem que não pode bater em seu superior pode encontrar satisfação batendo em sua mulher. Várias modalidades de sadismo e masoquismo, principalmente enquanto perversões sexuais, não passam basicamente de escapatórias para um desejo particular de posse dentro do contexto permitido (contra o inimigo tudo é permitido)".

Algumas considerações podem ser feitas até o presente momento. Do modo como os indivíduos falam, percebe-se que o discurso opera com *palavras-conceito* tradicionalmente, porém com sentido diferente. Por exemplo, quando foi perguntado a um sujeito o que significa para ele ser homem, respondeu:

> Ser homem para mim significa ser forte, mas forte no sentido de encarar a vida. Não ser forte, machão, brigão, dar porradas, essas coisas. Mas sei lá, ser forte como o que é importante para você. E não ser pseudo-forte.

A palavra *forte* pode ser empregada nos dois modelos: $180^{o} > \theta > 90^{o}$ e no em que $0^{o} < \theta < 90^{o}$. O que está variando é o significado com que é empregada em um ou em outro. Se $\theta < 90^{o}$, justifica a identidade do homem assumindo o significado de forma física: o macho; no outro modelo se mantém o mesmo significante, variando o significado: o *humano-homem* à procura de si mesmo (o homem psicológico). Contudo, a referência a *um* significante se mantém, levantando a questão de que o que pode estar ocorrendo é a construção de um modelo dentro do outro, sendo a *nova* identidade do homem fruto da reordenação da anterior.

O mesmo efeito pode ser observado quando um sujeito, para se referir à mudança que experimenta, utiliza a imagem do machão que mata o próprio machão e com isto cita o binômio *comer e ser comido*. Isto produz a indagação a respeito da direção que o sujeito têm procurado: até que ponto o centro gerador da identidade masculina não mantém com o *idealizado*, um vínculo de compromisso. É importante considerar a dimensão e a proporção que os mesmos dão à *mudança* e o que ela significa para os indivíduos. A dúvida sobre estas questões aumentam na medida em que analisamos as práticas de trabalho e de relações sexuais realizadas pelos indivíduos, onde os parâmetros utilizados nas mesmas tendem a diminuir o reconhecimento do sujeito enquanto agente transformador da ordem (vide modelo $\theta < 90^{o}$), limitando-se a reproduzi-la.

Do modelo $\theta > 90^{o}$ existe um discurso onde o que se

faz tende a se dissociar do que se diz. Do mesmo modo os pontos de tensão e conflito explicitam as áreas bases do que convencionalmente se define para o homem e a mulher no que diz respeito a comportamento sexual, por exemplo.

A posição de Jeremias quanto às relações abertas é a seguinte:

> Prá mim é furada. Prá mim pessoalmente, Quando eu estava muito tempo com uma menina que eu tentei morar junto um tempo, uma relação enorme, do final da adolescência, e a gente transou com mil pessoas nesse tempo eu propus este negócio de relações abertas e... eu saquei que não estava a fim dela. Eu jamais sustentei um relacionamento, assim não é moralismo nenhum.

Irineu por sua vez comenta que:

> Tenho minhas posições teóricas sobre ela. Eu não me incomodava que minhas mulheres tivessem outros casos, mas elas nunca têm. Eu tenho medo de mulher possessiva. O medo de ser controlado demais. Eu não gostaria de ficar me excluindo no casamento aberto. Ela poderia ficar com outros, mas eu não queria ficar sabendo... e também tem uma coisa de encher o saco, de dizer que transou com fulano, só pra você ficar sabendo.
>
> Eu não tenho experiência de relações abertas, as minhas melhores relações foram fechadas, e quando começaram a abrir, era a hora de trocar de parceira. As mulheres não gostam disso não (relações abertas).

Se a correspondência entre o discurso e a prática guarda uma certa distância, pensa-se até que ponto o que se mantém *constante*, nos modelos $\theta < 90^{\circ}$ e $\theta = 90^{\circ}$ não é a idealização que o sujeito faz dele mesmo e/ou da ordem social. Assim, podemos inferir que a identidade dos sujeitos pesquisados é aquela que se faz representar por $\theta = 90^{\circ}$, observando a permanência con

tínua de aspectos que definem a identidade masculina, sendo os modelos $\theta > 90^{o}$ representante do projeto, do que o indivíduo pode vir a ser. Um indivíduo que deseja ser homem pelo prazer em sê-lo, e não pelo dever.

Deste modo, é importante considerar a história social da identidade do homem, bem como a história do seu desejo, para que possamos considerar não o que *foi feito* ao sujeito, mas o que ele irá *fazer com isto*. Se $\theta > 90^{o}$ representa a possibilidade de transformação e *alargamento* da identidade do sujeito, por sua vez $\theta < 90^{o}$ representa o que há de rígido e constante na fala dos mesmos. O valor é dado às instituições e às normas da ordem como se elas fossem *maiores* que o próprio sujeito, sendo a existência do sujeito justificada para cumprir e realizar os preceitos da *lei*. O sujeito que se faz representar pelo *silêncio crítico* em torno de sua identidade é por nós apontada pelo recurso do modelo em que $\theta = 90^{o}$.

Tanto no modelo em que $\theta = 90^{o}$ quanto no que $\theta < 90^{o}$ a estrutura de relação entre os gêneros mantém a idealização a respeito de cada um dos sexos, gerando tensão no indivíduo. Os sujeitos têm dito que este fato tem relação com a maneira como a família se organiza e como são definidos os papéis e funções de seus membros. Os comentários sobre o casamento, as relações extraconjugais que cada indivíduo formou, têm relação com o aprendizado em família.

Lauro diz que:

> O que eu acho é que ser forte é ser idiota, entendeu? Por que você ser forte num padrão?
>
> Quando eu olho as pessoas que eu acho que sofreram isto mais na pele, como a

> geração dos meus pais, são pessoas que se acham fortes e são dançadas emocionalmente. Eu acho que no fundo todo mundo quer a mesma babaquice: ser feliz.

A maneira como os sujeitos têm descrito suas posições e críticas e o modo como tentam encaminhar uma *nova* direção para suas vidas ilustra um pouco mais o que viemos tentando discutir.

Everaldo comenta:

> Eu acho que são poucas as pessoas que bancam na minha vida algum tipo de relação, bancar que não estão a fim de casar, e a perspectiva é você transar a sua casa e eu a minha. As pessoas não bancam que não estão a fim de casar. Não, eu não estou a fim, é uma forma falida e que não dá certo. É difícil viver isto, bancar isto,quando você nem mesmo viveu o casamento, não viveu um trauma. Aí eu acho que as pessoas procuram relaxar mais, porque como é socialmente aceito, mas não bancam uma atitude diferente. Eu acho que já foi o tempo da galinhagem, deste tipo de coisa,não é por aí. É,uma forma de questionar o casal. O casal sim, mas por que não o casal diferente, que não seja o casal tradicional... qualquer indício de infelidade gera crise ou discussão. Eu acho que para o homem tem uma coisa mais complicada de aceitar liberdade de direitos para a mulher, sexualmente falando, culturalmente é mais fácil para o homem ter outros tipos de relação, mas daí o homem aceitar que a mulher tenha outras... inclusive socialmente como é que as pessoas vêem isto, acho que é difícil.
> Inclusive com meus amigos, com as pessoas que converso eles aceitam muito mais o cara que transa com outras mulheres, do que a mulher de um amigo seu que transa, que as pessoas sabem que estão transando com outras pessoas. Certamente ela será crucificada muito mais cruelmente do que seria o cara.

Atualmente as possibilidades de composição do casal oscilam entre: o casal que mora em casas separadas; as relações sem vínculos de compromisso - os indivíduos têm a idéia de esta-

rem juntos, mas isto só ocorre quando se encontram para ter companhia um do outro ou relações sexuais; ou ainda as coabitações, uniões sem o contrato da vara civil ou religiosa. Percebe-se que percorre as relações um receio em retornar, enquanto casal, ao lugar anteriormente ocupado pelos pais. Como são muitas as informações de *desmistificação* da família, tem-se com estas informações a revelação de confinamento e posse com que se constituía o *último casal*. Os sujeitos evitam esta ansiedade, não percorrendo o caminho seguido anteriomente por seus pais.

No momento de *desencantamento do casal*, o sujeito experimenta a ameaça de repeti-lo. Esta ameaça é uma tentativa de evitar a experiência do *desencantamento* mantendo ambivalente, o modelo através de fidelidade, honra e monogamia, o modelo que ele rejeitou.

Freud, 1906-1908, fala que a herança deixada pela moral sexual *civilizada* é a doença nervosa moderna. O regulamento pelo qual se constitui o casal no *horror ao incesto* faz com que ele sobreviva, quando prescreve leis que o reverenciam todo o tempo.

Em referência a Von Ehrenfels, diz: *Em sua opinião, a singularidade da moral sexual civilizada a que obedecemos é que as restrições feitas às mulheres por tal sistema são estendidas à vida sexual masculina, sendo proibida toda relação sexual exceto dentro do casamento monogâmico. No entanto, as diferenças naturais entre os sexos impõem sanções menos severas às transgressões masculinas, tornando mesmo necessário admitir uma dupla moral*". (Freud, 1908, p. 187)

Esta dupla moral mantém o homem *protegido* do desapontamento amoroso. A dor gerada por tal situação não é experimentada pelo sujeito, sendo incapaz de incluí-la como parte de sua subjetividade. Este fato o impossibilita de experimentar na separação o sentimento de pertencer a si mesmo.

Neste sentido, resta senão *reclamar* através do patriarcado a posse pelo *lugar* do pai. Podemos inferir que a necessidade do homem comprometer sua afetividade e erigir seu papel sob a razão tem como sentido reagir à perda deste *lugar* que supõe não suportar.

2.3 - Expectativa, controle e seletividade com as emoções

Expectativas, controle e seletividade foram aspectos mencionados pelos sujeitos, no que diz respeito à maneira como os homens expressam suas emoções. O que se pode dizer é que suas emoções são controladas e selecionadas antes de serem expressas, como meio de garantir nas relações interpessoais uma identidade socialmente aceita. Contudo esta condição, que aparentemente se faz necessária para a organização da sociedade, nos leva a refletir sobre que tipo de emoção é valorizada e que tipo é desvalorizada, bem como sobre as que devem ser controladas, na medida em que no perfil de uma sociedade moderna temos a violência e a agressão em primeiro plano. Deste modo, duvidamos se efetivamente o controle e a seletividade das emoções atendem a demanda de garantir a construção e o desenvolvimento da ordem social.

O receio à marginalização permanece também dentro

deste item, contudo, as mudanças que estão ocorrendo dizem respeito à incorporação de comportamentos como o beijo e o abraço entre amigos.

Os indivíduos entrevistados se admitem *carinhosos* e afetivos com amigos íntimos, tendo liberdade para abraçar e beijar outro homem. Existem também aqueles que reconhecem a dificuldade em assim expressar-se, porém, tanto uns quanto outros evitam quando estão em locais públicos como um bar, universidade ou ainda no trabalho, beijar ou abraçar outro homem. O temor é de que sejam classificados como *bicha* que, como diz um entrevistado, *é mais discriminada do que mulher.*

A questão é preservar a virilidade, de modo que o homem, enquanto macho, tende a incompatibilizar com sua identidade afetos como carinho e ternura. Observa-se que não é uma questão que perpeassa somente as relações entre homens, mas com as mulheres se colocam as mesmas dificuldades.

No trabalho *La maladie de la mort*, Duras conta sobre a relação de um casal em que o homem está doente e sua doença é não saber amar.

Falar e expressar emoções é difícil para o homem quando as emoções que estão em questão não dizem respeito a agressão e a violência.

Um grupo musical do Rio de Janeiro (Kid Abelha e os Abóboras Selvagens) tem como letra para uma canção lançada em 1985 a seguinte estrofe: *Garotos perdem tempo pensando em brinquedos de proteção;*
romance de estação,
desejo sem paixão,
qualquer truque contra a emoção."

Com a alteração do papel da mulher, o homem tem se deparado com outras demandas afetivas que não foram experimentadas durante o processo de construção de sua identidade. Os sujeitos comentam que as mulheres exigem do homem uma sensibilidade que anteriormente não existia. A reação dos entrevistados à indagação sobre o homem feminino, era de dúvida e até de ameaças quando eles confundiam o mesmo com a *bicha*. Quando conseguiamos separar uma questão da outra, eles diziam que gostavam de expressar o carinho que sentem pelos amigos. A título de esclarecimento, os sujeitos tomavam as palavras bicha, homossexual e homem feminino como tendo um mesmo significado.

Tradicionalmente se sabe que o carinho e a expressão de algumas emoções é o traço de identidade que os sujeitos rejeitam pela possibilidade de serem classificados como bichas. O afeto por outro homem expressa-se no medo da marginalização.

É interessante notar que o homem tem seu afeto negado na existência de si mesmo, como se a afetividade masculina se expressasse pela negação de sua existência. O silêncio que acompanha a afetividade do homem torna mais difícil registrar sua presença dentro do discurso dos entrevistados.

Tomo por *expectativa* a identidade desejada do sujeito nas relações sociais; por *controle*, a vigilância que ele mesmo emprega sobre o que sente; e por *seletividade*, a hierarquização a que submete suas emoções classificando-as segundo o que convencionalmente se deseja de um homem (Cf. Misse,1981, pp. 14 à 16).

Os três conceitos apontados irão reiterar o modo como se constitui a identidade masculina apresentada na primeira

parte deste trabalho: reconhecimento da afetividade, em um primeiro momento, negação da mesma, em um segundo, para posteriormente firmar que o homem *deve* ser duro e racional, bem como discreto e decidido no que diz respeito às suas emoções.

A socialização do menino ocorre segundo a privação de certas emoções, para que o indivíduo possa alcançar a identidade desejada. A criança é observada tendo em vista a necessidade que incorpore atitudes adequadas para um *homem* - esta é a expectativa.

O controle e a seletividade das emoções têm como função garantir que durante o processo de socialização certas emoções sejam expressas e outras não. Serão valorizadas a *coragem*, a audácia e a agressividade que sustentarão a iniciativa *masculina* (Misse, 1981).

> Eu acho que o homem é mais corajoso do que a mulher, elas têm medo de tudo...

Uma outra consideração é de que a preocupação em afirmar o homem viril se verifica como recurso para conter a possibilidade do *homem afeminado*, como se este fantasma também estivesse sempre presente durante o processo de construção de identidade do sujeito. A maneira pela qual o indivíduo é socializado se fundamenta na concepção de que o homem tudo pode, ou seja, de um projeto que faculta ao indivíduo ser homem sendo não-homem. A intenção é limitar o processo de socialização à experiência de algumas emoções em detrimento de outras, uma noção que se sustenta na privação de afetos e, através da onipotência de pensamentos, se desloca e se expressa por conquista e dominação.

Observaremos a seguir depoimentos sobre a identidade

desejada, bem como críticas e dúvidas com relação a mesma. Também se apresentarão receios e ameaças comuns, presentes nas relações masculinas.

Everaldo aponta para dois elementos que considera importante para a identidade masculina: agressividade e iniciativa. Fala de suas ansiedades como sendo decorrentes do fato de ele não conseguir cumprir com as exigências de seu papel de homem.

> Eu nunca assumi o papel de quem está conquistando, eu estou indo à luta. Ligar para uma pessoa e dizer: olha, olha vamos sair... Eu sinto-me muito passivo nesta estória, até por insegurança e timidez. Então,o que acontecia quando uma mulher explicitava que estava a fim de mim, quando as coisas já estavam claras e não dá pra negar, aí sim eu tomava a frente.

Em suas palavras, também afirma a aflição em expor seu *desejo e não vê-lo realizado*. Para ele, isto não ocorre com outros homens que não se *importam em serem rejeitados*. Na sua visão, a rejeição é maior quando é sofrida por ele do que quando é um outro homem que a sofre. Entretanto seu sofrimento não é decorrente da não realização de seu desejo, mas da crença de que ele mesmo não corresponde a uma expectativa social (o do homem de iniciativa e agressivo).

Observa o comportamento dos outros homens e os compara com o seu, tendo em vista a idealização necessária[9] para a existência da identidade masculina.

---

9 Entendo por idealização o que Laplanche & Pontalis definem como sendo o processo psíquico pelo qual as qualidades e o valor do objeto são levados à perfeição. A identificação com o objeto idealizado contribui para a formação e para o enriquecimento das chamadas instâncias ideais da pessoa (ego-ideal; ideal-ego).

Prossegue Everaldo:

> Pelo menos as pessoas podem ter este lance, mas elas têm uma atitude mais agressiva. Certamente não ser agressivo não é exemplo de uma pessoa padrão., é uma exceção. Inclusive porque os amigos cobram. "Aí, aquela menina olhou pra você, vai lá". O que exacerba a minha dificuldade. Inclusive porque não é um comportamento feminino, comum às mulheres tomarem iniciativa.
>
> Muitas mulheres que eu fiquei a fim de transar e de repente não tinha este tipo de iniciativa, eu acabei dançando.E terminou porque eu não fui à luta,fiquei na minha. Isto é foda...
>
> Se tento mudar este tipo de comportamento, e este tipo de dificuldade minha era mais grave com o comportamento social da mulher de ter uma atitude mais passiva. Ela quem recebe os agrados e dá ou não o seu aval. A coisa de se expor e tomar um não é desagradável. E isto é um poder que elas têm.

Homem e mulher passam a ser definidos segundo uma perspectiva idealizada, em que há estratégias de poder de um sobre o outro. Se a mulher está submetida à autoridade do homem, esta mulher, em outro nível, é quem avalia e reconhece o desejo masculino. Como se a cada ação e investimento do homem correspondesse toda sua identidade. Dizer não a um desejo significa dizer não ao indivíduo que o explicitou.

Contudo, existem formas de punir a mulher que não aceita a iniciativa masculina. Comenta um sujeito:

> Quando eu tinha quinze anos, numa festa, você tinha que chamar uma mulher para dançar. As mulheres diziam não, e era não mesmo. E os caras faziam as coisas mais machistas, tipo o cara mais bonito tirava a mulher para dançar e largava ela no meio do salão, só porque ela recusou o amigo dele.
>
> O jogo era assim, todo mundo em cima do mais bonito, e ninguém em cima dos outros.

A discriminação e o preconceito são recursos utilizados pela norma social para a moralização dos comportamentos de um ou de outro. Não somente as mulheres, mas também os homens, tendem a imprimir um sobre o outro uma vigilância no sentido de garantir o padrão pelo qual são definidas suas identidades, sendo o padrão baseado em definições que seguem o arbítrio e o interesse das classes burguesas.

O masculino definido pelos modelos $\theta = 90^{o}$ se fundamenta no princípio da autoridade, valendo-se para isto da *diminuição* do valor do indivíduo socialmente. Mas é fácil reconhecer esta *diminuição* se remetermos a Beauvoir (1949) e Ariès (1973) quando os mesmos analisam a posição ocupada pela mulher e pela criança nas sociedades industriais, respectivamente. O conceito de autoridade,quando presente na relação, qualifica um indivíduo como dominado e outro como dominador, sendo o processo de construção do sujeito mediado por estes conceitos. Podemos compreender que ele se desloca em outros níveis, como observamos no depoimento abaixo:

> Uma coisa é ter duas pessoas e o papel da mulher é ficar esperando que o homem manifeste seu desejo e ele diga sim ou não. Pelo menos em primeiro momento é uma coisa mais cômoda. Você faz a pergunta e ela responde sim ou não.
>
> A sociedade valoriza aquele cara que é mais agressivo, até mesmo as mulheres em geral. Tem esta coisa de valorizar o cara que é mais audacioso, e mesmo apesar de todas as críticas a este tipo de situação, isto rola até na parcela mais esclarecida da população.

No que diz respeito a sentimentos, a situação não é diferente, a sociedade associa a emoção feminina com o núcleo passivo da mulher. Contudo, a atividade depende de força, ini

ciativa e agressividade para definir-se. O que nos remete à análise do desejo masculino: quais fantasias podem explicitá-lo senão aquelas que o excitam e as que o ameaçam? Que modelo de homem a produz? E ainda, por que as faz? À guisa de que os homens teriam as preocupações explicitadas nas entrevistas?

No decorrer das entrevistas, percebemos que a afevitidade masculina tende a ser a expressão do prazer infantil do homem que na realidade encontra impossibilidade de realização. Os homens tentam retirar da realidade não o prazer que ela possa lhes oferecer, mas o que desejariam receber, que em última instância são *traços de memória de um prazer infantil* (Freud,1905).

O homem adulto retém em si mesmo a negação de ser menino, e ambivalentemente alimenta suas fantasias com o afeto retido na infância. Retido em função da valorização de determinados afetos a outros. Everaldo diz que:

> As relações que tive com as garotas foram boas, mas cheias de vícios, porque *eu não deixava meus desejos se manifestarem.* E a representação que eu tinha, do que eu devia ser, eu acabava assumindo o papel do cara que ajuda, que era compreensivo e que na cama estava preocupado com o prazer dela, era uma obrigação. E acabava que tinha algum prazer nesta obrigação de estar cumprindo este papel. Hoje tenho pessima avaliação disto. Por outro lado foi bom, pelo tipo de coisas que você entrou: o sonho, idéias. Mas foi muito sofrido, porque era uma coisa que não era muito sua. (Grifos do autor).

Desejo, neste caso, é entendido como sendo a expressão do que o indivíduo sente. O homem, na busca de segurança, utiliza parâmetros convencionais onde sabe que se utilizá-los produzirão comportamentos socialmente aceitos. Não podemos deixar de mencionar que o temor da não aceitação remetem ao medo

do abandono e do desamparo. Estas considerações revelam o quanto a afetividade do menino fica quase que reduzida à expressão de força e agressividade. O afeto valorizado desta forma tem como intenção produzir um indivíduo viril, atrelando virilidade ao sexo do sujeito. Desta relação, apropriada pela família, chega-se à identidade do *chefe de família*, do *pai* da ordem.

Fora destas fronteiras, os indivíduos tendem a pensar a afetividade como sendo pertencentes ao feminino, e por esta razão interditada. Este fato não se contrapõe ao sofrimento do indivíduo que deseja expressar suas emoções e não pode. Os indivíduos criticam o *machão*, porém as situações que os levariam a se comportarem como o *homem sensível* (aquele que chora, sente falta de carinho, sente insegurança, medo, deseja ser carinhoso com um amigo) sucumbem frente à necessidade em se legitimarem *machos* socialmente.

Os sujeitos expressam um desejo em romper com o que há de convencional sobre a expressão de seus afetos, embora isto afinal não ocorra de fato. Na revista *Claudia*, agosto de 1987, em uma matéria insitulada *O novo Pai*, aparece o depoimento de uma mulher que diz: *na parte material, meu marido é uma pessoa fantástica. Peca até pelo excesso: o menino quer um, ele dá dois. Meus filhos têm computador, impressora. Ele dá recursos, prepara as crianças para uma nova geração. Mas tem um problema muito sério: ele sempre relegou a educação das crianças para mim. Me parece que é uma coisa do homem brasileiro - vejo isto também com o marido das minhas amigas - ou de geração, não sei. Eu sinto barreiras imensas nele. Meu marido é uma pessoa muito fechada e fria. Eu nunca o vi dar um beijo na mãe. Pensei que, com o filho, ele fosse se abrir mais. Mas*

não. Ele é incapaz de passar a mão na cabeça do menino e dizer estou com saudades, ou qualquer palavra de afeto. Isto está criando uma enorme barreira entre eles. Tenho medo. Vejo que estou sozinha na formação dessas duas pessoas,

Especificamente com relação aos afetos, percebemos que é por onde se apresentam os pontos de conflito e tensão. Os afetos dos homens estão na maioria das vezes, *misturados* com sexo. Durante as entrevistas, por vários momentos, os sujeitos se referiam a um quando desejavam mencionar outro, e vice-versa.

A mudança de comportamento no que diz respeito à expressão das emoções surge quando os indivíduos tentam alterar a maneira de compreender o homem e mulher - passam a designá-los por humanos, e daí, passíveis de experimentarem emoções. Se anteriormente o único recurso é considerá-los do ponto de vista sexista, hoje utilizam o conceito seres humanos para se referir aos mesmos.

A identidade masculina tem compromisso com a família, sob a ótica da ideologia patriarcal, como sendo a instituição que irá conferir ao homem a confirmação de seu papel e valor nos diferentes níveis sociais. O que anteriormente foi citado por Nogueira e Goffman. Contudo, existem sujeitos que se queixam da exigência de exclusividade e do caráter compulsório que se apresentam nas relações familiares. Irineu comenta que:

> O que mais assusta um homem é faltar um chão. Ele está lutando pelo poder, principalmente porque tem respaldo da família, filhos. Se esse chão lhe faltar, como a morte de uma das pessoas que ele contava, é duro.
>
> Tem um grupo de pessoas que realmente ele gosta, e outro grupo que ele convive em termos de sociedade. E o maior

> medo é perder a imagem junto a este grupo que ele gosta. Por exemplo, o Maluf, é capaz de fazer qualquer tipo de safadeza, mas não é capaz de vender a própria mãe.

Para este sujeito a família é uma referência, um parâmetro que o auxilia na definição de fronteiras afetivas.

Por outro lado, um outro indivíduo diz que a experiência da família para ele foi uma experiência chata, onde coexistem obrigações e exigências. Outro sujeito diz que é uma experiência de silêncio, onde o imperativo é o desconhecimento entre os membros da mesma. Este fato tem como função manter a idealização de cada participante da família, bem como a da própria instituição. Dentro da família as emoções têm um caráter exclusivista e diretivo. Deve-se saber de quem gostar e como o ato de amar pode acontecer. Também é presente o silêncio, função adestradora, que discrimina internamente o que pode ou não manifestar-se. O silêncio crítico existente sobre a identidade do homem tem sua gênese na idealização da família, onde comumente os indivíduos não trocam experiêncaas entre as diferentes gerações. Comenta Marcos:

> Eu acho a família uma coisa muito chata. Você é obrigado a gostar das pessoas, e ter um tipo de relação, porque estas pessoas são suas parentes. É ruim neste sentido compulsório, isto não me agrada. Eu não preciso gostar mais de minha irmã ou de minha prima só porque são minhas parentes.
>
> Só porque são relações de sangue, você precisa de ter algum tipo de lealdade que dá no saco.
>
> Eu não gosto de certas coisas que rolam dentro da família como: fofoca, competição etc -, isto eu evito.
>
> Tem amigos com que eu me identifico muito mais do que as pessoas de minha família. A sociedade te obriga a ter determinado tipo de sentimento pela família.

A identidade firmada socialmente, para os sujeitos, pouco reflete do efetivo da subjetividade masculina. Se a família a incrementa, como também outras instituições sociais, no sentido de garanti-la, existem indivíduos que mencionam que esta afirmação dificulta e compromete as relações dos homens. Cria sobre as mesmas uma atmosfera de medo e empobrecimento: parte do imaginário fica *privado* a simbolizações.

Para alguns sujeitos, a questão da intimidade masculina existe, e para outros, ela é uma *representação teatral*. Contudo, tanto uma quanto a outra revelam que os encontros entre homens se iniciam por uma ação: fazer algo. Eles dificilmente se procurarão por terem sentido falta um do outro, e se isto ocorre não é dito ou mencionado. Mesmo entre amigos os assuntos são trabalho, mulher, política e futebol. Comentar o que um sente pelo outro e o significado da relação é ameaçador.

Surge uma questão: por que assusta o homem o *face a face* com o outro? Esta pergunta poderia ser respondida pelo receio que se tem em ser *mal interpretado, ser visto como viado*. Todavia, a que interesse estaria servindo?

As mulheres que o haviam adorado apaixonadamente e que por ele haviam desafiado a censura social empaledeciam de vergonha e horror, quando Dorian Gray penetrava nos salões.

No entanto, todos aqueles escândalos cochichados só faziam aumentar aos olhos de muitos seu estranho e perigoso encanto (Wilde, 1961).

A identidade masculina é construída com fios deste encanto. Se por um lado é encantador ser homem, por outro tam

bém é ameaçador, na medida em que a onipotência de pensamentos garante a crença na eficiência de realização deste poder sedutor.

Hércules comenta que:

> Os homens hoje em dia estão mais inseguros e infantis. Eu sinto o homem meio perdido, sem saber o que quer.

O significado desta perda pode ser compreendido como decorrência da alteração entre o papel da mulher e o lugar que ocupava socialmente. Tanto no trabalho quanto na vida afetiva, as mulheres têm conquistado um reconhecimento maior. Assim, o *encanto* masculino diluído no trabalho, em sua performance sexual e bom senso, diminuem sua eficiência, e o homem passa a experimentar o status de homem comum.

> A gente leva uma vida em que tudo existe para dificultar a relação pessoa-pessoa. E as próprias dificuldades da vida superpõem estas relações. Eu vejo assim, por exemplo, as pessoas têm poucos amigos, ou são amigos sociais que saem uma vez ou outra. É no seu trabalho que as relações são geralmente de disputa. Não é uma relação de companheirismo ou de desenvolver algum trabalho junto. Comenta Diogo.

Há por parte do sujeito um desejo de alteração do quadro atual do papel masculino, fora da ordem da competição. Porém não se pode dizer que a nível das relações entre amigos esta mudança venha ocorrendo: primeiro pela dificuldade em expressar sentimentos (que não os convencionais), por estes estarem associados à sexualidade segundo, porque o homem pouco fala de si, raramente dizendo o que sente, constituindo relações sem *aproximações*.

Hércules opina a este respeito:

> O homem não se procura muito, é difícil ligar para outro para marcar um encontro, ou para se ver. É raro um homem dizer pra outro que está com saudades. Agora os homens se procuram bastante quando estão sem namorada, quando estão sozinhos.
>
> Mas sem dúvida que você se afasta de seus amigos mais próximos quando está com namorada.

O que este sujeito fala ilustra o que viemos discutindo até o momento. O homem lida com seus afetos desta forma. Geraldo por sua vez relata que:

> O homem é mais duro emocionalmente. Mas eu sou homem e já fui superemocional. Hoje em dia sou mais discreto. Tenho momentos de grande alegria, de paixão, mas de forma mais reservada.
>
> Eu acho que até existe este lado meio machista, em que o homem não mostra muito seus sentimentos, parece, pelo que é dito. É melhor. Que você se defende mais eu pelo menos mudei por achar que se sofre menos, você acaba sentindo menos. É ruim. E também por achar que isto é coisa de mulher.

Os comentários anteriores representam um homem conhecido socialmente. Gostaria de comentar dois pontos referidos pelos indivíduos e que considero importantes para compreender a dificuldade na relação entre homens. O primeiro deles diz respeito à fala de Hércules: *os homens se procuram quando estão sem namorada*, e o segundo ao comentário de Geraldo se dizer *superemocional*.

Considerando os depoimentos anteriores, a afetividade do homem é adestrada de modo que ao final do processo o indivíduo seja discreto. Esta maneira de lidar com a afetividade gera *fantasmas* na relação entre os homens. Analisaremos melhor esta

questão no capítulo três.

Articulando entre os dois comentários anteriores, podemos inferir que há uma relação entre o papel do amigo e o da namorada, sendo que ambos têm a mesma função e ocupam o mesmo *lugar*. É só na medida que fazem parte do mesmo *lugar*, que entendemos as ameaças que rondam as relações afetivas entre os homens: *os homens se procuram mais quando estão sem namorada*. O conflito surge na medida em que o afeto masculino é dirigido para uma ação sexual, onde os predicados da socialização indicam a mulher como a que deve acolhê-lo.

Percebemos que os sujeitos tendem a reduzir a complexidade de suas identidades a comportamentos definidos como masculinos e femininos. Diante desta pré-condição, o homem tem dificuldade em falar do que sente, temendo que por expressar seus sentimentos seja classificado como *marginais*.

Utilizando a fala de um dos sujeitos *nesta sociedade, é mais fácil ser homem do que ser mulher*, nota-se uma valorização em ser homem, bem como o encanto de sê-lo. Se alguns indivíduos comentam que sofrem por serem homens, percebe-se que este sofrimento se deve à base de construção da identidade masculina, que sustenta uma ambivalência emocional. O *encanto* social, revelado pela possibilidade de mobilidade, status e prestígio, tem como efeito o confinamento da expressão das emoções e virtualidade do papel social. Nesta perspectiva, o homem está infantilizado e submetido, enquanto criança, à autoridade de outrem. Este outro pode ser a mulher (e teme ser possuído por ela) ou seu chefe (com quem não deve dizer o que pensa e sente a respeito do mesmo) etc.

O lugar que o homem ocupa socialmente é um lugar reificado. Neste lugar não há possibilidade para que o homem se depare com sua fragilidade e insegurança, bem como sua necessidade de carinho e afeto. Estas facetas só têm sentido se manifestadas sob a forma de carência e intolerância, que demandam comportamentos agressivos e violentos de alguém dependente que se vê frente a situações de frustração de seus desejos (o homem viril), ou ainda fragilidade na posição de *meninos-adultos*, que buscam relações paternalizadas ou maternais.

Diogo faz o seguinte comentário:

> O que é estabelecido para o homem é que ele é mais estável emocionalmente - o que é uma cascata -, que ele não chora, que é mais forte e que é o cabeça do casal. O homem é o chefe de família, aquele que põe a comida em casa e que defende a família. Isto são caracterizações que fazem um homem que não condiz com o que ele é. Por exemplo, eu já transei com mulheres em que eu era mais fraco emocionalmente, elas ganhavam muito mais do que eu. Na prática não existe o papel do homem, o que existe é o papel que a sociedade lhe impõe.

Diogo exemplifica de maneira bastante clara o que vínhamos discutindo até o momento e pode ser completado pelo que Marcos diz:

> Eu sou um cara fechado.

Bruno por sua vez complementa dizendo:

> O homem fala pouco, tem uma linha de conduta em que deve se mostrar como todo mundo é. Deve ter cara de mau.
> Eu não me importo com isso, não me importo com os padrões, mas tem uns que eu suporto menos do que outros. O homem fala pouco, e ele aprende o que é de bicha e o que é de homem, porque tudo é estabelecido. Isto tudo é passado. Se você não é assim é porque você é assado. Se você não está dentro desse rótu

> lo, é porque você está dentro daquele rótulo. E se você usar um sapato com um cordãozinho é bem provável que as pessoas achem que você é viado porque usa tal sapato. A sociedade é muito complexa.

Segundo os depoimentos apresentados anteriormente, pode-se perceber quão complicado é falar sobre intimidade nas relações entre os homens. Se o silêncio é o moderador do discurso, e se sobre ele a questão é manter a idealização entre os indivíduos, resta saber o quanto um homem sabe efetivamente de outro, e mais, o quanto suportaria saber.

Bruno comenta que:

> Eu nunca tive uma relação íntima com um amigo meu. Acho que os homens jogam na defesa o tempo todo. Não sei se poderia existir, talvez possa. O que fica presente nas relações entre homens é a solidariedade, a ajuda, o apoio, as coisas boas. Tem um amigo meu que conheço a anos, ele está todo enrolado com a polícia. Ele é alucinado e se abre comigo. Está com um problema incrível. Eu me abro com ele, dizia prá ele: eu acho que estou meio maluco. Mas, mal ou bem, estou caminhando, tenho conquistado coisas e ele não tem nada. Está envolvido com roubo. Eu não sei, não sei até que ponto há intimidade entre homens, é tudo preestabelecido, isso pode, aquilo não pode...coisas de sociedade latina.

Carlos reforça o que vínhamos discutindo acerca da expressão das emoções, e aponta que na maioria das vezes os homens estão representando um papel mais do que expressando efetivamente o que estão sentindo nos diferentes momentos de suas vidas, tendo em vista sua imagem a zelar.

> Não sei se os homens expressam os sentimentos deles. Na maior parte do tempo não. Eles guardam para si próprios as coisas, a não ser para pessoas de super

> confiança. É um teatro na maioria das vezes.

Por outro lado Jeremias tem uma outra ezperiência neste sentido. Diz que na relação entre homens *há uma intimidade profundíssima*, só que permeadas pelo não dito. Resta saber como se processa o fato, contudo, os homens valorizam as amizades e têm nelas ponto de apoio para a solidariedade.

Jeremias diz que:

> Amigo é uma coisa fantástica, mesmo os que não vejo há algum tempo. Quando tem problema, um procura o outro para receber ajuda. Existe uma intimidade entre homens, profundíssima, e eu não tô falando do platônico, que ninguém se abraça, ninguém se toca não. Mas rola por outro lado. As mulheres fazem mais carnaval, eu acho, no sentido de amizade... Com homens rola pelo prazer de estar junto, pela identidade... As coisas não são verbalizadas, você sabe que aquela pessoa pensa como você, que você tem alguma coisa em comum com ela e que ela te incita para alguma coisa, entendeu? Que ela te cativa e até mesmo te atrai. Ela não é tão explícita, tão festejada...

Do modo como descreve, observamos que o critério estabelecido dentro das amizadas oscila entre a *intuição* de que se é amigo, junto ao reconhecimento da ajuda que um presta ao outro. Vêem as relações entre mulheres como sendo relações *festivas* (no sentido de serem mais extrovertidas) e, do modo como foi mencionado, significa que o que há entre elas é uma liberdade maior para a expressão dos afetos.

Os homens tendem a valorizar nas relações aqueles afetos que são valorizados socialmente. Os sujeitos mostraram dificuldades em falar e comentar sobre acontecimentos que marcam ou marcaram suas relações, como se pudessem ser *mal inter*

pretados. Com isto, mesmo que estejam presentes em seus discursos posições não convencionais no que diz respeito à expressão das emoções, têm dificuldade de assumi-las ou valorizá-las como suas.

Para Geraldo:

> Rola, rola muita intimidade nas relações entre homens. Sei até, quer dizer, eu não sei o nível de veracidade, mas imagino como alguns amigos meus transam pelo fato do modo como falam. Se bem que os homens são mais íntimos entre si do que as mulheres. As mulheres são mais íntimas enquanto... quer dizer, eu não acredito muito nisto de intimidade não...

Mesmo apesar das oscilações do discurso de Geraldo, alguns sujeitos falam da experiência em que o contato físico passa a ser um elemento *novo* nas relações entre homens. Os sujeitos relataram experiências que de certo modo subvertem o comportamento convencional masculino. Por exemplo, falam do beijo como uma atitude que passa a ser usada entre homens, e que vem sendo incorporada ao longo dos últimos anos.

A este respeito, Diogo fala que:

> Minha experiência diz que tudo o que pode ser de homem pode ser de mulher, ou seja, tudo o que pode ser íntimo entre homem-homem, pode ser também feito entre homem e mulher. Entre homens é mais difícil, mas eu não vejo porque não ser carinhoso com outro homem, eu me relaciono com meus amigos de modo muito carinhoso, eu os beijo.

Carlos, por sua vez, diz que a dificuldade existente entre os homens é cultural. Comenta:

> Particularmente no meu círculo de amizade, aqui no Rio, é comum os homens se beijarem. Dá um abraço, pega e dá um beijo no rosto. Agora se a gente se encon-

> tra num restaurante a gente não dá um beijo.

A justificativa utilizada pelo sujeito, num momento posterior a este depoimento, é o temor de ser classificado como *bicha*. De qualquer forma, o medo de ser ridicularizado e servir como alvo de chacotas não é desejável. Assim, este comportamento fica circunscrito a casa de amigos ou a ambientes em que já se tenha conhecimento prévio de sua aceitação.

O beijo entre homens tem sido um comportamento que pode ser observado entre amigos. Contudo, um dos entrevistados considera que:

> As gerações mais novas, aquelas que são posteriores, ou duas gerações abaixo da minha, são menos conflituadas com este tipo de atitude.

Antônio diz:

> A sensualidade masculina é uma coisa muito pouco aceita. Eu tenho dificuldade de abraçar e beijar amigos meus na rua. Acho difícil fazer isto.
>
> Agora, eu tô convivendo com um grupo de pessoas que está muito além, não que eu seja gay, mas é uma coisa mais liberada, muito mais... Eu tô aprendendo a chegar e dar um beijo em um amigo.

Guardando a singularidade entre cada sujeito, há os que arriscam comportamentos como os anteriores mencionados, mas também há os que preferem manter suas atitudes com amigos como as convencionalmente aceitas. Porém, os indivíduos ligados a atividades profissionais artístias aparentemente se afligem menos com o contato físico entre um homem e outro do que aqueles ligados a profissões convencionais (economia, engenharia). O que não quer dizer que comportamentos *novos* adotados por homens

tenham uma correspondência direta com a profissão que exercem.

Em conversa com um ator, percebi que em sua fala existiam conceitos a respeito do homem e da mulher que se correspondiam com as concepções tradicionais a respeito de ambos. Este indivíduo se coloca nas relações com seus amigos beijando e abraçando-os mas quando perguntei o que ele sabia da vida de um deles, disse-me que muito pouco.

Por sua vez, o depoimento de um engenheiro comunicou quão rica e estimulante é sua relação com seus amigos.

O que pude perceber é que quando um homem expressa suas emoções ele o faz repetindo a experiência e as informações recebidas nos primeiros anos de sua vida. Todavia, as *mudanças* não procedem de um estado de desconforto ou denúncias do que é preestabelecido para o homem. As alterações no modo de agir não são decorrências de um processo em que o indivíduo muda por não desejar permanecer como está, um processo de tomada de consciência para romper com o que é estabelecido. O *homem sensível* passou a ser mais uma criação da *modernidade*, uma fabricação sem compromisso com a ruptura ou inovação da ideologia sexista sobre homem e mulher.

Quando os sujeitos descrevem suas experiências afetivas, falam com mais segurança quando respaldados pelo *social*, como se a necessidade do legítimo os perpassasse, um legítimo que não *pertence* a eles, mas à ordem do mundo capitalista.

Comenta Jeremias:

> Eu sou muito grilado neste ponto de contato físico. Eu não gosto, nem com mulher que eu não conheço muito bem. Eu sou super-reservado neste ponto. Aí eu sinto que com o homem esbarra nesta coi

> sa. Por exemplo, eu tenho amigos que a gente se abraça, que existirá até esta possibilidade de que a gente se beije, mas mesmo que você goste, entre homens se coloca esta separação. Na mulher você pode dar.
>
> As mulheres têm mais uma coisa explícita entre elas. Não digo que a amizade explícita seja mais forte ou fraca que a implícita. Acho elas simplesmente diferentes.
>
> As mulheres são mais afetivas, são mais de agarrar. O homem é menos, acho que sim, existe uma forma masculina talvez mais reservada, mas não por isto menos íntima.

Foi comum encontrar no discurso dos sujeitos manifestações do desejo de chorar. Tanto o beijar quanto o chorar são emoções que surgem nos discursos como desejos que receiam a discriminação ao serem expressos. O receio existe em função dos sujeitos associarem os mesmos a desejos femininos, *a priori* separados dos masculinos. Mesmo que o discurso dos sujeitos façam referências ao homem humano, numa perspectiva de igualdade e semelhança com a mulher, o que mais aparece em suas práticas são receios de expressar insegurança, fragilidade e afetos como carinho e ternura. Como se em cada discurso existisse a *imagem* do homem humano, que é bem aceita, mas que se refere a uma figura de linguagem, e não à práxis dos sujeitos. Uma concepção que se situa na ordem do que é dito, mas sem compromisso com a ação. É importante considerar que o discurso nem sempre diz.

Há, segundo os sujeitos, entre os homens, frisos de solidariedade e apoio perpassando as relações entre amigos. Porém um dos entrevistados disse que *grandes inimigos no presente já foram grandes amigos no passado*. Certamente fruto de um estranho *amor*. Percebe-se que os sujeitos se sentem inseguros quando se pede para que eles falem como é que os homens se amam,

ou ainda como se dá a expressão e o reconhecimento deste *amor* dentro das relações. Eles por vezes falam dos amigos como se estivessem falando da namorada, em função da representação que um e outro têm para o indivíduo. Nesta medida, o *amor* entre homens fica muito ameaçador, nota-se que os indivíduos se sentem aliviados, quando se esclarece que não se está falando necessariamente do *amor homossexual*. A intensidade deste amor é vivida sobre a forma de irmandade, e neste perspectiva um homem pode *gostar* de outro: o amigo como irmão.

O amor consciente pela namorada tem um correspondente inconsciente pelo amigo: é nesta equação que se produzem os fantasmas da homossexualidade entre os homens, privando-os de serem afetivos uns com os outros. A afetividade não se coloca como uma possibilidade a mais dentro das relações, mas como sendo uma maneira de manter a organização da mesma.

É importante lembrar que a relação que os indivíduos fazem entre afetos e sexo, bem como as fantasias homossexuais e temidas pelos homens, apontam decerto para a cena edipiana, onde há uma intensidade emocional calcada no desejo proibido. Existe para a intensidade afetiva produzida pelo desejo incestuoso (que se preserva em função do prazer a que se refere) a simplificação da identidade masculina. Poder perceber sua complexidade enquanto sujeito e vivê-la é abrir mão deste desejo.

Mesmo que os sujeitos tenham posições igualitárias,e não vejam diferenças entre homem e mulher, quando frente a uma situação social em que um outro homem se mostre carinhoso reconhecem o indivíduo em questão como *bicha* sendo comum existir chacotas para se referirem ao mesmo.

As novas mídias que têm aparecido, como a do *Novo Pai* (revista *Claudia*, 1987) ou a do *Marido que compartilha as tarefas que até então eram de mulher* (*O Globo*, 1987), estão surgindo como estratégias para adequação dos indivíduos às crescentes *alterações* que vêm ocorrendo na sociedade. Estas alterações de comportamento não são decorrentes de um processo de discernimento e análise do homem frente a sua condição social, mas observa-se que as mesmas têm surgido a partir de uma demanda criada pela alteração do papel social da mulher.

Durante as entrevistas, ou sujeitos falam de uma opressão emocional, de uma negação do homem enquanto ser humano, mas estas inquietações não são decorrentes de sua condição social, pelo contrário, pode-se inferir que estas queixas estão existindo para manter o patriarcado e não para romper com a ideologia sexista sobre homem e mulher.

CAPÍTULO III

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MULHER

CAPÍTULO III - CONSIDERAÇÕES SOBRE A MULHER

"Vou sempre até ti com todo meu caminhar,
Pois quem sou eu e quem és tu se não nos compreendermos?"
Rilke, *in Livro das Horas*.

A mulher surge no discurso dos sujeitos como representante da diferença entre um gênero e outro. Esta diferença é marcada, segundo os entrevistados, pela força física, sexo, casamento e trabalho, sendo neste último ponto onde se estabelecem e explicitam hoje alguns dos conflitos existentes entre homem e mulher. Os homens falam da dificuldade em incorporar a mudança do papel social da mulher, mudança que busca realizar a nível do trabalho a igualdade entre um e outro indivíduo. Esta *igualdade* destitui o valor dado às diferenças observadas entre os gêneros e que estabelecia a preeminência de um sobre o outro.

Nesta medida, não só se discute a identidade masculina como os códigos que compõem a relação homem-mulher. O modelo de socialização masculina se desenvolve sobre as marcadas diferenças existentes entre ambos, juntamente com a associação de valor a cada uma delas. Em uma perspectiva polarizada, é evidenciado o que diferencia um sujeito de outro, atribuindo ao homem o valor positivo e à mulher o negativo. A leitura do mundo é uma leitura masculina e as mulheres, neste processo masculinizante, são *metade vítimas, metade cúmplices, como todo mundo*." (Sartre, 1949).

O sexo feminino é percebido sobretudo como vinculado

à reprodução da espécie, e sua sexualidade é constituída socialmente de modo a garantir, com essa subordinação, a reprodução.

Comenta um sujeito:

> Uma mulher não pode ser uma estivadora.

Este exemplo lembra diferenças, mas justifica o que é estabelecido e valorizado. O homem é mais forte, o seu trabalho exige resistência física. Como diz um outro:

> ...é difícil aceitar uma chefia de mulher, com homem é mais fácil.

Neste caso, o que está em questão é a capacidade de decisão e presteza intelectual. Tanto em um como em outro, o que está em discussão é que um indivíduo tem valor superior a outro. *Os verdadeiros opressores da mulher seriam o capitalismo e a burguesia.* (Beauvoir, 1949).

Dentro desta perspectiva, este capítulo seguirá por duas partes, a primeira que aborda mulher e trabalho, e uma segunda, mulher, sexo e casamento. Tanto em uma parte quanto na outra, os discursos são marcados por incertezas e dúvidas a respeito das questões levantadas na entrevista. Os indivíduos, a nível do comportamento perante as mulheres, se mostram contra atitudes agressivas e de desvalorização para com as mesmas - criticam o machismo abertamente. Contudo, quando se está falando de infidelidade conjugal e manutenção da casa, sustentam que é mais fácil aceitar de um homem estas atitudes do que de uma mulher.

Mesmo dentro de pontos de vista que consideram *novos*,

como aceitar no leito *dois indivíduos que são antes de tudo humanos*", mesclam seus depoimentos de afirmativas que demandam tanto o modelo em que $\Theta > 90^{o}$ quanto o em que $\Theta < 90^{o}$.

Poderemos, a seguir, observar um pouco mais os pontos até aqui levantados, bem como outros que fazem parte das narrativas de cada um dos homens.

3.1 - Mulher e Trabalho

Hércules declara que:

> Hoje o que tem diferenciado o homem da mulher é a coragem. Eu sinto uma coisa mais insegura, mais infantil nos homens.
> A mulher é mais "tá legal, eu vou indo prá aí, vou fazer isto". A grande diferença tá na disposição, eu sinto o homem mais perdido, mais sem saber o quer quer.

Como foi visto no capítulo anterior, o trabalho é um fator relevante no processo de construção do masculino. A entrada crescente da mulher neste universo tem contribuído para suscitar dissonâncias e controvérsias, isto porque os códigos nos quais os indivíduos (homem e mulher) são socializados não compatibilizam para a mulher o trabalho como instrumento de valorização pessoal.

Frente a uma mulher independente, com autonomia para gerir sua vida, o homem se desorienta na medida em que a sua função de protetor e provedor perde o sentido. Desta desorientação, surgem ameaças e inseguranças que até então não eram reveladas. Estas ameaças são provenientes do significado que a mulher tem para o homem. O texto a seguir, de O. Beirão, ilus

tra bem esta questão:

Nelson Rodrigues criou uma insuperável galeria das mais-mais da fantasia nacional: a normalista de peitinhos entumescidos, a viúva devassa, a cunhada gostosa, a dama anônima - mas ávida - do lotação, as virgenzinhas do colégio interno, a desquitado na insinuante, a professorinha arfante... Vai por aí. A dócil Bonitinha se via perseguida por crioulos excepcionais. A castidade e a inocência são sempre a outra face da perversão. O Nelsão era aliás, outro empedernido moralista. Comportava-se como quem quisesse purgar todas as culpas do mundo, como se tivesse sido ele e não o Criador, em sua infinita sabedoria, quem inventou o pecado. O Nelsão era meio sick, *porque culpado. Não precisava: antes dele, o cinema já tinha celebrado a mais monumental de todas as fantasias sexuais, quando Fay Wray (e, depois, Jessica Lange) sonhou estar sendo possuída por um gorila descomunal.* (in *Around*, p. 146).

A uma mulher desvalorizada socialmente corresponde a fantasia da *super-mulher*, da qual ele tenta se afastar e se proteger. A equação valorização (fantasia)/desvalorização (social) é decorrente da dinâmica do desejo referente ao incesto, que ambivalentemente deseja e evita. Lacan, comenta que o incesto é uma relação que existe, mas que está fadada ao fracasso. O homem, do modo como se refere à mulher, deseja e tem receios de se *aproximar* da mesma, o que nos leva a crer na hipótese de seu desejo incestuoso com relação a ela. Fala de uma mulher que é redundância deste desejo, e que o coloca infantilizado e desprotegido frente a ela. Neste papel sente-

-se ameaçado[10]. Contudo, suas ameaças são provenientes da desproteção e abandono que sente, e portanto somente uma *mulher-mãe* poderia dar conta. Coloca-se neste lugar de filho para atender ao desejo de ter uma *mulher-mãe*, experimentando com isso as angústias de desejar o proibido.

Repetindo a história edipiana, homem e mulher tornam-se desconhecidos um para o outro. O momento do encontro se reduz possibilidade de realizar a fantasia proibida, tendo seu desejo um compromisso com a mesma.

Na medida em que as mulheres conquistam um outro papel social, a ameaça que a mulher exerce passa a ser uma realidade possível. A sociedade capitalista utiliza esta dinâmica, fazendo com que o homem tenha acesso ao prazer de sua fantasia pelas conquistas e sucesso. Seu papel social tem compromisso com a preservação da dinâmica incestuosa. A sociedade burguesa assimila esta idéia, quando utiliza conceitos como os de Remy de Goumont: *Os trabalhos masculinos reduzem a feminilidade da mulher, como os trabalhos femininos efeminam o homem. Ora, o dever de uma pessoa é preservar em seu ser e mesmo acentuar os caracteres que o especificam.*

---

10 Resta saber se o sentimento de ameaça não surge no momento de perda do *objeto-desejado*, que é um *objeto proibido*. Orlando Beirão comenta que: *acontece que o objeto desejado é, em geral, o objeto proibido. A criança - isso se dá na infância - coloca, então, um objeto substituindo o objeto verdadeiramente cobiçado. É o que a gente empolada chama de recalque. Já que é proibido querer a mãe, que tal fingir para si mesmo que, no fundo, o que o atrai é aquela barra rendada da camisola materna? Tem muita gente que fica aí, perdido nas brumas insinuantes do passado. Daí o eterno sucesso da cinta-liga, artefato de um desejo tão retrô.*

O ponto de vista masculino sobre o trabalho traz consigo o modelo do homem esperado socialmente (como também o de mulher). Define-se homem definindo mulher, do ponto de vista sexista. A partir da ótica patriarcal, o homem age, e a mulher ocupa os efeitos desta ação. Mead comenta que as mulheres vêem o mundo de forma diversa do homem e, assim sendo, ajudam a raça humana a se ver de maneira mais completa.

Hodson fala que: *pode ser verdade que os homens, sendo o sexo forte, queiram que as mulheres se recolham à cozinha e deixem para eles a séria tarefa de administrar os assuntos econômicos. Mas suponha que isto não aconteça. Pressuponha que algumas mulheres com qualidades relevantes insistam em tornar-se engenheiras, que muitas continuem a resistir em serem tratadas como 'cozinheiras sexy' e que, de nove milhões de mulheres, onze mil (como em dezembro de 1982) se recusem a entregar seus empregos a homens, mesmo que suas famílias tenham recursos para suprir a perda de renda decorrente. Imagine que o número de desempregados homens chegue a quatro milhões e fique por aí. E então? Os homens não irão enfrentar problemas em suas relações com as mulheres e no trabalho, os quais só poderão ser solucionados pela reavaliação de sua masculinidade.* (Hodson, 1984, p. 2).

Carlos se posiciona da seguinte maneira:

> As dificuldades que me vêm a cabeça primeiro é a própria conseqüência da mudança no papel da mulher. O homem está tendo que se descobrir, que descobrir seu próprio papel em função da descoberta do novo papel que a mulher está ... ocupando na sociedade de um modo geral. Nós homens estamos sendo atacados pelas mulheres, o que eu acho ótimo, mais que é uma coisa que ameaça. Os homens ainda

> bastante machistas, mas esta dependência está diminuindo, é que isto é uma coisa passada. Você passa a conviver com uma mulher que é sua rival, capaz de seus mesmos planos, uma pessoa que está competindo com você a nível profissional ... Você tem ou não tem, sei lá, se eu tivesse em outro departamento, eu estaria subordinado a uma gerência ocupada por mulher, e é uma coisa difícil de se encontrar, você não está muito acostumado a isso e, isso é fato, isso está acontecendo.

Por outro lado, quando lhe foi perguntado que tipo de mulher deseja para companheira, respondeu que:

> A independência e a capacidade de decisão são características do papel que o homem deve exercer. É uma criação social, e que a mulher também pode exercer, e isso me atrai. Eu detesto mulher dependente. Não tenho atração...é bom pra dar porrada. Bom, deixa isto pra mais tarde.

Lauro por sua vez respondeu:

> Eu odeio mulheres burras, antigamente eu pensava que o padrão estético era essencial, mas hoje em dia eu acho que não. O padrão estético serve pra dar um nozinho, e daí? Sinceramente eu não gosto de mulheres burras... são tão idiotas quanto um homem muito forte e musculoso, entendeu? Eu acho a mesma coisa...

Se, num nível, a inserção da mulher no trabalho gera ameaças ao papel do homem, por outro lado ele deseja para companheira uma mulher inteligente e independente. Existem indivíduos que acham que este tipo de alteração no papel da mulher pode reforçar as ameaças sentidas pelos homens.

Lauro prossegue, dizendo que:

> Não sei até que ponto é bom ter uma mulher inteligente, será que isto também não gera ameaças?

> Mas eu odeio ter uma mulher buraa e submissa. Sou fruto de tudo isso, então é complicado saber se relacionar com tudo isso, né? Mas eu acho bom enfrentar ...

A alteração do papel social da mulher reforça a ambivalência que esiste no discurso dos sujeitos. A mulher falada no discurso remete a uma realidade sexista e biologicamente descrita pela sociedade. Percebemos que no discurso dos sujeitos existem deslocamentos entre os modelos $\Theta > 90^{o}$ e $\Theta < 90^{o}$. Se por momentos aprovam a emancipação da mulher no trabalho ($\Theta > 90^{o}$), por outro, esta questão lhes remete à dificuldade de se relacionarem com a mesma. Nota-se que em uma reposta mais imediata os indivíduos tendem a ser solidários ao movimento das mulheres, mas em outro utilizam a base de construção de sua identidade e, neste momento, valores tradicionais e sexistas surgem para compor sua relação com a mulher. O que está sendo chamado de crise na identidade masculina é a possibilidade de saída do *silêncio crítico* em que ela se encontrava e a explicitação de que sua estrutura tende para o modelo onde $\Theta > 90^{o}$. Este fato se deve, em parte, à ruptura de aspectos referentes à identidade da mulher.

A mulher tem aparecido também nos depoimentos como uma extensão do que o homem constituir para confirmar seu papel. Vejamos o comentário de Marcos:

> O desejo do homem é dominar a mulher...violentamente... e a mulher gosta disso. Acho que o que move muito é a coisa da sexualidade, o desejo sexual.
>
> As pessoas às vezes trabalham pra se dar bem, pra enriquecer, prá comer todas as mulheres, ter uma mulher chocante. Geralmente o principal objetivo é este, fora a comodidade pessoal. O sucesso. O sucesso

> para atrair todas as mulheres, este seria o desejo primordial do homem.

Para que esta dominação ocorra, a mulher precisa ser dimensionada como frágil e infantil. O trabalho é atividade de adulto e, sendo assim, não é atividade para mulher. Nesta perspectiva, trabalhar significa dominar e conquistar, e com isto adquirir bens. A mulher é um bem tutelado ao homem[11].

Geraldo diz que:

> O trabalho é que está impedindo as pessoas de serem felizes, de serem produtivas, das pessoas se encontrarem, eu acho que o trabalho ajuda muito, porque é uma coisa muito adulta, eu vejo a relação do trabalho como sendo uma coisa muito adulta, porque esta infelicidade gerada pela má relação com o trabalho empurra tudo neste sujeito, ou seja, a infelicidade dela como sendo instrumento de outras pessoas e não instrumento dele mesmo. Quando ele está cumprindo os papéis dele, seguindo sua carreira. Eu sei que há uma relação entre sexualidade e trabalho.

A mulher como uma concorrente do homem, que compete junto dele por posições que anteriormente eram disputadas somente por homens, trouxe a discussão de uma mulher capaz e competente, portanto que pode partilhar de um status social idêntico ao atribuído ao homem.

Se é pelo trabalho que o homem confirma seu valor, pela mesma razão a ascendência feminina ocorre em busca de reconhecimento e da retirada de um papel diminuidor. Diferente do que acontecia anteriormente, em que o trabalho da mulher era visto, e em muitos momentos ainda o é, como sem importân

---

11 Cf. Vara de família - Código Civil.

cia e crédito. A *realidade* se forma na crença em dois trabalhos: um de homem e outro de mulher.

Até certo ponto, os indivíduos reconhecem a igualdade da mulher perante eles mesmos, e hoje desejam não mais as mulheres frágeis e obedientes, mas inteligentes. O homem acaba por aceitar socialmente a alteração no papel da mulher, Contudo, não significa dizer que ele tenha alterado os conceitos e a crença sobre a *biologização* dos gêneros.

Jeremias fala que:

> Olha, eu devo ser muito narciso, de uma certa forma, porque gosto de uma mulher que seja bonita e que goste de mim...apesar de não me considerar machista, às vezes eu acho que tenho algum delirio machista, aí é que está, eu na prática não sou, mas eu gostaria que minha mulher cozinhasse de vez em quando para mim. Eu acho que deveria ser um trabalho de mulher, mas não é. Na prática a minha mulher trabalha mais na rua do que eu e eu acabo fazendo as coisas aqui em casa, e não faço nenhuma reclamação por causa disso. Mas eu acho que estas coisas ficam no meu inconsciente e até no consciente. Agora, o marchista agressivo, eu nem sei direito o que é. Deve ser aquele cara que acha que mulher gosta de apanhar, que quer trancar a mulher em casa. Deve existir isso.

A emancipação da mulher no trabalho tem produzido neles outras demandas com relação aos homens. Nesta medida, os homens têm se sentido exigidos e questionados na maneira como se relacionavam com elas.

Irineu comenta:

> A competição no trabalho para com as mulheres é diferente da competição que um homem tem para com outro. Porque se fosse uma competiçãosomente masculina, você diria que foi preterido por algum outro

> motivo ou aceitaria que a outra pessoa tivesse mais capacidade de chefia do que você. Sei lá, eu não tenho certeza. Aliás esse espírito vem de dentro das próprias mulheres. Eu acho que para elas é complicado aceitar outra mulher como chefia. Já tem o papel da mulher como uma coisa mais subsidiária e aí, quando ela passa para uma condição superior, acho que não aceitam muito bem. É aí que vejo, nesse momento que se dá a passagem é que aparece o problema. Quando está trabalhando junto às pessoas, podem até achar que é mais inteligente que você, mas na hora em que ela assume realmente o poder, aí se faz o uso do racismo. Como se fosse preto, todo mundo ia dizer: ah, esse crioulo.

A questão talvez não seja tão simples. E há muito que se discutir sobre os problemas formados a partir desta organização, mas no entanto é fato que o deslocamento da mulher do papel tradicionalmente conferido à mesma tem sido um fator de relevância na discussão e problematização da identidade masculina. Sobre a participação da mulher no trabalho, significa discutir aliança e família, dois outros aspectos geradores da identidade do homem.

Irineu fala que toda transformação é protudo de uma necessidade econômica, e que:

> Primeiro foram caindo os modelos por necessidade econômica. As pessoas começaram a trabalhar e as mulheres foram postas a trabalhar, por exemplo, porque o salário de um não dava pra comprar aquilo que a criação do desejo impunha às pessoas. Você tinha um monte de máquinas de criação de desejos: televisão, cinema, rádio, jogando pras pessoas o que tinham de comprar, e as pessoas, prá cobrir essa grana, jogaram as mulheres no mercado de trabalho. Esse foi o principal motivo pra mudar socialmente. E a relação sexual, por exemplo, o aparecimento do anticoncepcional.
>
> Diziam que antes as mulheres já não tinham filhos, mas eu acho que aqui no

> Brasil a coisa não funcionou assim. Eu acho que muito da liberdade sexual veio do fato que dessa vez você não ia ter filhos. Mas a mulher foi jogada no mercado de trabalho prá aumentar o poder de compra do casal e tem sempre a máquina do desejo que te impõe uma porção de outras coisas, quase que joga você a comprar um monte de coisas. Só sendo muito rico.
>
> É como se você fosse jogado num buraco negro, sempre tendo que ter mais. Jogar a mulher no mercado de trabalho, abrir o espectro, aumentar o salário da mulher, aí teve que se determinar os papéis, porque veio toda uma idéia de liberação da mulher. Tem uma movimentação social, mas também tem a criação de desejo.
>
> Quando foi obrigado a fazer isso, teve que dar soluções. Aí foi um negocio meio conflituoso na minha geração, por exemplo, a minha mãe nunca trabalhou e eles não eram muito ricos, uma média de 6 a 7 salários mínimos, e ela não trabalhava. Hoje, é uma coisa mais pensada, as mulheres que são casadas com homens hiper-ricos, têm pressão pra elas trabalharem.
>
> Como no meu grupo de análise. Elas têm que trabalhar numa coisa que dê dinheiro, como se tivesse que sustentar alguém. São como os ingleses do século passado, eram pessoas ricas e que não tinham nada para fazer, se tornaram grandes cientistas. Acho que a nova geração é mais integrada: a mulher vai ter que trabalhar mesmo e o homem tomar conta das crianças.

Neste depoimento, o sujeito tenta justificar as razões pelas quais a mulher começa a trabalhar. Mas não atribui a iniciativa feminina à participação neste processo, como se a mulher estivesse sofrendo uma ação de terceiros. Assim como se desejou (o homem) que ela cuidasse da casa e dos filhos, hoje é esperado que ela trabalhe fora. Nesta perspectiva, a luta da mulher fica esvaziada. O conceito de *atividade, iniciativa,* não pertence à mesma. Prossegue:

> As mulheres se tornaram mais libertas, mais demandantes. Com a evolução sexual, as mulheres têm mais condição de

> pedir, de exigir, diferentes de antes. Isso cria um certo medo nos homens em relação às mulheres. Quanto mais desprepara do em termos de educação formal, menos aceita a mulher como uma pessoa que exige, reclama, toma iniciativa. Agora, é mais fácil ser homem do que ser mulher nesta sociedade.

O aumento crescente da literatura feminista tem favorecido a divulgação e materialização da conquista dos espaços sociais das mulheres. Este fato tem contribuído para suas novas posições. Mas para os homens ainda é difícil despir-se de valores e conceitos que os fizeram homens, e entrar assim em contato com quem estaria sendo a *nova mulher*. Geraldo diz que:

> A feminilidade me atrai nas mulheres, aliada à delicadeza, à suavidade e ao dinamismo e à praticidade. Bom, mulher prá mim ela é bonita, gostosa, tem que ter pés lindos, porque eu adoro pés, e ela deve me pôr em xeque a cada dois minutos. Eu já namorei todas elas e por isso eu não vou namorar uma mulher que eu converse durante duas horas e no final eu escute: Legal, você está certo. Ela deve me botar em xeque, se não me questionar vai ficar um saco. Ela tem que perguntar por que?

Surge hoje uma dupla exigência para com a mulher, ela assume sua feminilidade e delicadeza, porém precisa ser também prática e dinâmica. O homem realiza tarefas que até então eram tidas como de mulher, e ela por sua vez participa dos espaços sociais que até então somente pertenciam aos homens. Do modo como os sujeitos constroem suas narrativas, percebe-se que na medida em que ela não desempenha o papel que tradicionalmente lhe cabia, são os homens hoje que experimentam a linguagem que constitui o lugar da mulher: o homem sensível, companheiro e participante das tarefas da casa.

As mulheres têm caminhado em direção ao lugar que o homem ocupava, desempenhando tarefas e papéis ditos masculinos. Dentro desta perspectiva, surgem dois indivíduos: as *mulheres masculinas* e os *homens femininos*. Indivíduos que executam tarefas, experimentam emoções e funções anteriormente dicotomizadas entre os gêneros. Há, portanto, uma tendência a definir homen e mulher por aquilo que se faz. Na ação se constroem e definem identidades, esta estaria sendo a referência que os sujeitos estão utilizando para compreenderem a si próprios e à mulher.

Existe contudo um aspecto conservador que alterna entre os gêneros o que anteriormente *pertencia* a um ou a outro. Percebe-se que a ideologia patriarcal que os produz se mantém, só que em uma referência mais *flexível* na composição dos papéis sociais.

A análise do Ferestone _ A dialética dos sexos (1971), tende a isentar a mulher da participação e cumplicidade na manutenção e reprodução desta ideologia. Limita a psicanálise ao efeito teórico do patriarcado e nega sua contribuição, afirmando através da história e da política o *sujeito da consciência*. Utilizar esta estratégia é afirmar que o *sujeito da consciência* permanece e silencia o inconsciente. É sustentar a ilusão da verdade, não mais absoluta, mas relativa e visível. Insistir neste ponto é manter-se como o cientista que não se engana, não se permite a positividade do erro. A análise histórica e a análise psicanalítica guardam singularidades e diferenças entre si. Contudo, não as considero conflitantes se respeitadas as dife

renças. Nesta perspectiva, são instrumentos de análise, úteis para a compreensão do homem moderno.

Neste primeiro momento, os indivíduos tendem a resgatar a mulher pela fala do discurso humanista, que afirma ambos os gêneros como iguais. Contudo, permanece entre eles codigos de valores tradicionais no que diz respeito à construção da aliança.

É legítimo que a mulher trabalhe fora e seja cada vez mais *dona de si*. Nos anos 60, estes predicados não pertenciam a sua identidade de *dona-de-casa*. Hoje, a *dona-de-casa* pode trabalhar fora. Quando este fato se torna legitimado, surge a identidade do homem que divide as tarefas dentro de casa e que cuida dos filhos. A redistribuição de tarefas pode estar suscitando uma aparente *mudança* na identidade do homem, mas esta ocorre a nível do comportamento do indivíduo e obedece a perspectiva da lei que anteriormente constituía o casal: homem - *chefe da família* e mulher - *dona-de-casa*. O que se observa é que a sociedade está legitimando os efeitos das *leis patriarcais*. Apoiado no individualismo, o sujeito pode alternar entre o *lugar* do homem e o da mulher. A esta alternância de *lugar* os sujeitos tendem a designar a *mudança*.

3.2 - Mulher, Sexo e Casamento

Em um dos momentos da entrevista foi perguntado aos homens quais eram os assuntos que mais conversavem entre eles e, majoritariamente, os mesmos responderam: mulher, trabalho, e futebol.

Em uma tentativa de construir o modo como vêm a mulher, quem é esta com quem ele se encontra e se relaciona, foram feitas perguntas sobre o que diferencia o homem da mulher; que tipo de mulher escolheriam para compor o casal; quais as dificuldades que eles têm encontrado em seus relacionamentos, no trabalho e na vida conjugal. Destas respostas tem-se a visão do que o homem considera importante para a mulher: sexo e casamento. Segundo os entrevistados, a mulher busca o casamento com fim, no relacionamento com os homens. Com o sexo, o homem se preocupa por seu indicador de virilidade.

Combinamos em um mesmo objeto, o sexo e o casamento seriam em primeira instância o que o homem deseja e em segunda o que o aflige. Casar iguala-se a perda de liberdade e necessidade de satisfazer a mulher. Porém, sexo é reconhecimento o que o homem deve ter em mente.

Do modo como abordaram as questões anteriormente mencionadas, percebe-se que a visão que têm da mulher é um pouco turva e confusa, ou seja, se por determinados momentos assumem-se contrários ao machismo,por outro dizem que o que diferencia o homem da mulher é o sexo, e que lhes é difícil aceitar, no trabalho, uma chefia feminina.

De qualquer maneira, há momentos em que eles dizem que não há diferença entre homem e mulher, e em outros que a diferença é simplesmente uma diferença genital.

Marcos, em resposta à pergunta sobre o que significa ser homem diz que:

> Nada.... é igual a ser mulher... não há diferença a não ser genitalmente. É,pra mim, a diferença estaria por aí. Não ve

> jo nenhum atributo que o homem tenha e a mulher não tenha, ou vice-versa. A não ser esse troço sexual.
>
> Eu não estou falando de papel, de função não. De função sexual. Não tem diferenciação. Diferenciação só na parte genital, no aparelho genital. A mulher tem certos comportamentos que... senão eu não gostaria de mulher, gostaria do aparelho genital feminino.
>
> Se bem que eu sou meio suspeito para falar porque eu tenho muita atração por mulheres fortes, masculinas, apesar de não gostar de homem. As mulheres masculinas têm atitudes mais independentes, mais firmes.
>
> Pra mim, a diferenciação que eu vejo é a maneira de olhar, de forma, de som. Eu tenho normalmente atração por esse tipo de mulher, assim menos frágil, a fragilidade é uma coisa feminina, até física.

"Entretanto, dirão, na perspectiva que adoto - e de Heideger, Sartre, Merleau-Ponty -, se o corpo não é uma coisa, é uma situação: é a nossa tomada de posse do mundo e o esboço de nossos projetos. A mulher é mais fraca do que o homem; ela possui menos força muscular, menos glóbulos vermelhos, menor capacidade respiratória; corre menos depressa, ergue pesos menos pesados, não há quase nenhum esporte em que possa competir com ele; não pode enfrentar o macho na luta. A essa fraqueza acrescentam-se a instabilidade, a falta de controle e a fragilidade de que falamos: são fatos. Seu domínio sobre o mundo é portanto mais estrito; ela tem menos firmeza e menos perseverança em projetos que é também menos capaz de executar. Isso significa que sua vida individual é menos rica que a do homem. (Beauvoir,1949, pp. 60-61). Para eles as diferenças com as quais se deparam são produções do que a sociedade impões aos indivíduos, mas afirma que as diferenças biológicas geram diferenças no que concerne ao pensamento masculino e feminino. Assim sendo, a so

ma de aspectos sociais e orgânicos estariam determinando homem e mulher.

A mulher? É muito seimples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto 'fêmea' soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dizem dele: 'É um macho! O termo 'fêmea] é pejorativo, não porque enraize a mulher na natureza, mas porque a confina no seu sexo (Cf. Beauvoir, 1947, p. 31).

Marcos prossegue dizendo que:

> Não existem diferenças entre as emoções masculinas e femininas a não ser as que socialmente são impostas. Acho que a sociedade te impõe isso, impõe papel. Eu, na minha opinião não vejo a coisa assim, eu vejo porque existe.
>
> É claro que a diferenciação física acarreta também a diferenciação a nível de pensamento. Eu acho que tem alguma relação com a biologia, e acho que historicamente, o fato de o homem, de alguma maneira, traz a mercadoria, por ele ser forte etc. Isso já coloca também o papel do homem, não de dominação, mas fisicamente, então ele tem certas atribuições, desse tipo, que a mulher não tem. Pra trabalhar em um balcão de bar, o homem tem mais atributos. E considero isso não uma exigência de papel, é uma coisa física. Em termos de força física a mulher é mais fraca fisicamente. Uma mulher não pode ser uma estivadora.
>
> Seria isso, a diferenciação que eu vejo é essa; e também tem as atitudes, as atitudes femininas... quando eu falo mulher masculina, não tem nada a ver com masculino em si... a mulher masculina que tem atributos de homem.

Na fala de Marcos, há pregnância da classificação do que se afirma convencionalmente para os gêneros; e também equivalências a respeito do modo como esta classificação diferencia

os indivíduos. Tende a justificar as diferenças entre homem e mulher pela concretude com que um se apresenta ao outro. Surgem dúvidas quando ele se refere a atitudes masculinas (sobre o que seriam estas atitudes) e sobre o modo como a mulher as incorpora. Uma vez que, segundo ele, a determinação das diferenças entre os gêneros seriam dadas pela biologia, e nesta medida a própria biologia se encarregaria de interditar tais possibilidades - atitudes masculinas em mulheres.

A concepção de competência é também usada para diferenciar os gêneros, o homem que pode carregar mercadoria, e a mulher não. O atributo força física, valorizado socialmente, recebe o endosso do argumento biológico. Para um homem forte existirá uma mulher fraca. Contudo, é polêmica a discussão das diferenças, como diz Beauvoir: *Machos e fêmeas são dois tipos de indivíduos que, no interior de uma espécie, se diferenciam em vista da reprodução: só podemos definir correlativamente. Mas é preciso observar que o próprio sentido do seccionamento das espécies em dois sexos não é muito claro.* (Beauvoir, 1949, pp. 32-33).

Jeremias considera o medo como sendo uma emoção que diferencia um homem de uma mulher.

> Eu acho que os homens, pelo menos aparentemente, são menos medrosos. Mulher tem medo de tudo: de barata, disso... Os homens têm também talvez até igual, mas não parece tanto. É... eu acho que as mulheres mostram mais os sentimentos, são mais emocionais, quer dizer, uma coisa que às vezes é até irritante, mas elas se emocionam mais. Elas mostram mais os sentimentos. Mulher chora, homem não pode chorar.

Uma outra diferença aparece por meio do que um indivíduo comenta:

> Eu, de repente, passei um processo, de uma certa maneira até mais aliviado no sentido de na nossa sociedade eu ser homem. Eu posso trepar, eu posso sair, eu posso fazer um monte de coisa a partir de uma determinada idade. Mas minha irmã não. Ela tem 27 anos, cinco mais velha do que eu, mesmo apesar disso eu tenho mais liberdade social e conquisto essa liberdade antes dela, né? De repente, aos 14 ou 15 anos, eu posso dar minha primeira trepadinha, seja na zona ou com uma puta, com a mulher da minha vida, com o raio que for, mas eu posso. De repente, minha irmã cinco anos mais velha não pode. Isso porque foi criada por modos que não pode. Não acho isso legal.

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-História e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que quando duas categorias humanas se enfrentam, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mante-la na opressão. Compreende-se pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. Mas que privilégio lhe permitiu satisfazer essa vontade? (Beauvoir, 1949, p. 89).

A expressão das emoções e a liberdade sexual são dois elementos considerados pelos sujeitos como sendo traços que diferenciam a mulher do homem. Mesmo que na fala, os invidíduos, reconheçam a alteração no papel social da mulher, os elementos que utilizam para diferenciar um gênero de outro pertencem ao modelo em que $\Theta < 90^{o}$, que privilegia a ordem social enquanto

dominante para determinar o que é masculino e feminino.

Se tentam utilizar o modelo em que $\Theta > 90^{o}$, no sentido de não manterem a referência tradicional que define o homem e mulher, tendem a ser simplistas, ou seja, quando dizem que as diferenças entre os gêneros são as sexuais, só que as diferenças entre os gêneros são as sexuais, só que as destituindo de valor; ou então afirmam que entre homem e mulher não há diferenças, mas justificam este argumento através do ponto de vista *humanista*.

Como comenta um sujeito:

> Fora o físico, não há diferença entre homem e mulher, pra mim é tudo igual, são humanos. Antes de mais nada são seres humanos.

Diogo considera que:

> Fora o sexo, não há diferença entre homem e mulher. Hoje em dia eu não vejo grandes diferenças.

Por outro lado, Antônio diz:

> Eu acho que são poucas as diferenças que existem hoje entre homem e mulher. Ao mesmo tempo que são poucas diferenças, eu entendo que são opostas, são diferentes. Corporalmente, acho que a gente não pode deixar de pensar que as pessoas são resultado de toda uma ideologia geral que as faz das coisas. Mas entre homem e mulher eu vejo poucas diferenças. Acho que a tendência é de se igualarem em todo o sentido. Ficar só esta coisa mais fisiológica.
> Agora, eu acho que algumas mulheres estão fazendo,..., elas estão caindo num erro inevitável, não é bem um erro, mas é a única maneira de quebrar isso, quer dizer, se elas querem destruir essa posição defendida pelos homens, elas vão querer parecer com homem, pra ficar chocante, a não ser que mais tarde vá existir um momento de equilíbrio e que essas coisas vão ser quebradas. Mas no momento em que

> quebra, eu acho que a pessoa tem que inverter a posição, ou seja, a mulher cada vez mais masculina e o homem cada vez mais feminino.

Resta saber se a dificuldade em se perceber as diferenças tem relação com cada vez mais indivíduos, tanto homens quanto mulheres, utilizarem o referencial convencional para se pensarem enquanto sujeitos. A conquista de *espaços sociais* e a ocupação dos mesmos por mulheres era até então somente um direito dos homens. Porém, pouco se tem discutido sobre o sentido e a constituição destes *lugares*, definidos como de homem e de mulher. E ainda, à guisa de que os gêneros empatizam e tomam para si estes lugares.

Como vimos, fala-se de *homens femininos* e de *mulheres masculinas*, e a isto se associa a *mudança* social dos papéis, ao *novo*.

É fato que o feminino favorece haver entre os gêneros a discussão sobre a valorização da igualdade entre ambos, onde as diferenças são fortemente lembradas ou negadas. A respeito da maneira como os indivíduos vêem as mulheres, diz um sujeito que *elas querem tomar o lugar dos homens*". Esta afirmação nos dá a idéia da posse do homem dos *espaços* de trabalho, mas também do sentimento de ameaça. Este sujeito conclui dizendo que *as mulheres querem tirá-los de nós*.

A masculinização das mulheres é dita como sendo a caminhada das mesmas em direção ao lugar do trabalho (público), na perda deste lugar o homem ocupa ou experimenta o trabalho anteriormente de mulher (privado) e se torna um *homem feminino*. Esta dinâmica mantém em vigor a ideologia patriarcal, na medi-

da em que o que passa a ser valorizado nas conquistas das mulheres é o *apossamento*, a conquista - a luta. O que os indivíduos denominam de transição é a possibilidade de um sexo ou de outro experimentar papéis que até então somente um ou outro poderia.

As dificuldades que os sujeitos estão tendo em compreender e organizar suas visões de mundo, têm relação com os instrumentos que estão utilizando. Para tentar dar conta da complexidade moderna, o homem executa sua leitura conservando os parâmetros tradicionais, como código de honra, dicotomia entre masculino e feminino e uma posição privilegiada entre ele e a mulher.

Antonio diz que:

> O homem e a sociedade estão vivendo uma fase de transição muito grande quanto ao papel que cada um tem. É nessa fase que as dificuldades ficam mais evidentes. Quando começou a existir essa separação muito grande do sexo, essa separação nítida, clara, que era uma coisa aceita por todos, incontestável. O papel do homem era de produzir, era de criar, de pensar, enquanto a mulher ficava pra criar os filhos e o casamento. Os papéis eram muito definidos. Agora, eu insinto que nessa fase de transição, não se perdeu isso, esse crescimento que as mulheres estão tendo cada vez mais, Eu conheço pessoas que ficam no meio termo, ao mesmo tempo que elas aceitam,racionalmente, esse papel novo da mulher, ficam psicologicamente afetados quando têm uma mulher mais competente, principalmente no trabalho, e também um relacionamento com uma mulher muito ativa, muito forte, fica difícil. Você acredita, você acha que deveria ser e fica um pouco comedido,né? Por causa da educação, uma série de coisas que você percebeu na sua vida,porque você tinha que ser homem, ativo. Então fica difícil...

Do modo como os indivíduos fazem a leitura da emancipação das mulheres, percebe-se que consideram um *crescimento* no papel social das mesmas. Esta consideração passa a ser ponto do discurso *democrático e liberal*, mas que tem arestas e atritos do ponto de vista da relação entre os gêneros. Se a alteração na identidade da mulher se passa pela inserção de qualificativos como: independência, competência, iniciativa e autonomia em seu papel, quando os incorpora suscita nos homens ameaças e satisfações. Desejam para companheiras mulheres independentes, mas se sentem ameaçados no trabalho pela competência da mesma. Foi perguntado a um sujeito que tipo de mulher deseja para compor um casal, e ele respondeu:

> Detesto uma pessoa que seja muito igual a mim. Muoto calada, que aceite todas as coisas, que concorde com todas as coisas, que ache as coisas que eu digo o máximo. A mulher que eu desejo tem que ter muita sensibilidade, e tem que ter muita capacidade de reflexão sobre as coisas, só que diferente da minha, não em termos de maior ou menor, mas que seja diferente da minha, para que possa haver discussão, troca e essa coisa rica que tem a relação. Acho que a relação com a sombra é uma coisa muito chata.

Há um desejo de uma companheira que não se comporte como aquela que assume o que o homem fala, enquanto ordem. O que vem acontecendo é que a mulher, hoje desejada, está com sua identidade mais próxima da do homem.

> A mulher ideal pra mim é aquela que tem tudo e nada ao mesmo tempo, é difícil, eu não quero ter a pretenção de dizer que a mulher ideal é a compaheira, inteligente, escolada, aqueles chavões de sempre - isto não é verdade.
>
> Agora, ela deve ser inteligente, não a inteligência da física nuclear, mas a

> inteligência sensibidade. Isto está acima da beleza.

Um outro indivíduo diz que a mulher que prefere é a:

> Profissional, pode ser até modelo. é a intectualmente ativa, Eu me atraio muito pela... obviamente bonita, mas se é uma coisa que me brocha é, numa aproximação com alguém, eu sentir que tou com uma pessoa que não tem objetivo profissional. Tá simplesmente fazendo um curso e não sabe nem por quê. Eu não sou uma pessoa que tem exigência, quem quer uma pessoa intelectualizadíssima. Mas que no mínimo, que não pode ser tão pouco assim, é o mínimo de interesse profissional e cultura, uma abertura cultural.
>
> Pra mim não tem modelão, esse superidealismo. No final do ano, o Veríssimo colocou uma charge na Veja que foi genial, dizia ela: *eu sou materialista e só acredito naquilo que vejo, e naquilo que eu posso tocar com as minhas mãos. Por isso eu não acredito na Luiza Brunet. porque ela pra mim não existe.*

Se por um lado reconhecem a dificuldade em se relacionar com mulheres independentes, por outro desejam mais a elas do que às serviçais para compor o casal.

Percebe-se que a escolha da mulher está sendo feita segundo a absorção de atitudes anteriormente valorizadas como de homens. Os conflitos aparecem, na medida em que os homens continuam utilizando códigos de honra e fidelidade para margear suas relações amorosas com a mulher. Como se a mulher que desejam para si não mais se encontre na vida social. As atitudes dos homens frente à alteração do papel da mulher foi inicialmente reativa, e posteriormente de endosso. Contudo, a atitude dos homens frente a estas *mudanças* no comportamento da mulher foi de contemplá-la e conservar sua identidade num continuísmo acrítico. Na manutenção de seu papel, restou a ele adap

tar-se às *alterações* do papel social da mulher sendo conduzido por elas. Quando se dirige à mulher, nota-se que usa elementos como a força física e o sexo - atributos biológicos. Ou então, a partir do que denomina *convenções sociais* - papéis femininos e masculinos. Para se referir à mulher, utiliza então um referencial organicista, seja de cunho biológico ou social.

Geraldo comenta:

> Os valores entre homem e mulher não podem ser os mesmos, iguais, porque o filho vem da barriga da mulher. Agora, eu não consigo enxergar as diferenças não. Eu acho que têm diferenças, porque é a mulher que engravida.
>
> Eu acho que o homem é para fora e a mulher é para dentro. A mulher é mais sentimental, mais emotiva, o homem é mais pra fora.
>
> O homem é aquele que vai,vai trabalhar. E a mulher cuida dos filhos, da retaguarda.
>
> Eu não estou próximo do ponto de vista das mulheres, eu não sei o que ela pensa a respeito. Mas gerar um filho determina um montão de coisas.

Lauro por sua vez diz:

> Eu acho que a diferença fundamental entre homem e mulher é exatamento essa: os homens fogem prum lado mais superficial, e as mulheres pra um lado mais profundo. Os homens se perdem por um lado, e as mulheres por outro. Eu acho que é exatamente por aí que os dois se atraem, se entendem, se grilam. E fazem cada um o seu papel. Nada disso faz a regra de você conversar coisas opostas entre um e outro.

Tentando demarcar as diferenças entre homem e mulher, Bruno diz que uma delas é a dominação que o homem exerce sobre a mulher.

> A mulher quer ser dominada, e o homem quer dominar. A mulher se deixa dominar. Se você for dominar uma mulher, ela pre

> cisa se deixar dominar. Agora, tem mulheres que não gostam de homen se ele não for *machão*, e aí?
>
> Todo mundo acha bom o machismo e particularmente, o machismo se dá pela força. Eu não acho legal. As atitudes máscu las foram convencionais. Eu também acho que a nível de cabeça não tem diferença entre homem e mulher. A mulher tem aquele jeitinho feminino, aquela voz delicada, e o homem é mais abrutalhado, mais másculo.
>
> Também uma outra diferença, a mulher gera vida dentro dela.

Everaldo acrescenta que:

> As diferenças pra mim não são muito claras, mas as demandas sociais são diferentes. O homem é menos sensível, e a mulher é uma pessoa emocionalmente sensível. Tem também a coisa da maternidade e dela não ser promíscua.
>
> A coisa da profissão é muito discutida,apesar da mulher que não é bem sucedida ser mais aceitável. No sentido biológico,acho que se nasce homem, e se torna homem no sentido que a sociedade acha que você deve ser.
>
> Na sociedade de hoje, ser homem é ser durão, ganhar todas as mulheres, fazer que as mulheres sofram por você. Ele deve ser bem-sucecido, tem esse tipo de coisa.

Segundo os sujeitos, um outro aspecto que demarca o território masculino e feminino é posição que o homem tem frente ao casamento. Para o homem, a relação sexual é uma necessidade, enquanto que para a mulher denota compromisso com o parceiro. Para eles, a mulher quando se relaciona com um indivíduo tem para esta relação uma expectativa de casamento Apontam a dificuldade que existe para a mulher em sustentar um relacionamento exclusivamente sexual, consideração que para o homem não seria relevante. Os homens buscam as mulheres para ter neste encontro satisfação sexual, sem desejo de prosseguir a relação.

Do modo como descrevem a mulher, na relação é dado a ela o atributo daquela que deseja a relação da qual o homem é *presa*. Nesta ótica, o desejo masculino é composto de um *querer* e de um *não querer*. Se ele deseja a mulher a ponto de com ele constituir um casal, vive dentro desta escolha o desconforto da finitude e limitação de ter somente uma. Esta limitação que se coloca na escolha de uma mulher o faz buscar outras, assim, sob esta realidade, se mantém a fantasia que representa o desejo proibido que pode vir a realizar-se.

O que nós gostaríamos de salientar é que *é da mulher o desejo de formar o casal, cabendo ao homem o papel de aceitá-lo*.

Bruno conta que, onde estuda, as mulheres com que se relaciona estudam como pretexto para encontrar o melhor par, aquele que corresponde à expectativa do homem rico, de família com posses. Justifica-se dizendo que as primeiras perguntas que as mulheres fazem em um encontro são: onde é que você mora? onde tem casa de veraneio? qual o seu sobrenome? Este indivíduo estuda em uma universidade na zona sul do Rio de Janeiro e está em fase de conclusão do curso de Direito.

Frederico dá sua opinião:

> É engraçado isso que... é notório por experiência minha e por eu estar sacando, a mulher tá muito atrás do homem. Tá muito desesperada por homem e o homem não está tão interessado na mulher. Porque eu cresci sabendo que era assim, onde eu vivi era efetivamente assim. Quando eu morei fora do Brasil era efetivamente assim... e aqui no Rio atualmente não é assim... a mulher tá muito, muito atrás do homem.
>
> Eu acho que as mulheres não são amigas entre si. A mais amiga não é amiga.

> deixa de ser. Eu acho que amigo mesmo,pode brigar, discutir, dar porrada, pro caralho, mas tem que ser amigo, bicho, tem que ser. Mas a mulher não, a mulher na primeira oportunidade ela pumba bate a mão direita espalmada sobre a outra fechada. Eu acho que é horrível isso que eu estou dizendo, deve ter, deve evidentemente que deve ter mulher que não... entendeu? Que não age assim...

Sobre estas visões, tem-se que: casar significa adquirir estabilidade financeira e conseqüentemente obter status social. Classificam a mulher como sendo aquela que explicita seu desejo em relação ao casamento e, de uma maneira geral, fala publicamente de assuntos que os homens não falariam. Se hoje a mulher tem maior possibilidade de realizar-se profissionalmente, a cobrança social a ela será feita com menor rigor e de maneira mais complacente que com os homens.

Irineu diz que:

> Os maiores inimigos não são as pessoas que você tem muita raiva você já gostou antes. O caso é trair a confiança. A ex-mulher, o sócio que te roubou. Nunca é o empreiteiro porque ele sabe que vai te roubar mesmo porque esse é o papel dele na sociedade.
>
> A intimidade, no caso com a mulher, é mais fácil do que com homem. Agora, as mulheres não tem essa coisa de só falar suas coisas pra pessoas muito conhecidas, já o homem só fala pra pessoas muitoconhecidas: tipo eu só bebo entre amigos pra ter certeza de que o que eu disser não será usado contra mim.
>
> Tem uma coisa que os homens não falam mesmo, que é a relação íntima dele com sua mulher. Ninguém conta um lance íntimo na cama. É menos comum. Mesmo o pessoal mais alternativo não conta. Já a mulher fala abertamente, Relação de cama com a mulher que você gosta é menos contado. Com prostituta fala-se à vontade. Até porque a mulher se torna uma rival.

Dentro destes aspectos, mais sutis e subjetivos, a respeito das diferenças entre homem e mulher, há uma tendência a caracteriza-la *superficialmente* ou tê-la *ameaçadora* e *interesseira*. Existe aquele que diz que a expressão das emoções como o choro e a insegurança são mais visíveis em mulheres. Assim, ela se constitui fragilizada e dependente, carente de proteção ou possessiva, grande e ameaçadora e, neste lugar, o homem dela se afasta.

Há um caráter duplo que se coloca sobre a mulher, no que diz respeito à moral. Uma dupla moral (cf. Freud, 1908) onde está sendo tematizada a fidelidade e a traição, ou um duplo amor decorrente da representação da *santa* e da *prostituta*. Um duplo objeto que favorece e funda a união com uma, e a possibilidade de amor com muitas.

Um indivíduo comenta que:

> A mulher não precisa ter essa coisa profissional definida, eu acho que está mudando, a mulher tem hoje uma profissão. Mas eu acho que é mais aceitável a mulher que não tenha uma coisa definida, que mora com o marido e ele é quem sustenta, do que o contrário.
>
> É mais fácil você ver a mulher nesta situação. Tenho uma amiga que está fazendo tese, mora com o marido e ele é quem bancava quando ela estudava. Agora a situação é inversa, eu nunca vi, é mais complicado até para o homem aceitar, exatamente pelo papel que lhe é dado pela sociedade.
>
> O homem é poço de segurança. O homem não chora e não deve fazê-lo publicamente, pra mim é difícil chorar. Certamente tem uma expectativa social.

Cabe ao homem proteger, sustentar e manter a mulher. Mesmo que hoje existam mudanças relativas ao comportamento do homem, estas não apontam para uma mudança na identidade do sujeito, nosentido de reduzir o que há de virtual (alienação mar

xista — modelo em que $\theta > 90^{o}$) e aproximá-la do que lhe é real (Leclaire ⇒ onde se articulam os três sistemas de força). Comentam que para a mulher que estuda é mais aceitável que ela seja mantida pelo marido do que o contrário, assim como indefinição profissional é mais tolerada quando se trata de uma mulher do que de um homem.

Porém, relacionar-se com mulheres tem um sentido aflitivo e se constitui em motivos de preocupação e ansiedade: a performance sexual, estar sempre disposto e disponível, estar frente a uma situação de xeque no que diz respeito a virilidade e masculinidade. Estar com uma mulher é estar com uma expectativa de desempenho que, segundo os homens, se não for cumprida de acordo com a exigência dimensionada significa se deparar com a perda e a experiência do abandono. Uma sensação de insegurança e incerteza que gera angústias e ansiedades que muitas vezes são resolvidas com arbítrio, controle e dominação.

Alguns entrevistados falam a respeito do que foi mencionado anteriormente. Everaldo comenta que:

> Pra mulher, em geral é mais complicado transar por transar, transar com um cara uma noite, quer dizer, só a carne mesmo, como sendo uma coisa tranquila. Agora, quando eu estou com uma menina e saio com outra, rola uma culpa de se estar sendo cafajeste ou filho da puta, este tipo de coisa. A minha atitude em geral é fugir, e não chegar a colocar explicitamente: olha, é isto que está acontecendo. Não tem por que ter culpa nisto, é uma coisa que não necessaraimente a pessoa tem que se sentir arrasada por causa disto. Eu acho que a minha atitude em geral é não deixar isto muito explícito e fugir. A pessoa liga e você não liga, desconversa.
> O que é difícil e passa a ser complicado pra um é frustrar a espectativa do outro. Pra mim isto é difícil, chegar a dizer não. Até mesmo em níveis mais prolongados. Isto não quer dizer que você esteja sacaneando a pessoa, simplesmente esta não é necessaraimente a sua.

Neste momento, no discurso de um outro é relevado que:

> Eu acho que o papel homem-mulher está sempre presente dentro das relações, de alguma forma. Eu acho que a mulher tem a capacidade de colocar o papel do homem em xeque, ela põe a masculinidade do homem em xeque.

Everaldo prossegue sua fala dizendo:

> Eu me cobro de minha masculinidade. É uma cobrança que eu me faço. Inclusive está melhor hoje. Pra mim os primeiros contantos com mulheres eram coisas aflitivas. Não sei, eu passei minha infância em colégio de padres, só homens. E de repente você se vê frente às mulheres e não sabe como lidar com isso. E tem o outro lado de se sentir rejeitado, aceitar ou não.

Estes efeitos que se colocam sobre a relação homem-mulher, para alguns sujeitos tem início na família, se estendendo posteriormente às demais instituições sociais. Para eles a família se constrói de forma distorcida e distante do que poderia ser. O indivíduo nas relações familiares pouco fala de si, tornando os sentimentos de medo e insegurança como depreciativos para os homens. A experiência na família, para alguns, se traduz na experiência da ausência de si. Para outros, em vivências cheias de tensão e sofrimento, e para outros, como o lugar onde se aprende a ser obediente e responsável. Sobre estas experiências familiares a figura do pai é a representação do desafeto e a mãe, o seu oposto. O filho homem *aprenderá* mulher pelo sexo e a filha mulher tomará seu desejo por quietude. Assim sendo, a família prepara o indivíduo na dicotomia da divisão de tarefas entre os gêneros que já é decorrência do modo como se constitui uma estrutura edipiana e estrutura narcísica. Divisão esta da qual irá se valer o processo realizado no decorrer de sua incrição na ordem social.

No comentário de Bruno:

> Na família, a gente por ser homem não pode ter problema nenhum, tem de se virar sozinho e quando você vai crescendo, você vai descobrindo os valores da sociedade e a família se fecha a qualquer discussão neste sentido, em função de seus preconceitos, daí o que acaba acontecendo eram conversas superficiais. E aí pra você sacar, captar determinadas coisas na vida, você vai tateando e de repente aprende com uma pancada. A preocupação a respeito das dificuldades é toda com minha irmã, eu por ser homem não sou considerado nisto. O namorado que transa, o cuidado que deve ter, o casamento, e ela casou e não resolveu nada, depois vêm os filhos. O casamento dela foi por água abaixo, mas, aí, às vezes eu sinto tendo que se virar sozinho e é isto mesmo. Em parte isso é bom, porque você se virando, forma melhor sua cabeça, mas por outro, de prepente poderia ser diferente se eu tivesse tido um outro tipo de relacionamento com eles, até com mulheres poderia ter sido mais tranqüilo. Você é um ser, tem sua personalidade e a partir daí vai se relacionar com uma mulher.
>
> Eu acho que pai e mãe deveriam ter um tipo de conversa com o filho para saber o que está acontecendo, e não ficar delineando os caminhos, mas deixar as coisas em aberto, se o filho tem vontade de falar, fala. E não ficar naquela distância entre pai e filho, com pavor e preconceito.
>
> Até hoje eu converso com meu pai sobre política, sobre carro, tenho que comprar isso, preciso de dinheiro, o mercado está ruim. Não pintam conversas sobre o meu interior e o interior dele, problemas meus ou dele, até mesmo o medo da morte e da vida, as coisas podem acontecer, as vontades. Isto nunca aconteceu. Eu não sei se existe um relacionamento ideal entre um pai e um filho.

Diogo reflete sobre o assunto dizendo:

> A idéia da família poderia ser interessante, mas não é porque é mal transada. Tem defeitos, mas como matéria-prima para ser trabalhada e transada é superinteressante. São pessoas que têm um vínculo já com você, você não precisa formar um vínculo com um desconhecido, isto facilitaria bastante as coisas.

Durante o decorrer deste trabalho, pode-se notar que alguns indivíduos consideram o *caráter compulsório da família* como sendo prejudicial e sufocante. Os sujeitos tentam compreender o momento que atravessam como um momento de transição social, em que as dificuldades aumentam na medida em que seus referenciais

para compreensão de si e do mundo ficam comprometidos.

Jeremias diz que:

> Eu me lembro desde pequeno que minha formação foi super malfeita. Minha geração pegou uma interface de modelo de educação ou totalmente careta ou totalmente moderna, a gente pegou parte de uma e de outra. Uma te estimula a pensar e questionar e a outra, a acreditar piamente. Me lembro que no catecismo eu queria as coisas e não me era permitido. Minha família e vizinhos eram católicos, éramos do nordeste, nos dávamos superbem. Depois, com a universidade, tive uma formação supertécnica, passei a ser São Tomé — só acredito vendo ou então se me provarem cientificamente, que me dêem o lado frio e exato das coisas. Então eu provo qualquer coisa. Cientificamente dá prá pensar quase tudo.

No início deste capítulo apontamos que o ponto por onde se iniciam *publicamente* os primeiros conflitos entre os gêneros é a emancipação da mulher no trabalho. Ao encerrá-lo, vemos que a ambivalência presente nos discursos exacerba a complexidade e o número de variáveis necessárias para lidar com as questões referentes à relação homem-mulher. Neste sentido, a *certeza* masculina não confirma o lugar daquele que sabe, mas aponta pelos discursos o quanto é permeada por contradições e dúvidas. As posições que os sujeitos sustentam ideologicamente para com as mulheres — de reconhecer sua emancipação e de até escolher as que estão em *movimento* para companheiras — não significa dizer que corresponda à relação que tenham com as mesmas. Mostram-se temerosos e pouco seguros do efeito que pode lhes causar o fato de se relacionarem com *mulheres independentes*. A socialização do menino, longe de lhe favorecer o contato consigo mesmo, lhe forja esta possibilidade, criando uma identidade virtual que não consegue se sustentar e que é geradora de conflitos e simplificações subseqüentes em sua subjetividade.

As mulheres passaram a assumir características do papel convencionalmente determinado para o homem (decisão, inteligência, independência) e o homem começa a experimentar situações que lhe *permitem* expressar características até então ditas exclusivamente femininas (fragilidade, insegurança, sensibilidade). Nota-se contudo que o *olhar* masculino se mantém. Os sujeitos quando se referem às mulheres, ou ao *lugar* da mulher, o fazem de modo convencional (o *lugar* da mulher é o *lugar* da sensibilidade, maturidade; o que o homem é para fora, a mulher é para dentro; dominação), bem como a temática empregada no momento em que eles falam sobre o casal: valorizam fidelidade e honra.

A alteração do *olhar* da mulher sobre si mesma e a permanência do *olhar* do homem pode induzir-nos a considerar que uma mudança significativa está ocorrendo na relação entre os gêneros. Do modo como a alteração do *olhar* da mulher vem se inserindo no contexto social, faz com que sejam mantidas as definições anteriores existentes sobre o *lugar* do homem e da mulher. O que em momentos os sujeitos consideram como *mudança* nada mais é do que a possibilidade de troca de papéis.

Um elemento surge para análise: quando em menção à mulher, os sujeitos comentam: *elas criticam, mas não dizem o que querem; elas têm o poder de dar a palavra final, o aceite ao desejo do homem*. Estas considerações nos levam a crer que o *poder* da mulher se exerce sobre a subjetividade do homem. A ameaça manifesta deste *poder* diminui quando a mulher ocupa desvalorizadamente a identidade do *segundo sexo*. O *poder* a que nos referimos procede do complexo edipiano e se revela através das fantasias masculinas, da representação de mistérios e sedução, e do papel social tradicionalmente atribuído à mulher.

Na medida em que a mulher passa a desempenhar papéis e tarefas que até o momento somente o homem desempenhava, a ameaça manifesta passa a aumentar e comprometer a relação entre os gêneros. Muito se tem visto em jornais (O Globo, Jornal do Brasil) e revistas (Veja, Isto É) matérias sobre: *A paixão está em falta* (JB, 86), *Cadê o carinho?* (JB, 87), *O desinteresse sexual do casal dos anos 80* (JB, 86), *Solteiros, mas felizes* (JB, 86), *As relações coloridas* (JB, 85) etc., que apontam para a dificuldade da relação entre um homem e uma mulher.

Até o momento, percebe-se que é a ideologia patriarcal que produz o *lugar* a ser ocupado por homem e mulher, sendo que até o feminismo, a afirmação do homem ocorre segundo a negação da mulher. O casal prescrito por regras morais e jurídicas tem um determinado formato para realizar a relação entre os gêneros demoninada de família. Sob este prisma, na família, homem e mulher terão papéis determinados, de modo que por meio de seus papéis se possa ler a *dinâmica subjetiva* da qual este casal é cúmplice. O *encanto* e o *poder* do homem se revelam, de modo que é só como esposa que a mulher tem acesso a eles. É a socialização da mulher, mãe e esposa. Nesta relação, a autoridade do homem sobre a mulher (como patriarca) se sustenta por intermédio de um outro: a *autoridade afetiva* da mulher sobre o homem. Ele enquanto sujeito é duplamente o *filho da mãe* e o *homem da puta* (ou *filho da puta*). Assim, a família sobrevive através da esposa e da prostituta. Enquanto filho, a *subjetividade do homem* submete e é submetida pela autoridade da mulher. Volta-se o incesto não *dissolvido* que, enquanto uma possibilidade, se mantem desejado. A

subjetividade do homem está então fixa na infância (*lugar* de filho), sendo sua afetividade produção deste momento. Deste modo, ele não escolhe *uma* mulher para companheira, mas a mulher.

Fora do papel tradicional e com a autoridade da qual está investida, a mulher passa a ser uma ameaça explícita para o homem, onde as estratégias de desempenho sexual, virilidade e poder aquisitivo perdem a eficiência. Sofre do que Duras denominou de *doença da morte*, a incapacidade de amar. Sendo a capacidade de amar uma conquista do esforço vivido através do exercício de sair da infância.

CAPÍTULO IV

O FANTASMA DA HOMOSSEXUALIDADE OU A HOMOSSEXUALIDADE LATENTE: UMA DISCUSSÃO SOBRE A AFETIVIDADE MASCULINA

CAPÍTULO IV - O FANTASMA DA HOMOSSEXUALIDADE OU A HOMOSSEXUALIDADE LATENTE: UMA DISCUSSÃO SOBRE A AFETIVIDADE MASCULINA

Do que cada sujeito falou a respeito do desenvolvimento de sua identidade, a homossexualidade é um tema a ser considerado. Vivendo experiências com outros homens ou garotos, ou se afastando dela como quem se distancia de perigos, a questão de um homem namorar, se apaixonar ou ainda desejar sexualmente outro tem uma intensidade na expressão nos discursos dos entrevistados. Em comum, têm a opinião de que a homossexualidade é ação marginalizada e depõe contra a identidade do homem, *sendo o status do homossexual menor e mais desvalorizado que o da mulher.*

Existe uma dificuldade em discutir abertamente a questão, bem como assumir frente a ela uma postura de compreensão e entendimento. Os entrevistados em sua maioria têm opiniões já formadas sobre estas questões, e elas não são muito diferentes das que se encontram no senso comum. São opiniões calcadas sobre a moral e argumentam que, quando muito, anatomicamente o *homem nasceu para ter relações sexuais com mulheres, assim é a natureza.*

Porém se nos debruçarmos sobre a socialização do menino veremos que ela acontece de forma rápida e exigente. Rápida no sentido de que ele seja logo um adulto. Em geral choro e *chamego* são atitudes para as mulheres, e o menino, pelo contrário, deve ser forte, não chorar a acima de tudo ser o melhor. A infância para o garoto tende a ser um mal necessário, onde ele por ela passa quase que sem considerá-la. Desta maneira, encara as

etapas de seu desenvolvimento como sendo um contínuo superar, de modo que elas são vistas como obstáculos, e não como possibilidades onde cada um pode saber sobre si.

É comum, quando se observam meninos brincando, ouvir entre eles comentários do tipo: *ele é mulherzinha; ... ele é viado...; deixa disso, isso é coisa de mulher...; o que é isso rapaz homem não chora*. Dificilmente se ouvirá entre as mulheres este tipo de comentários. As meninas crescem sabendo que são mulheres e fantasmas como estes presentes entre os meninos não têm o mesmo valor e importância.

O que tento apontar é que existe uma *intensidade expressiva* em torno da homossexualidade entre os homens e que mesmo diferindo em posições há um olhar voltado para ela. Negando, responsabilizando o outro pela maneira como se dirige a outro homem, ou ainda sendo homossexual, a questão perpassa a identidade masculina. Esta percepção foi construída a partir do modo como os sujeitos reagiam diante de perguntas que os fizessem pensar o assunto, respondendo rapidamente, de forma suscinta, afirmando em primeira instância que nunca haviam desejado algum homem, criticando veementemente aqueles indivíduos que são homossexuais ou ainda tentando entender a questão perguntando: *Como pode um homem gostar de outro se mulher é uma coisa ótima?*

Há, no entanto, uma relação entre a ameaça que os indivíduos sentem frente à homossexualidade e a permanência deste fantasma em sua identidade. Se por um lado estar com outro homem produz ansiedades, por outro atende até certo ponto a uma fantasia de onipotência: ele pode ser homem e mulher. Não seria

absurdo pensar deste modo se ao olharmos para a dinâmica com que se desenvolve a identidade masculina percebemos que é comum o incentivo a se tornar um *super-homem*. E ainda mais, que é bastante comum ter a onipotência como um aspecto presente, da vida infantil dos indivíduos.

Se levarmos em conta que o desenvolvimento do menino acontece sobre exigência e rapidez, e que a complexidade com que se forma sua identidade em momento algum é considerada, não seria difícil concluir que os homens tenderiam a privar-se de algumas emoções e com isso nutrir a primazia infatil em sua vida. Esta primazia lhe sustentaria a concepção de um prazer onde tudo pode, onde o choro e o luto não existem e a imagem narcísica de ser o centro de atenções é mantida. Sendo assim, a ameça é uma estratégia de mascaramento e de preservação do que foi descrito anteriormente, o que não significa dizer que os homens não sofram ou se sintam mal com isto.

O receio à marginalidade e a *erotização* da identidade serão como que cursores utilizados pelos homens para se colocarem no mundo. Alguns sujeitos se referiram à *força sexual do homem, o homem quer sexo*, bem como à preocupação com a manutenção de uma imagem perante a sociedade.

Este capítulo se desenvolverá segundo estes dois aspectos mencionados no parágrafo anterior. Serão apontadas as relações de amizades, algumas experiências homossexuais e a relação que alguns indivíduos fazem entre afeto e sexo. Serão vistas também as alterações que estão surgindo na identidade do homem para este grupo de entrevistados. Se era exigido do homem que o mesmo

fosse durão e forte, até algum tempo atrás, hoje lhe exigem ternura e carinho como qualidades valorizadas.

Existem alguns homens que disseram que têm se mostrado desta maneira em função de serem melhor aceitos pelas mulheres. Assim como outros disseram que as *pessoas mais interessantes têm se relacionado com homens sensíveis e carinhosos.*

Comenta Bruno:

> Eu gosto de ser assim, gosto de pessoas assim e as mulheres gostam de homens assim, as mulheres mais interessantes gostam de homens assim.

4.1 - Sobre a Homossexualidade

Comenta Frederico:

> Eu tive um fato desagradável na minha vida, na minha infância, que ficou uma coisa divisória na minha vida. Eu passei a me esconder de tudo, construindo um mundo só meu.
>
> Falaram com meu pai que me viram fazendo troca-troca com um garoto. E era mentira aquilo, eu nem sabia o que era troca-troca.
>
> A partir dali ele se fechou totalmente para mim, e aquilo ficou uma coisa... uma coisa... que tomou dimensões alarmantes e ele me bateu muito. Eu tive, pra parar de apanhar, que confessar. Concordar e dizer que era verdade uma mentira. E isso eu não resolvi até hoje. É mau, né? Primeiro que aquilo provocou o pior de tudo, o fato de ter sido levantada aquela mentira me fez se culpado. Papo absourdo! E aquilo... Eu tinha 8 anos, e aí aquela coisa, eu fui mandado para um seminários de padres, fui internado, foi uma merda, ne? Aí quando eu saí do seminário já tava lavagem cerebral.... completamente, e por cima não fui morar na casa de meu pai, mas dos meus avós com um bando de tias solteiras, foi quase um ano assim. Aí eu já tava... eu já tava... aí eu tive de recomeçar comigo uma luta sem trégua, só comigo mesmo, né?
>
> Morando sozinho aqui no Rio é que pude começar a falar, depois fiz análise e eu não conseguia colocar isso na análise, olha que loucura, era muito difícil, eu suava. O meu rosto formigava, era terrível! E daí...

Bruno, numa conversa sobre o que significa ser homem, responde que *é não ser viado*, e doze dos quinze entrevistados responderam que *ser homem é ter um pau*. Estes comentários mostram, e até reforçam, os pontos que se tem levantado até o presente momento. A biologia e o uso, são critérios sociais utilizados para determinar o que significa ser homem. Neste momento, o masculino é uma ação sexual, penetrar e ser penetrado são considerações para classificar e estabelecer as diferenças existentes entre os diferentes tipos de indivíduos. Certamente que a discussão poderia ser encaminhada em diferentes sentidos e direções. A sexualidade vista como organizadora e determinante na constituição das

identidades, juntamente com a possibilidade que o indivíduo tem de transformar seu prazer, foram os aspectos considerados em nossa análise.

Frederico prossegue dizendo:

> Eu nunca tive uma relação homossexual assim, tive experiência homossexuais festivas, mas era uma luta porque ao mesmo tempo eu queria casar, eu cheguei a ficar noivo, namorei garotas e tal aqui mesmo no Rio e antes de vir prá cá, na Europa. E na Europa eu fui noivo, aquelas coisas, né? E aquele conflito eu fazendo isso, né? E se eu sinto interesse pela figura masculina, se ele me excita mais, se me agrada mais, entendeu? Como é que eu vou querer forçar uma barra, que eu vou ficar usando uma mulher, me enchi de culpa e me fodi nestas coisas, em outras áreas, entendeu? Então eu tive de trabalhar pra saber se essa coisa, se esse interesse pela figura masculina, se ela é uma coisa que veio comigo do mundo ou se veio a partir daquelas coisas. Eu queria saber isso, eu queria saber isso, entendeu?
>
> E eu acho que se aconteceu aquilo tudo é porque de certa forma dei subsídios pra aquilo, se aquilo foi errado como uma possibilidade é porque a suspeita existia, de repente. Tá entendendo o que eu estou dizendo? Eu não me lembro que antes disso meu pai fosse melhor, a situação passou a ser negra, péssima, a pior possível! Mas não era nenhuma maravilha antes disso também porque eu acho que o meu pai não soube resolver a sexualidade dele, com a minha mãe, é uma merda, certamente ele tinha os mesmos problemas que eu, e de repente ele viu no filho a continuidade dele, ele ficou puto, né? Ele deve ter ficado puto... E nessa quem dançou fui eu, eu que dancei. Eu acho que hoje convivo numa boa com isso, eu acho, mas ainda continuo sozinho, continuo não tendo nenhuma, nunca tive uma experiência, acho estranho eu me ver com outro homem, vivendo com outro homem na mesma casa, acho muito estranho...
>
> Eu acho que hoje já mudou uma série de coisas, eu não tenho mais aquele formigamento no rosto, já não...
>
> Tudo isso devia ser visto como uma coisa saudável, se eu não tivesse colocado na minha cabeça tudo aquilo... O fato dele ter me estuprado gerou uma relação que durou muitos anos, pela ameaça, entendeu?
>
> História doida, quer dizer, não tem peso de cruz porque não atribuo mais tudo a isso, mas eu não esqueço, eu não esqueço, é uma merda.

Se para Frederico a experiência lhe trouxe sofrimento, para Antonio, ao contrário, foi enriquecedora. Não é comum encon

trar entre homens depoimentos que façam de uma experiência homossexual uma contribuição para suas identidades, em sua maioria os homens tendem a se sentir ridicularizados e efeminados,e deste modo evitarão ou, mesmo se tenham vivido, tentarão omiti-la de seus depoimentos. Mesmo que não falem abertamente, alguns admitem que em momentos entre a adolescência e a vida adulta sentiram desejos por outros homens e se sentiram muito mal com isso. Antonio relembra:

> Olha, pensando na minha experiência, eu demorei muito tempo para me sentir à vontade para ter uma relação homossexual. Pra eu me sentir capaz disto, porque eu tinha essa pressão toda e também não me identificava com o outro pólo, nunca me senti gay, mas eu também sentia atração, sentia um tipo sensualidade assim que eu fui permitindo cada vez mais até que um dia apareceu uma pessoa sensível capaz de me levar pra cima.Uma coisa assim, muito difícil, mas que aconteceu, aí tive essa experiência, ou essas experiências e foi uma coisa assim que provocou... foram calmas e agradáveis, mas também não era isso, entendeu? Foi uma coisa importante que aconteceu para que eu soubesse como é, o que que é. Entendesse como é que uma pessoa faz uma opção radical dessas, né? Ser gay, ser homossexual. Acho que a minha sensibilidade só seria despertada para isso se eu tivesse vivido. A mesma coisa pra um outro tipo de experiência, de drogas, por exemplo. Foi fundamental pra mim ter este tipo de experiência.

Como dissemos anteriormente, não são todos os entrevistados que aceitam e reconhecem em si esses desejos. Para muitos é produção da imaginação de outro com o qual se relacionam, e eles são *vítimas* de coincidências. É o que podemos perceber no discurso de Bruno, que mesmo não admitindo em certos momentos da entrevista a existência em si de tais desejos, em outro momento não descarta a possibilidade de vir a vivê-la um dia. E relata a seguinte experiência:

> O primeiro amigo que eu tive pensei que era meu amigo e ele só estava querendo dar para mim. Eu nunca vou esquecer, ele armou comigo. Falou para a minha garota que estava apaixonado por ela, que queria ficar com ela, fez isso só para ela terminar o namoro comigo e aí ele poderia então ficar junto de mim.
>
> Ele sempre se mostrou problemático, ele me dizia que suas relações com as mulheres eram problemáticas, porque ele não conseguia fazer ereções. E eu dizia que ele não precisava fazer nada, que a mulher faria tudo pra ele. É a mulher quem faz tudo, no fundo é isso, se ela quiser.
>
> Até que existiu um dia que ele me disse que queria ficar comigo. Ele chorou muito e eu pedia a ele que tivesse calma e que procurasse um psicólogo pra clarear suas idéias. Eu não chamei ele de viado.
>
> Ele depois abriu e foi morar em New York, ele ficou com vergonha. Eu nunca mais o vi. A vida vai te ensinando coisas.

Num momento posterior da entrevista ele diz:

> É, eu gostaria de ter um brother, alguém que goste de mim e com quem eu me identifique, que me respeite e que goste de mim.
>
> Eu respeito as pessoas como elas são, só que eu não gosto de ser enganado. Eu tive um amigo que estava a fim de ficar comigo, de transar comigo e eu falei: pô, cara, aí, não que eu seja contra, só que você devia ter chegado e me falado e não como você fez, tentar acabar com meu namoro para ficar comigo.
>
> A verdade para mim é alguma coisa que está sempre em movimento, eu hoje penso assim, amanhã pode ser que eu não pense, não que eu seja um cara volúvel. Eu acredito nisto, amanhã pode não ser. E a vida está em movimento, amanhã pode nevar em Nova Iguaçu, sei lá, nunca nevou lá antes e hoje passou a nevar, e daí? Eu hoje não transo com homens, e tem muita gente que não entende isso, e também não faço questão de que entendam muito não.
>
> Uma vez um colega meu me disse que não existem amigos, o que existe é uma troca de interesses. Até que ponto isto é benéfico?

E um pouco mais à frente, ele lembrando de parte de sua infância, relata que:

> Eu tive um professor de judô, quando eu era menor, eu curtia muito ele. Era o meu modelo de homem, e eu queria ser quando crescer igual a ele. Eu sabia porém que havia momentos em que eu o desejava, mas isto me assustava muito. Com o tempo isso foi saindo da minha cabeça.

Percebemos que existe um receio à marginalização e que os conflitos são de diferentes ordens. Sejam elas sociais ou psicológicas, o indivíduo vive diante da questão da homossexualidade uma proximidade aversiva, como se o risco em sê-lo fosse uma possibilidade premente. Vivem como se não fizessem escolhas. De qualquer modo, a expectativa que os sujeitos imaginam que socialmente se tenham deles é de um indvíduo durão, impessoal e com pouca expressividade emocional.

Há uma necessidade de ter limites rígidos, por exemplo, no que se refere às relações de amizades entre homens, de modo que impasses como os que se discutem neste capítulo não ocorram. Referem-se ao *respeito* que um amigo deva ter com outro para que não vivam situações emocionalmente aflitivas. Afirmam que há dificuldades em expressar carinho publicamente, por ser evidente o risco de serem discriminados. Enfim, percebe-se que o homem é cauteloso e discreto, quando lida com emoções que não as convencionalmente masculinas: agressividade e violência.

Veremos agora como se estabelecem as relações entre homens e o modo como os sujeitos se posicionam frente a elas. Os afetos masculinos têm em sua maioria um fundo inconsciente ou ainda não dito. Os homens pouco falam do que sentem uns pra com os outros, em sua maioria mantêm entre si um mutismo em torno desta questão.

Demonstrações de carinhos são evitadas e tendem a demonstrá-las com *fortes tapas nas costas* e/ou *apertados cumprimentos com as mãos*, como se existisse uma vigilância do que está sendo feito, e nesta medida um julgamento se processe. Hércules diz:

> No futebol tem aquela coisa de se abraçar, porque são dois jogadores, homens viris que fizeram um gol e tão compartilhando disso. Se dois homens têm qualquer outra razão da vida, realmente pinta uma outra leitura.
>
> Eu acho que eu mesmo quando tenho amigos mais carinhosos, em público, eu fico meio constrangido, com medo de ser identificado como homossexual, eu acho que pinta esse grilo. Agora quando duas mulheres se beijam há uma coisa mais fraternal, e o homem já foi educado pra não chegar muito perto, no futebol não, é uma coisa supernatural quando duas pessoas se abraçam.
>
> No homem pinta um medo de descobrir coisas femininas neles, ou mesmo um carinho com relação a um amigo, é tão grande a castração que se tem desde pequeno. Eu acho que esta distância entre os homens é uma coisa construída, tanto é que os russos se beijam, os italianos também e são povos supermachistas.

Ele prossegue seu discurso dizendo que são muitos os modelos de homem que se tem por aí. Comenta que:

> Tem tantos modelos. Tem o modelão que é o Rambo, o Stallone da vida, tem o modelo de cara charmoso, que não é grosso, tem o ricão que pode "dar" tudo à namorada tem o mais astral, mais seguro, tem o tranqüilo, que quase não fala.
>
> Embora se tenha dado o maior valor ao físico,se tem valorizado bastante uma conversa interessante. Eu acho que essa coisa do masculino e do feminimo agora é uma coisa engraçada, fica muito uma preocupação no homem de não ser truculento, ciumento.
>
> A gente sempre busca um ideal e dança nisto, em tentar ser parecido com alguém, as pessoas muitas vezes dão uma impressão errada do que realmente são. Mas o que eu acho realmente importante nesse modelo é a coisa da sensibilidade, você se permitir sentir mais, não precisar guardar tanto as coisas, mesmo que você se abra tem coisas que você não consegue falar de jeito nenhum. A gente tem medo de perder o poder. Sei lá. Quanto aos modelos, acho que a gente cada hora adota um diferente, cada hora existe um modelo pra você entrar.
>
> Quer um homem que eu acho que está sendo um modelo: o Gabeira, é impressionante, ele está sendo respeitado pra caralho, mesmo sendo chamado de viado. Ele é um cara que propõe coisas novas, diferentes.
>
> Outro modelo que pinta é o Caetano, um cara mais aberto, sensível e não autoritário. Tudo que negue a violência.
>
> Continua porém existindo a coisa do corpo, você gosta de se olhar no espelho e ver que não está com barriga, dos outros notarem isso em você. O modelo das pessoas que eu convivo não é do fortão, do parrudão, mas tem uma preocupação com o belo.

Diante desta exposição dos modelos de homem que existem, Geraldo usa um exemplo para caracterizar o que para ele é o homem. Reconhece que as emoções existem, mas elas são *guardadas*. Diz ele: *por fora é durão, mas por dentro é uma emoção só. Eu gosto muito disso, apesar de não saber que modelo de homem está rolando por aí. Ele para mim é como Humphrey Boggart.* O entrevistador pergunta: Você acha que a emoção entre homens não poderia aparecer porque a fantasia que está presente é a ameaça deles estarem transando. E se isso ocorre, ele não seria homem, seria uma mulher? Everaldo responde:

> Ele estaria sendo menos que a mulher. O espaço social do homossexual é menor que o da mulher. O homossexual é perseguido, mais até que a mulher. É mais difícil o cara ser respeitado socialmente, a não ser que seja artista, porque em profissões mais formais é complicado.

Os depoimentos sobre relações de amizades são díspares: se uns dizem que há intimidade entre homens, outros dizem que em sua maioria os homens escondem o que sentem. Carlos comenta que:

> Vai sempre haver espaço para uma relação de intimidade entre dois homens, ela comporta. Agora nem tudo pode ser falado, como as fantasias sexuais com a mulher de um amigo... Praticamente pára por aqui. A liberdade é quase que total, nas relações das mais profundas que eu tenho de amizade, a coisa é dita.

Lauro diz que:

> Eu acho que os homens não falam o que estão sentindo. Eu acho que em geral os homens são muito mais mentirosos que as mulheres, sem dúvida nenhuma.
>
> Eu acho que as mulheres são mais verdadeiras. Eu acho que os homens são mais mentirosos em função de um modelo estabelecido, quer dizer, de força, de poder de ativo, não passivo. Eu acho que em geral os homens se escondem nisso, né?

Porém num trecho mais à frente ele tem um outro ponto de vista. Diz que:

> Isto também está superado, tá sendo superado. Eu acho que é uma das causas de confundir a própria relação homem-mulher atualmente. Eu acho que também as mulheres se escondem. Acho que não é um lado só de homem, a mulher sempre se escondeu e atualmente ela também

> confunde tanto quanto os homens. Enquanto os homens descobrem um outro lado, o feminino, as mulheres descobrem o lado masculino, usando uma outra palavra, um lado de força que elas sempre tiveram entendeu? Que é positivo, mas também confunde a elas. Isto é o que eu posso observar. Então os papéis se confundem, a identidade ou o encontro se torna complicado. É exatamente o que eu acho...

Everaldo fala de uma experiência que vivenciou, dizendo:

> Durante dois anos eu tive... na temporada que eu passei nos EUA. Durante dois anos que eu tive morando lá com um amigo que se formou com meu irmão.
>
> Ele é mexicano, o pai e a mãe estrangeiros também,não do México.
>
> Foi um casamento em quartos separados. A gente passava o dia na Universidade e se encontrava à noite em casa e conversava muito. Isto se tornou uma ligação, até por estarmos em condição de estrangeiros. E eu até mais estrangeiro do que ele, porque ele já tinha tido uma experiência anterior nos EUA.
>
> Mas a gente tinha uma total abertura um para com o outro, para tudo... toda uma experiência de amizade. Porque em pouco tempo ela ultrapassou aquelas boas e longas amizades. Foi se dando de uma maneira, de uma outra maneira, de outra forma, forçada até, mas que foi muito bom.
>
> Ocorre de tudo que passa na cabeça: angústia, amor, ódio, tudo de uma maneira muito intensa... Uma das coisas mais duras foi a experiência de separação, foi a separação mais difícil que já passei. Eu tive que voltar para casa e interromper aquela relação tão... bacana.
>
> Quando se desfez o apartamento, eu tive que voltar e fui passar um tempo na casa de outra pessoa e até o último minuto meu quarto estava intacto, e a casa estava toda desfeita...

Retomando o depoimento de Lauro ele diz que: *os homens raramente conseguem estabelecer relações íntimas entre eles, o sexo os ameaça*. E prossegue:

> Eu acho que o sexo é a amaeça principal,é exatamente isso,né? É a admiração se confunde com sexo, né?
>
> Até que ponto eu posso admirar um homem sem saber que não necessariamente eu necessito ir pra cama com esse homem, entendeu?
>
> Não necessariamente, eu posso admirar uma pessoa e parar exatamente na admiração. Para num... Sendo dois homens, no sentido, bom, o homem, o bonito é uma mulher e não outro homem. Uma mulher pode, né?
>
> Neste ponto uma mulher beija uma outra mulher,fala de uma outra mulher e diz que ela é linda. Um homem pode ad

> mirar um outro homem e cria outras palavras, né? A nossa geração pode até criar "pintoso" como uma expressão, entendeu?
>
> Um homem pode criar essa coisa nova, falar "pintoso", né? Pra descrever que esse outro homem é bonito, mas um bonito muito maior. Quer dizer, eu posso admirar um homem, posso me identificar com as idéias dele, né? Mas a idéia disto ultrapassar uma relação, não sei se tem ou não a ver, né? Talvez não tenha, não sei. Mas exatamente caminhar no sentido que, sei lá, que se desenvolveu. Não sei se cada um tem o seu papel tão preestabelecido, né?
>
> Eu de repente nunca ultrapassei a minha barreira, né? Eu posso admirar um outro homem e o receio passa exatamente isso, né? Quando essa admiração passa, pelo menos na minha cabeça, em sentido dos outros, que isso seja algo social.

Ele prossegue seu discurso dizendo que *há uma relação entre a intimidade e o sexo*. Complementa:

> Às vezes eu não sei se isto é um limite ou uma coisa positiva, né? Eu acho que não sei se isso é um estereótipo, sei lá o que, entendeu... Quando você se identifica com alguém profundamente você se relaciona, se dá idéia, se dá isso tudo. Mas eu também não sei se isso é uma coisa animal, guerreira, se é o quê. Mas normalmente é um limite que se estabelece, entendeu, são dois homens, os dois, né? Sei lá a gente é educado de uma maneira diferente, *nenhum homem vai jamais deitar no colo de outro homem*. Então eu acho que é isso, quer dizer, no meu ponto de vista rola por aí. Eu sempre no meu limite, quer dizer, que é meu, no sentido de uma admiração misturada com respeito e pum: pára por aí, entendeu?
>
> Eu acho que é uma questão cultural, entendeu. Entre ser um viadinho, meinha culturalmente e ser um homem.
>
> Neste momento ser homem significa não trepar com outro homem. Isso, quer dizer, ou até mais, sei lá, *respeitar o outro homem*. Eu particularmente paro por aí.
>
> A idéia de trepar com outro homem não me agrada, mas racionalmente, *a nível de retórica*, eu não sei se isso é certo ou errado, ou se são regras na natureza, entendeu. As espécies se misturam heterossexualmente ou raramente homossexuais, não sei, não tenho resposta para isso, tenho dúvidas quanto a isso, né? Só sei que meu *instinto de defesa* passa por aí.
>
> Há uma relação da intimidade com a sexualidade o tempo inteiro, direta ou indiretamente, feliz ou infelizmente, também não sei, entendeu?

Everaldo por sua vez diz que o *afeto entre os homens é dessexualizado*:

> A coisa do homossexualismo é uma coisa que o homem não pode experimentar, é uma expectativa que tem dele a sociedade. A coisa do afeto com outro homem é dessexualizado. Eu acho que otipo de relação que você deva ter com outro homem, segundo um padrão cultural normal que você tenha, uma relação com homem o menos pessoal possível.

A tônica da sexualização dos afetos num e noutro discurso. Se com homens é dessexualizado, com mulheres pelo contrário passa a sê-lo. Geraldo diz que:

> Eu acho que a relação dos homens com as mulheres são mais sexualizadas do que as entre homens. Acho que isso rola mais com as mulheres do que com os homens, não rola na mesma intensidade com os homens. A mulher olha e diz: que sujeito gostoso, legal; o homem olha e diz em geral: quero comer. Ele vai dar um jeito de chegar perto. A mulher abre as pernas e vai esperar o cara chegar, o homem, o papel dele é ir.
>
> Eu acho que o papel dele é tocar, e assim é muito sexualizado. De repente deve ser por isso que é tão difícil pro homem chegar.
>
> *O homem é o ser ativo e a mulher é o ser passivo.* O conflito do homem está relacionado a busca de prazer, de repente é por isso que é mais difícil ser carinhoso com outro homem, porque esta coisa de ir lá, tocar, apalpar e alisar é uma coisa pra ser feita pela mulher. É quando o homem está abrindo as asas e as pernas pra seduzir a mulher.
>
> Eu sempre tive vontade de expressar meu carinho com outros homens, amigos meus, tocando neles, abraçando e fazendo carinho, beijando. No princípio foi bem difícil. *Eu sabia que eu me chamaria de viado no momento seguinte.* Há pessoas que acabam topando essa briga, essa briga consigo mesmo. Mudar é muito doloroso.

Entretanto, o que Geraldo se refere como *mudança* hoje, é *homem ser comido pela mulher*. Isto talvez coloque uma questão de até que ponto esta *mudança* se efetua, na medida em que a ideologia sexista que valoriza ações como *comer* e *ser comido* permanece. Há uma troca de papéis, uma mudança de lugar, dentro de uma mesma cena. Ele complementa seu discurso dizendo:

> Quando você resolve, descobre que ser comido é muito mais gostoso do que comer uma mulher, isto está mudando

> muita coisa. Eu tenho desejado quebrar com uma maneira de viver muito dentro das normas e daí eu estar num momento de não saber nada.
>
> Eu não sei como sou como homem. Eu estou no auge de constatar que eu não sei nada de nada. Eu nunca me vi tão ativo, como estou sendo agora, eu passei a vida inteira sendo um gênio dentro do quarto...

Reconhecem que as questões até aqui levantadas têm sua complexidade e que entre ser homossexual e não sê-lo preferem o segundo. Admitem que a relação que o homem tem com a homossexualidade é de pânico, e que nesta medida sua identidade está muito próxima da mesma. Comenta Antonio:

> A transa social é extremamente complexa e estremamente competente em nossa formação. A pressão que a gente sofre desde que chega à escola, depois do grupo, depois é uma coisa muito difícil... Só uma minoria pode optar, e opta com suas dificuldades específicas. Em geral, as pessoas são muito recalcadas, não conseguem expressar o seu desejo, morrem de dúvidas....
>
> Acho que todo machista tá a um passo de dar o cu. O tempo todo ele tem que se segurar. Quanto mais ridicularizante ele é do *gay*, mais próximo ele está de ser tornar um deles.
>
> Eu acho também que o homossexual cai num erro brabo, é uma vítima disso. Acho que o homossexual afeminado, afetado, confunde a identidade com o posto. É uma vítima disso. Na verdade ele está afirmando que estas coisas são muito mutáveis.
>
> O *gay* é fundamental para a existência do normal, estas questões estão articuladas para garantir o mesmo *status quo*.
>
> Agora, o rótulo é uma desgraça... é a afirmação do que há de autoritário, toda essa estrutura recalcante.

Os indivíduos percebem e reconhecem que experiências homossexuais são discriminadas e produzem efeitos sobre eles mesmos: colocam-nos diminuídos e desvalorizados socialmente. Também, em outro nível, conflitos dentro da própria identidade se explicitam, na medida em que equacionam-se enquanto homens como *não sendo viados*. Contudo, há hoje entre eles uma possibilidade maior de se aproximar destas questões do que anteriormente. Conseguem

falar de experiências que vivenciaram em outros momentos de suas vidas, ainda preocupados em como serão interpretados.

Se alguns estabelecem distâncias consideradas de *desejos homossexuais*, que porventura possam ter sentido, outros atestam que vivenciar tais experiências lhes enriqueceram e contribuíram na consolidação de suas identidades. Dentro deste aspecto, o que estes sujeitos estão buscando é senão uma *autenticidade* maior a repeito deles mesmos, utilizando como parâmetro o *querer* em contraposição ao *dever*. Renegam o dever a a imposição com que aprenderam o mundo, criticando esta estratégia de socialização como sendo limitada e restritiva. Porém, no que se refere a estas questões, dúvidas e incertezas permeiam seus discursos, sentem-se inseguros a respeito do reconhecimento de desejos por outro homem. Associam largamente as emoções e a sensibilidade a aspectos homossexuais mas, por outro lado, quando conseguem dissociar a emotividade do caráter sexual, conseguem admitir-se ternos e valorizam esta maneira de ser. Todavia, em um momento mais adiante da entrevista confessam que não se sentiriam bem se um de seus filhos fosse homossexual. Pelo depoimento de Irineu:

> Eu não gostaria que meu filho fosse um homossexual, não seria bom pra minha cabeça. Porque é muito discriminado, malvisto. Mesmo que eu esteja no movimento dos verdes, embora não tenha nada contra a relação sexual.
> *É mais fácil ser calmo do que ser superconflituado.*
> A gente é criado pra ser forte, ser mais intelectualizado. Uma socialização que não seja conflituada. Mesmo os alternativos têm feito isso. É legal ser alternativo nesse caso porque as pessoas não tentariam fazer uma criação alternativa. Viver isolado, hipermal.

Assim sendo, mesmo que menos ortodoxos com relação a discutir e posicionar-se de um modo não convencional frente ao

homossexualismo, isto não significa dizer que suas práticas de vida confirmem todo o tempo o discurso falado.

Nota-se que aspectos com a coragem e segurança em se colocar no mundo têm uma referência maior com *mundo exterior*, do que propriamente com seu *interior*. Discutir e avaliar a identidade do homem é ainda um exercício difícil e carregado de arestas. Um dos sujeitos comenta:

> Não lhe dão o direito de você ter determinadas atitudes com outros homens, porque isso te leva a demonstrações de não masculinidade, de homossexualismo. Atitudes corporais, abraçar, se preocupar com outro...
>
> É uma coisa engraçada, tem um cara que esta em New York, que é amigo meu e que nós andávamos muito juntos. Existiu uma colega de faculdade dele que, era de se supor no meio universitário não aconteceria, por ela nos ver muito juntos, perguntou a mim se nós transávamos. Acho que é bem por aí...
>
> O homem não expressa seus afetos por ir contra a identidade masculina.

A aceitação de novos modelos pra o homem, modelos que reflitam mudanças na imagem, são mencionados, apesar de quando se referirem a eles façam menção ao que lhes ficou da experiência com seus pais, e mais especificamente com o pai. Como novos modelos, apontam Caetano e Gabeira para marcar duas pessoas que eram consideradas como *desvios* do que seria o esperado para o homem, e que hoje passam a ter aceitação e respeito.

No que toca à figura do pai, falam de uma experiência pouco afetiva, permeada de obrigações e deveres. Alguns chegam a dizer o nome, pai lhes lembra patrão, e o contato com ele foi um encontro onde o que sentiram foi *apoio material e medo*. Justificam as posições que têm a partir do receio de serem discriminados e das experiências que viveram durante suas vidas, que lhes mostraram a certeza da marginalização. Diz ele:

> Uma vez, na época do vestibular, quando da lista dos aprovados, todos, homens e mulheres, se abraçavam. Havia na frente de nós uns guardadores de carro e eles olhavam para nós e diziam: viados. Não era de se esperar outra coisa.

A existência de fragilidade, insegurança, timidez, sensibilidade, atributos femininos, na identidade do homem é evitada, e se a mulher recebe socialmente status desvalorizado, da mesma maneira ocorrerá com o que manifesta aspectos que lhe são predominantemente atribuídos. Mesmo que em momentos considerem *homem e mulher como seres humanos* para minimizar as desigualdades, estas desigualdades retornam de outra maneira quando classificam feminino e masculino. E caso o homem resgate para si o que é considerado como feminino será discriminado.

Foi-lhe perguntado se, em uma situação pública, uma mulher lhes desse uma *cantada* como se sentiriam, e todos foram unânimes em responder que lhes faria sentir bem. Todavia, se o mesmo for feito por um homem, responderam que se sentiriam desrespeitados. Por exemplo, diz um sujeito:

> Às vezes, em determinadas circunstâncias, eu tenho uma tendência a negar contra algumas evidências.
>
> Aconteceu várias vezes de pessoas... não podia ser. Então nego, não é.
>
> Você se molda contra a ameaça e quando é direta, então, é muito complicado manter uma reação normal, uma reação descontraída... Se a coisa e explícita, uma cantada tipo: passa pra cá, vamos dormir juntos, aí é difícil... Mas eu não tenho uma reação agressiva. Entendo.
>
> Já me vi nessa situação, é engraçado. Quando a coisa é feita de maneira indireta a pessoa vem te segurando, começa a falar de homossexualismo para ver a sua reação... e mantém a coisa sempre a nível do discurso. A reação passa por aí, não é agressiva mas também não é descontraída. Isto ainda me assusta.

Lauro diz que:

> Todas as vezes que isso aconteceu, meu lado machista bateu profundamente forte, quer dizer, eu me senti por

> um lado da mesma maneira narcísica, quando acontece com mulher, um lado ficou satisfeito, ficou em evidência, ficou exaltado, mas como eu nunca transei o meu lado homossexual... Dependendo do homem eu vou me sentir extremamente agredido, quer dizer, eu normalmente nunca dou bola para nenhum homem, normalmente não, quer dizer, tem uma relação afetiva que vai a nível do respeito, eu acredito que se eu tivesse transando uma relação homossexual a resposta seria diferente, mas como eu nunca transei isso, nem sei se vou transar, nem tô muito preocupado com isso, a partir do momento que isso não é algo latente, é uma dúvida presente na minha vida mas eu também uso os meus critérios.

Everaldo relata uma situação:

> A cantada é algo que me deixa sem graça, de um modo geral. Mas uma vez, em Copacabana, parou um cara do meu lado de carro e me jogou um beijinho, eu me senti uma virgem de 15 anos, não consegui mandar o cara tomar no cu, fui andando rápido...

Respostas semelhantes se agrupam em torno desta questão. Irineu reflete a respeito:

> Se uma mulher me der uma cantada eu acho num primeiro momento que ela quer me dar, mas eu me sinto muito bem, envaidecido. Agora, num segundo momento eu começo a pensar e me pergunto: por que eu e não outra pessoa?
>
> No caso de um homem me cantar, se for uma coisa grosseira me sinto mal.
>
> Já aconteceu antes comigo. Eu não tenho experiências disso não. Os homens não costumam me cantar, ou então não percebi.

Jeremias fala que:

> Cantada de homem? Será que já aconteceu? Acho que nunca aconteceu comigo, mas eu acho que se tivesse acontecido, atualmente, pelo menos eu dispensaria...

As dúvidas que surgem procedem de uma argumentação: *se sou íntimo de uma pessoa, por que não trepar com ela?* E em sendo com homem a situação se torna aflitiva. Comenta um sujeito: *o homem está totalmente perdido*. Um outro diz que o *receio de ser identificado com a 'bicha' faz com que as pessoas evitem se to-*

car e ser carinhosas. No dizer de Carlos:

> O modelo do bicha, do homem que não é homem, há uma ameaça social que existe a esse *marginal* a tudo que tenha a ver com esse *ser marginal*, ele se afasta...
> Os homens se afastam por medo desse modelo, medo de serem identificados com ele e daí serem marginalizados pela sociedade.

Geraldo comenta:

> Mas eu acho que está, está exatamente ligado por aí, nê? A partir do momento que eu me torno intimamente ligado a uma pessoa eu me pergunto por que sim ou não trepar com esta pessoa. Por que eu me pergunto também não sei. Sei que os padrões geram estes tipos de pergunta...

Observa-se que entre homens o que não é falado ou discutido fica dentro das relações sob a forma de fantasias, e perpassam fantasias homessesuais. Tendem a manter como amigos aqueles que conheceram durante a infância, e com eles estabelecer uma relação de procura e continuidade. Amigos que conheçam em outras circunstâncias que não as tradicionamente formais se caracterizam pela superficialidade e ser perdem no dia-a-dia. Procurar um outro homem para conversar e discutir a intimidade é praticamente uma possibilidade extinta, uma vez que os fantasmas rondam e se mostram presentes. O contato físico, a expressão de emoções carinhosas são temidas e evitadas, mesmo que saibam que este limite é um limite social. Mantêm esta circunstância para fugir à marginalização e à discriminação. Cabe sobre esta discriminação o receio ao abandono e à rejeição.

Com estes elementos, tem-se um indivíduo infantilizado em suas emoções e com um sentido sempre em referência a outrem, a quem ele deve explicações e justificativas. Os afetos são possibilidades de contato com ele mesmo, contato que evita na medida

em que corre o risco de perder uma imagem idealizada que tem como preço ameaças prementes, seja com homens, seja com mulheres.

Lembramos o poeta: o *medo encobre o desejo*. Temer tanto a homossexualidade é talvez tanto desejá-la. Moacir Costa fala que: *lentamente o homem vai recuperando sua possibilidade de sentir, a capacidade de perceber o outro, que ele teve um dia e em algum momento perdeu. Vai se dando conta de que não precisa casar, de que não precisa ter relações sexuais aos 14 anos de idade só para não parecer meio bicha. Eu sinto, aliás, que a cobrança da heterosexualidade às vezes leva a conflitos homossexuais. Você pode exigir que um garoto comece muito cedo sua atividade nesse termo é tornar a escolha do papel sexual uma coisa difícil para ele. No meu trabalho clínico eu observo que existe um percentual considerável de homens que na realidade não conseguem se sentir confortavelmente bem nem dentro do hetero nem dentro do homossexualismo. São homens que se casam e têm filhos, mas que emocional e afetivamente não estão integrados. São homens que atuam quase que mecanicamente, sem um mínimo de vibração e satisfação dentro deste papel heterossexual. Também não são homossexuais. São homens meio indefinidos sexualmente, porque, em razão de pressões de adultos, não tiveram condições de fazer uma escolha livre e tranquila.*

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaríamos de reforçar alguns pontos que viemos discutindo até o momento e que emergiram da fala dos entrevistados.

Percebemos de certo modo que, segundo os sujeitos, tanto as relações afetivas quando as de trabalho estão comprometidas. Estas duas relações são as que expressam a relação do indivíduo com o mundo, assim, o comprometimento a que nos referimos é caracterizado pela falta de satisfação do indivíduo em um ou outro aspecto.

Algumas pistas temos para este fato: primeiro, analisando a própria condição na qual se constitui o sujeito, e segundo, pelo fato de perdurar na ordem social a violência, a agressão e a frustração para com o indivíduo quando nos deparamos com as concepções de um mundo capitalista denunciadas por Marx. Logo, como não comprometer a relação do indivíduo com o mundo se no mundo o mesmo se encontra em um estado de alienação (marxista) como porto de ancoragem de sua identidade? É numa dupla experiência de desprazer que o sujeito se constitui um e se inscreve na ordem social, sendo que entre um momento e outro existe uma distinção - a experiência de desprazer, caracterizada no primeiro momento é a condição estruturante do sujeito, na medida em que retrata a cisão da relação simbiótica com a mãe. O desprazer é o resultado da frustração de seu desejo e só a partir daí é que o sujeito se inscreve na ordem social, porém esta inscrição que poderia ser a experiência do encontro com o outro é senão a entrada num segundo registro tutelado pela alienação. Se

na primeira experiência sofre pela perda do prazer da relação simbiótica mas conquista sua identidade, sua autonomia, na segunda se depara com uma escolha em que precisa escolher entre a *vida ou a liberdade*. Entra no mundo escolhendo a vida, mas como escravo, conseqüentemente o desejo de entrada na ordem social fica comprometido. O indivíduo, portanto, sustenta em sua identidade o fantasma de uma segunda castração. Desta forma, a fixação à infância surge como uma possibilidade de preservação do prazer, de proteção do fantasma da angústia e da dor que experimentou quando se fez um.

A construção da identidade masculina se desenvolve sobre predicados em que a ilusão é uma parte relevante na relação do homem com o mundo — haja vista o que a sociedade valoriza como características da identidade masculina (Nogueira, 1986; Goffman, 1971; Revistas e jornais de circulação mencionados neste trabalho). Percebemos que este aspecto compromete as relações entre um indivíduo e outro, na medida em que o que faz a mediação de suas relações são ilusões sobre si ou sobre o outro. Todavia, a função dessas ilusões é distanciar o sujeito do reconhecimento de sua própria condição humana, reforçando a negação de ser somente o que um homem pode ser. Logo, é como se o conflito existente na identidade do próprio sujeito, mascarado por ele, se deslocasse para a ordem social. Sabe-se contudo,que o sistema capitalista e fértil em produzir dissociações, faz uma composição com a dinâmica intersubjetiva do sujeito, utilizando-se da mesma para desenvolver-se.

No que diz respeito à alteração da identidade da mulher, notamos que as considerações feitas pela psicanálise sobre

a dupla castração[12], experimentada por ela no processo de construção de sua identidade, favorece a uma diminuição da utilização das ilusões para mediação de sua relação com o mundo. Assim, uma possibilidade se abre no sentido de se poder demarcar os limites de sua identidade, bem como visualizar quais os possíveis pontos de ruptura com esta identidade — consequentemente a mulher pode constituir-se em outra. Não reduzimos este aspecto à alteração da identidade feminima, mas do ponto de vista da constituição do sujeito é um elemento que pode auxiliar-nos a compreender o continuísmo e o *silêncio crítico* que se situa sobre a identidade masculina.

Outro aspecto é o fato de que os sujeitos consideram que está existindo uma *mudança* na identidade do homem. Consideramos, contudo, que a mudança a que se referem situa-se a nível de comportamentos, sendo decorrência do homem estar experimentando um *lugar* social que anteriormente pertencia somente à mulher. Assim sendo, são mudanças de comportamento do homem. Pontuamos também que uma mudança produzida a nível da definição da identidade dos sujeitos, segundo o aspecto sexual das mesmas, não foi observado. Tanto o homem quanto a mulher são reconhecidos a partir do que se determina por masculino e por feminino. Percebemos que feminino redunda na definição da mulher e masculino na de homem. Estes elementos se mostram intensamente presentes na fala dos sujeitos, na determinação de suas ações, bem como no que se refere às suas preocupações.

---

(12) Cf. Freud, Sexualidade Feminina, 1931, S.E. vol. XX

Outro ponto que apontamos é o fato de que a afetividade masculina, do modo como se constitui, se apresenta como ponto de ruptura na identidade do sujeito, se para isto consideramos a importância que tem a genitalidade para o homem. Remetendo ao modelo físico, o sistema em que $\theta > 90^{o}$ se apresentaria enquanto o sistema projeto, ou seja, aquele que incorpora o *alargamento* da identidade do sujeito, quer dizer, que propicia a realização da *egoificação do id*. Este sistema se articula com os outros dois numa relação dialética, sendo que sua função é parametrizar a direção para construção da identidade do sujeito. Porém, o que encontramos no discurso dos entrevistados aponta para uma identidade em que os sistemas $\theta < 90^{o}$ e $\theta = 90^{o}$ operam sobre o desejo dos mesmos. O que queremos dizer é que o que situa o indivíduo num ou noutro sistema é a estrutura do seu desejo. Sendo que a consciência do desprazer a que se referem sustenta o prazer de permanência junto à cena edipiana.

Pelo que observamos na fala dos indivíduos, bem como o perfil delimitado socialmente para os mesmos, associado à posição que ocupam na sociedade, fomos levados a ponderar que o desejo masculino se desloca em torno de um eixo imaginário denominado por Freud Complexo de Édipo. Tendo em vista a condição de ingresso do sujeito na ordem social, apresentada nos capítulos I e II, de uma dupla violência, o sujeito fica remetido à fixação de seu desejo. É desta forma que sustenta o prazer incestuoso inconsciente, juntamente com o desprazer que sente pelo mundo, caracterizando a estrutura de seu desejo.

Algumas questões no entanto nos chamaram a atenção, como por exemplo: por que na construção da identidade do homem a

interdição de afetos tais como carinho e ternura é uma precondição para se construir a identidade masculina? Que significado tem este fato para a ordem social da qual o homem faz parte?

Uma reflexão contínua sobre estas questões se faz necessária, na medida em que pouco se discute o papel e as preocupações vividas pelos homens. Também um esforço, no sentido de buscar posições mais *realistas* dos homens diante da vida e de si mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. e SALAS, F. A Paternidade - um enfoque psicanalítico. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.

ALMEIDA, M.I. Maternidade - um destino inevitável? Rio de Janeiro, Campus, 1987.

ANDRADE, J. (org.). Contos Eróticos Masculinos - autores diversos. Rio de Janeiro, Record, 1986.

ARIÈS, P. História Social da Criança e da Família. 2ed. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1986.

ARIÈS, P. e BEJIN, A. Sexualidade Ocidentais. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.

BACHELARD, G. La Formation de L'esprit Scientifique. Paris, Libraire Phisolophique J Vrin, 1970.

_____. Le Racionalisme Applique. Paris, Press Universitaires de France, 1975.

BADINTER, E. Um é o outro. 2ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

BAKUNIN, M. Textos Escolhidos, Porto Alegre, L & PM, 1980.

BARBIN, H. O Diário de uma Hermafrodita. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.

BEAUVOIR, S. Le Deuxième Sexe. Paris, Ed. Gallimard, 1979.

BEIRÃO, O. "Fantasias Eróticas Masculinas", in Around (revista nº 75), São Paulo, 1985.

BIRMAN, J. e NICEAS, A. O Feminino: aproximações. Rio de Janeiro, Campus, 1986.

BLAKE & MOUTON. O Novo GRID Gerencial. 2ed., São Paulo, Biblioteca Pioneira de Administração e Negócios, 1984.

CHAUÍ, M. Repressão Sexual. 8ed, São Paulo, Brasiliense, 1985.

_____. Conformismo e Resistência. São Paulo, Brasiliense, 1986.

CLASTRES, P. A Sociedade contra o Estado. 3ed.,Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1986.

DENSER, M. (org.) Contos Eróticos Femininos. Autores diversos, Rio de Janeiro, Record, 1982.

DONZELOT, J. A Polícia das Famílias. Rio de Janeiro, Graal,1980.

DUARTE, L.F."Pouca vergonha e muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas". Águas de São Pedro, 4º Encontro Nacional da ABEP, mimeo., 1984.

DULLES, J. Anarquistas e Comunistas no Brasil. 2ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

DURAS, M. A Doença de Morte. Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora, 1984.

DURAS, M. L'Amant. Paris, Ed. de Minuit, 1984.

ENGELS, F. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. 3ed., Rio de Janeiro, Global, 1986.

FALCONNET, G. e LEFAUCHER, N. La Fabrication des mâles. Paris . Ed. du Seuil, 1975.

FIGUEIRA, S. "Modernização da Família e desorientação: uma das raizes do psicologismo no Brasil", in A Cultura da Psicanálise, São Paulo, Brasiliense, 1987.

FIGUEIRA, S. (org.) Uma Nova Família?, Rio de Janeiro, Zahar , 1987.

FIRESTONE, S. A Dialética do Sexo. Rio de Janeiro, Labor, s/d.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade - A vontade de saber. 4ed. Rio de Janeiro, Graal, 1980.

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. 4ed. Rio de Janeiro, Grall, 1984.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. 3ed., Petrópolis, Vozes, 1984.

FRANCHETTO, CAVALCANTE, HEIBON. "Antropologia e Feminismo", in Perspectivas Antropológicas da Mulher 1. Rio de Janeiro, Zahar 1981.

FRY, P. Para Inglês Ver. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

FREUD, S. (1905). "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade". in Obras Completas, Ed. Standard Brasileira, vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

FREUD, S. (1908). "Moral Sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna". in Obras Completas, vol. IX. Rio de Janeiro, Imago , 1969.

FREUD, S. (1910-17). "Contribuições à Psicologia do Amor" I, II, III, in Obras Complestas, vol. XI. Rio de Janeiro, Imago , 1969.

FREUD, S. (1912-13). "Totem e Tabu". in Obras Compeltas, vol. XIII. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

FREUD, S. (1923). "Organização Genital Infantil: uma extrapolação da Teoria da Sexualidade", in Obras Completas, vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

FREUD, S. (1924). "A Dissolução do Complexo de Édipo", in Obras Completas, vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

FREUD, S. (1925). "Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos". in Obras Completas, vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

FREUD, S. (1927). "O Futuro de uma Ilusão". in Obras Completas, vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

FREUD, S. (1931). "Sexualidade Feminina". in Obras Completas, vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

GABEIRA, F. O Crepúsculo do Macho. 23ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

GABEIRA, F. O que é isso, companheiro. 31ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

GRAMSCI, A. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

HEGEL. La Phenoménologie de L'Esprit, vol. I, Paris, Montaigne s/d.

HELLER, A. "O Futuro da relação entre os sexos". in A Crise da Família e a Relação entre os Sexos. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971.

HODSON,P. Os Machões: o comportamento do homem diante da Nova Mulher. São Paulo, Nobel, 1983.

JAPIASSU, H. "A ciência também é machista"., in A Pedagogia da Incerteza. Rio de Janeiro, Imago, 1983.

LACAN, J. O Seminário - Livro 1. 2ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

LACAN, J. O Seminário - Livro 2. Rio de Janeiro, Zahar, 1984.

LACAN, J. O Seminário - Livro 3. Rio de Janeiro, Zahar, 1984.

LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário de Psicanálise. 6ed., São Paulo, Martins Fontes, s/d.

LASCH, C. A Cultura do Narcismo. Rio de Janeiro, Imago, 1983.

LEBRUN, G. O que é o Poder. 9ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.

LECLAIRE, S. Desmascarar o Real. Lisboa, Assírio & Alvim, 1977.

LEVI-STRAUSS, C. Les Strutures Elementaires de la parenté. Paris, Mouton, 1967.

LIMA, D.M. Comportamento Sexual do Brasileiro. 3ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

MALATESTA, E. Textos Escolhidos. Porto Alegre, L&PM, 1984.

MANNONI, M. A Teoria como Ficção. Rio de Janeiro, Campus, 1982.

MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. Vol. I. São Paulo, EDUSP, Ed. Pedagógica Universitária, 1974.

Mc. CARTHY, B. O que você ainda não sabe sobre a sexualidade masculina. São Paulo, Summus, 1981.

MÉSZÁNOS, I. Teoria da Alienação, Rio de Janeiro, Zahar, s/d.

MURARO, R.M. Libertação Sexual da Mulher. Petrópolis, Vozes, 1983.

MURARO, R.M. Sexualidade da Mulher Brasileira. Petrópolis, Vozes, 1983.

NIN..., A. Em Busca de um homem sensível. 4ed., São Paulo, Brasiliense,

NAVARRO V. BRAZIL, C. O Jogo e a Constituição do Sujeito na Dialética, Tese, USP 1983.

OLIVEIRA, L.S. Masculinidade, Feminilidade e Androginia. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.

PARSEVAL, G.D. A Parte do Pai. Porto Alegre, L&PM, 1987.

PESSOA, F. "A relação e a distinção entre os entes", "O que é metafísica", O problema de ser". in Obras em Prosa, Rio de Janeiro, José Aguilar, 1986.

POIAN, C. Homem e Mulher: abordagem sociais e psicanalíticas. Rio de Janeiro, L. Taurus Editora, 1987.

RADICE, M.C. O Último Homem. Autores diversos. 2ed. São Paulo , Brasiliense, 1982.

ROUSSELLE, A. Pornéia - Sexualidade e Amor no Mundo Antigo. São Paulo, Brasiliense, 1984.

SALEM, T. O Velho e o Novo. Petrópolis, Vozes, 1980.

SALOMÉ, L.A. Minha Vida. São Paulo, Brasiliense, 1985.

SICUTERI, R. Lilith: a Lua Negra. 3ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

TOLSON, A. Os limites da Masculinidade. Lisboa, Assírio & Alvim, 1983.

USSEL, J.U. Repressão Sexual. Rio de Janeiro, Campus, 1980.

VAINFAS, R. (org.) História e Sexualidade no Brasil. Rio de Janeiro, Graal 1986.

VAN GENNEP, A. Ritos de Passagem. Petrópolis, Vozes, 1978.

VELHO, G. Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

VELHO, G. Subjetividade e Sociedade. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

WILDE, O. O Retrato de Dorian Gray. 2ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

WOODCOCK, G. Os Grandes Escritos Anarquistas. 3ed., Porto Alegre, L&PM, 1986.

Macho Masculino Homem - a sexualidade, o machismo e a crise de identidade do homem brasileiro. Autores diversos, Porto Alegre, L&PM, 1986.

ANEXO 1

ROTEIRO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS

ROTEIRO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS

1. Quais as dificuldades que você encontra enquanto homem na relação com a mulher, no trabalho, com seus filhos, sua família e seus amigos?

2. Quais são os valores que você enquanto homem considera importante?

3. O que significa ser homem para você? Como você define o papel social do homem: tarefas, sentimentos e comportamentos?

4. Qual é o papel social que é desejado para o homem, o que você considera importante neste papel para o homem, e o que não considera?

5. O que mais exigem de você e que não é exigido da mulher? O que mais lhe é cobrado?

6. Quais são seus desejos: o que você pode, gosta, gostaria e não pode desejar?

7. Qual é o tipo de mulher que você escolheria para companheira? Por quê?

8. Quais são suas críticas ao papel tradicional desejado para o homem?

9. O que você acha do "machismo", o que considera como sendo uma atitude de macho?

10. O que você acha que diferencia um homem de uma mulher? Por quê?

11. Qual é sua opinião sobre o homem que assume características como fragilidade, insegurança, e se considera emotivo?

12. Como você expressa seus sentimentos, quais os que lhe mobilizam mais e quais os que a você são indiferentes? Por quê?

13. Como são suas relações com seus amigos: há contato físico, não há receios sobre o que dizer? Você poderia falar um pouco sobre estas relações?

14. O que você mais conversa com seus amigos, homens e mulheres?

15. Se você pudesse alterar o papel masculino, por onde começaria? Por quê?

16. O que você considera importante na sua vida sexual? Por quê?

17. O que te causa desprazer, e prazer?

18. Como você sente a solidão? E como você se sente quando se separa de alguma relação afetiva?

19. Qual sua opinião sobre as relações abertas (casamentos abertos)? E fechados?

20. Durante sua vida, considerando a infância, quais formam as experiências que marcaram a formação de seu papel de homem? Por quê?

21. Como você se sentiria se fosse "cantado" por uma mulher? Por quê?

22. E se você fosse "cantado" por um homem? Por quê?

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Circe Navarro Vital Brazil

Orientador (PUC/RJ)

Esther Maria M Arantes
PUC/RJ

Samuel Menezes Faro
Santa Úrsula

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 28 de Janeiro de 1988

p/ Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas